PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

A paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e se a defenderem até o fim. — STALIN (Da entrevista à "PRAVDA", fevereiro de 1951).

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Dominar a teoria marxista-leninista significa assimilar sua essência e aprender a aplicá-la para resolver os problemas práticos do movimento revolucionário nas diversas condições da luta de classe do proletariado. — Da "História do P. C. (b) da U. R. S. S.".

ANO XXVI — RIO DE JANEIRO, 1.º DE MARÇO DE 1952 — N.º 410

A LUTA PELA PAZ, NOSSA TAREFA CENTRAL E DECISIVA

Informe político ao C. N. do P. C. B. apresentado pelo camarada LUIZ CARLOS PRESTES

CAMARADAS!

São decorridos sete meses da última reunião do Comitê Nacional. Devemos agora examinar a atividade de nosso Partido com o objetivo fundamental de verificar em que medida temos conseguido intervir no curso dos acontecimentos e o que temos feito para mobilizar, organizar e unir as grandes massas de nosso povo para que participem de forma cada vez mais vigorosa na grande luta que se desenvolve no mundo inteiro em defesa da paz e contra o desencadeamento de uma terceira guerra mundial.

Nesta reunião devemos, portanto, esclarecer e precisar nossas tarefas atuais no que se refere fundamentalmente à luta pela paz que constitui a tarefa central e decisiva do nosso Partido e de nosso povo no momento que atravessamos.

— I —

O desenvolvimento da situação mundial nos últimos seis meses confirma plenamente o que dissemos nos Plenos do Comitê Nacional de fevereiro e junho de 1951. Cada dia tornam-se mais nítidas as duas linhas da política internacional: a linha do campo dos incendiários de guerra, que se orienta no sentido de criar novos focos de guerra e do desencadeamento de uma terceira guerra mundial, e a linha que se orienta no sentido oposto, no da luta pela solução pacífica de todos os conflitos, no sentido de acabar com a ameaça de guerra e que visa manter e consolidar a paz e a segurança entre os povos. Mas, enquanto o campo da paz se reforça e se consolida, o campo dos incendiários de guerra se desagrega e se torna cada vez mais fraco.

A política agressiva do govêrno dos Estados Unidos e dos países a êle submetidos acentuou-se ainda mais no ano de 1951 e assume formas cada dia mais descaradas, se bem que toda a sorte de disfarces ainda sejam empregados, visando sempre enganar as grandes massas e arrastá-las para a guerra. E' assim que, sob os disfarces do plano Schumann e do plano Pleven, para enganar particularmente ao povo francês, avança a remilitarização da Alemanha Ocidental, sob a égide do Pacto de guerra do Atlântico Norte vai sendo constituído o Exército da Europa, e novas Conferências se sucedem, em Ottawa, em Paris, em Londres e, mais recentemente, em Roma, com a presença de Eisenhower, novo gauleiter ianque para a Europa Ocidental, que exige dos govêrnos dos diversos países submetidos, novas medidas para acelerar os preparativos de guerra. Simultaneamente, no Pacífico, através de um pretenso tratado de paz com o Japão, os Estados Unidos procuram comprometer os govêrnos do maior número possível de países na sua política de colonização do Japão, visando transformá-lo novamente em foco de guerra na Ásia. Por meio dêsse documento, que não teve o apoio da Índia, nem da República Popular da China e cujo conteudo foi vigorosamente desmascarado pela União Soviética, procuraram os Estados Unidos justificar um acôrdo militar com o Japão e legalizar e ampliar suas bases militares em território japonês, de onde hoje já partem os piratas do ar que há 18 meses assassinam a velhos, mulheres e crianças na Coréia e destroem indiscriminadamente todo o país.

Essa crescente intensificação dos preparativos de guerra não traduz, no entanto, nem solidez, nem poderio, mas justamente o contrário, o desespêro crescente que reina entre os incendiários de guerra, a situação sem perspectiva em que se encontram, a debater-se com contradições crescentes e com dificuldades cada dia maiores e mais evidentes.

A economia de guerra dos principais países imperialistas, a hipertrofia da indústria de guerra e dos setores a ela ligados, se processa à custa da redução da produção civil, cujos preços tendem a aumentar, ao mesmo tempo que diminui o salário real e aumenta a exploração das grandes massas trabalhadoras. Aumentam rapidamente os lucros dos grandes monopólios interessados na produção de guerra, enquanto nos mercados de consumo reinam o "marasmo e a acumulação de stocks", como escreve o "New York Herald Tribune", de 9 de julho de 1951. As grandes massas trabalhadoras já pagam em todos os países do campo do imperialismo um alto preço pela corrida armamentista e em todos êles, a começar pelos EE. UU., aumenta o número de desempregados parciais e totais.

Nestas condições, acirram-se necessariamente as contradições entre o Capital e o Trabalho e assumem proporções cada vez maiores as lutas da classe operária e de todos os que vivem de salário contra a exploração capitalista. Cresce, igualmente o sentimento anti-bélico entre as grandes massas populares que sofrem cada vez mais as claras consequências da corrida armamentista e sentem o pêso crescente sôbre seus ombros do fardo que significa a militarização.

A fraqueza crescente na retaguarda do imperialismo está também no aprofundamento da contradição entre a exploração colonial que os imperialistas americanos e seus sócios ingleses, franceses, holandeses etc. procuram intensificar e a resistência dos povos oprimidos que no mundo inteiro, mas particularmente na Ásia, se levantam e lutam vigorosamente pela libertação nacional.

De outro lado, acentua-se igualmente a contradição entre os principais países imperialistas que lutam entre si de maneira cada vez mais encarniçada pelas fontes de matérias primas, pelos mercados para a produção de suas fábricas e por esferas de influência para a inversão de capitais. Essa luta se trava muito especialmente entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, como denotam os fatos em tôrno do petróleo do Irã, da influência na Índia, no norte da África e mesmo na América Latina, onde alguns elementos das classes dominantes ainda pensam obter o apoio dos imperialistas ingleses para poder escapar em parte da crescente pressão exercida pelos senhores de Wall Street e pelo govêrno de Washington.

Essa crescente fraqueza no campo do imperialismo é que determina a reação política que aumenta diariamente e que se manifesta pelo emprêgo descarado dos métodos fascistas na repressão violenta de qualquer resistência à política de guerra, tanto nos EE. UU., como nos demais países do campo do imperialismo. A repressão policial contra qualquer manifestação hostil à guerra, o anti-comunismo sistemático e a ação violenta contra o Partido Comunista é particularmente [illegible] nos EE. UU. Isto não impede, no entanto, que os ideólogos do imperialismo e todos os seus agentes continuem a falar na "democracia" americana e a pretender justificar a guerra contra a U. R. S. S. e os povos de todo o mundo, em nome da defesa do monstruoso "modo de vida" americano.

E com idêntico objetivo que o imperialismo ianque ao mesmo tempo que toma cada vez mais abertamente pelo caminho da preparação guerreira, continua cinicamente a falar em paz, em necessidades de armar-se para a defesa diante de uma pretensa agressão soviética.

Nessa política de duas caras são particularmente utilizados pelo imperialismo ianque os dirigentes dos partidos socialistas de direita que tudo fazem para dividir a classe operária, para impedir a frente única em defesa da paz e que, enquanto falam em "democracia" e "socialismo", destilam o seu veneno justamente contra a pátria do socialismo e tratam de mascarar os preparativos de guerra que vão realizando obedientes aos seus patrões de Wall Street. Com o mesmo fim procuram os imperialistas utilizar também as teses nacionalistas da camarilha de Tito, ao mesmo tempo que fazem da Iugoslávia base para a espionagem e a provocação contra a União Soviética e todos os países da democrácia popular.

Enquanto o govêrno americano tem a audácia de continuar falando em defesa da paz, seus aviões violam as fronteiras da União Soviética, como aconteceu recentemente nas proximidades da Vladivostock, e procuram lançar agentes titistas [illegible] países da democrácia popular, como ficou recentemente comprovado, graças à vigilância e ao valor das fôrças aéreas soviéticas.

Nova demonstração dessa política de estímulo e apôio à espionagem está na recente lei norte-americana de "segurança mútua" que reserva um crédito de 100 milhões de dólares para tentar armar e manter em território dos países da democrácia popular e da U. R. S. S. grupos militares e de sabotadores, motivo de recente protesto da União Soviética na ONU e de repúdio da consciência democrática do mundo inteiro.

Todos êsses fatos denunciam as intenções agressivas do imperialismo americano e põem a nu a hipocrisia de tudo quanto dizem Truman e seus agentes ao falar, como vem acontecendo com insistência cada vez maior nos últimos tempos, de paz ou de medidas para evitar a guerra. É certo que o imperialismo ianque ao falar em paz não se esquece de agregar que pretende um "paz pela fôrça", o que significa que falando em paz — anseio crescente das grandes massas — pretende sempre defender a corrida armamentista, a necessidade da fabricação de armas atômicas, a militarização de todos os países do campo imperialista.

Mas em que consiste na verdade essa tão proclamada paz americana? Trata-se da "paz pela fôrça", da paz imposta sob condições pelo próprio imperialismo que, ao formular suas condições, põe a nu suas verdadeiras intenções de hegemonia mundial e de exploração crescente de todos os povos, suas intenções de guerra portanto.

O que os imperialistas ianques pretendem com a sua "paz pela fôrça" e [illegible] o progresso da humanidade, é repetir a [illegible] aventura hitlerista de fazer parar ou andar para tras a roda da história. Dizem claramente que a paz é possível se os povos permitirem que o capital ianque os explore cada vez mais, que cada país renuncie a defender a indústria nacional e só desenvolva aqueles ramos da produção que não prejudiquem os interesses dos monopolistas ianques, que os lucros de tais monopólios continuem a ser sugados e drenados para o exterior, em vez de concorrerem para o desenvolvimento da economia nacional e para a elevação do nível de vida das grandes massas. Dizem que a paz é possível, mas que para tanto os povos devem renunciar à independência nacional, aceitar os governos dos homens de confiança dos trustes ou as ditaduras dos generais a serviço dos monopolios. A paz é possível, diz cinicamente Truman e repetem seus lacaios, sempre porém com a ressalva implícita de que os povos se submetam e estejam dispostos a entregar tudo para as aventuras guerreiras do imperialismo contra os povos livres, inclusive a vida de sua juventude.

A "paz" americana significa, portanto, para todos os povos a alienação total da soberania nacional e a aceitação integral do conhecido "modo de vida americano", quer dizer, a perseguição racial, o banditismo dos gangsters, a pornografia nas artes e na literatura, a mercantilização da mulher, a toxicomania, a liquidação enfim da cultura nacional de cada povo, o abandono forçado de suas tradições, a imposição enfim do cretinismo standardizado que propagam os agentes e porta-vozes dos ideólogos dos incendiários de guerra.

A "paz pela fôrça" do sr. Truman significa, portanto, a hegemonia do imperialismo sôbre o mundo inteiro; é, nas condições atuais do mundo, loucura inatingível e que justamente por isso só pode levar aonde querem chegar os fabricantes de canhões e bombas atômicas, à catástrofe de uma terceira conflagração mundial.

E é êsse igualmente o conteúdo da recente propósta denominada de paz, apresentada à 6.ª Assembléia Geral da ONU pela delegação norte-americana e logo subscrita pela Grã-Bretanha e França e apoiada por todos os govêrnos vassalos, inclusive e com especial servilismo pelos delegados do sr. Vargas.

Em nome da paz, o que visa a proposta dos EE. UU., Inglaterra e França é tentar ludibriar a vontade de paz das grandes massas populares. Enquanto os povos reclamam a proibição do uso e da fabricação das armas atômicas, que cesse a corrida armamentista, que seja enfim reduzido de maneira prática a tensão internacional, os delegados do sr. Truman pedem inquéritos e estatísticas. Os povos do mundo inteiro compreendem que são desnecessários quaisquer inquéritos e investigações para que se saiba que não é a U. R. S. S. que tem bases militares nas proximidades das fronteiras americanas ou tropas soviéticas, estacionadas no México, que são os ianques que têm bases militares nas proximidades das fronteiras soviéticas; os povos sabem que não é a U. R. S. S. que organiza blocos agressivos contra os Estados Unidos, que é o govêrno de Truman quem dirige o bloco do Atlântico Norte, bloco guerreiro agressivo abertamente dirigido contra a União Soviética; os povos sabem ainda que são os EE. UU. e não a U. R. S. S. que rearmam a Alemanha Ocidental e o Japão e que procuram, por meio da chantagem de "ajuda econômica" ou da pressão política, conseguir em toda parte soldados para suas aventuras criminosas contra os povos livres.

Em contraste com essa política de duas caras, de embuste e que visa enganar os povos e arrastá-los à guerra, ergue-se a verdadeira e honesta política de paz da União Soviética. A União Soviética luta consequentemente pela paz porque não tem nenhuma necessidade de guerra, porque na luta pelo bem-estar de seu povo e pelo seu desenvolvimento cultural precisa de uma paz sólida e duradoura, que lhe permita o avanço mais rápido no caminho do comunismo. Mas, como disse ainda recentemente o camarada L. Béria em seu notável discurso nas comemorações do 34.º aniversário da Revolução de Outubro, se a U. R. S. S. luta pela paz, não é apenas porque não necessite de guerra, mas também porque o novo regime social criado sob a bandeira de Lênin e Stálin é

> "o regime social mais justo, considera uma guerra de agressão como o mais grave crime contra a humanidade, como a maior calamidade para as pessoas simples do mundo inteiro".

Este é o elevado sentido das propostas de paz apresentadas por Vishinski na [illegible] Assembléia Geral da ONU. São propostas concretas, que abrem um amplo caminho para garantir uma paz duradoura. Declarar incompatível com a qualidade de membro da ONU a participação em blocos agressivos, como o do Atlântico Norte, assim como a construção de bases militares em territórios alheios, é libertar os povos da Europa Ocidental da carga crescente do rearmamento e do perigo iminente que para os mesmos significa a existência de fôrças armadas americanas dentro de suas fronteiras; fazer cessar a guerra na Coréia é extinguir um dos mais perigosos focos de guerra; tomar medidas práticas no sentido da redução dos armamentos e da proibição do emprêgo e fabricação das armas atômicas é livrar a humanidade da carga das despesas militares e da ameaça de extermínio em massa; e, finalmente, insistir na exortação às cinco grandes potências — Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética, França e República Popular da China — à conclusão de um Pacto de Paz é abrir a perspectiva de entendimento entre todos os povos, de estreitamento de suas relações comerciais e culturais, da diminuição da tensão internacional que a todos ameaça com uma terceira guerra mundial.

As propostas de paz da U. R. S. S. traduzem efetivamente a imensa vontade de paz de todos os povos, defendem realmente os interêsses e a vida de milhões de seres humanos que se sentem cada dia mais ameaçados pelos incendiários de guerra e recebem por isso um apôio entusiástico em todos os países do mundo.

Tendo à frente a poderosa e invencível União Soviética, os povos do mundo inteiro unem-se cada dia mais estreitamente e lutam com vigor crescente em defesa da paz. Não são sòmente as massas trabalhadoras de cada país que lutam contra o perigo de guerra, mas igualmente uma organização mundial de amplitude jamais vista e tão poderosa como a dos Partidários da Paz. Sob a sua influência esclarecedora, cêrca de 600 milhões de pessoas já assinaram o Apêlo do Conselho Mundial da Paz pela conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, manifestação impressionante da grande fôrça que se opõe no mundo inteiro às maquinações guerreiras do imperialismo norte-americano.

Nunca, como hoje, portanto, foram tão grandes no mundo as

(Continua na 2.ª página)

Saudação do C. N. ao Comitê Central do P. C. (b) da U.R.S.S.

Camaradas do C.C. do P.C. (b) da U.R.S.S.

Querido camarada Stálin:

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil saúda com amizade fraternal e profundo reconhecimento o C.C. do glorioso Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S., partido de Lênin e Stálin, destacamento de vanguarda do proletariado mundial na luta pela paz, a democracia e o socialismo.

Ao dirigir a grandiosa política de paz da União Soviética, ao realizar os geniais princípios leninista-stalinistas de defesa da paz, o Partido Bolchevique se faz credor da gratidão e do amor de toda a humanidade, que não deseja ser vítima da sanha assassina dos incendiários de guerra. Vós, queridos camaradas bolcheviques, abris na históória o luminoso caminho da conquista da paz, caminho pelo qual já marcham milhões de seres humanos, entre eles milhões de brasileiros.

Os povos oprimidos pelo jugo brutal do imperialismo, na luta por sua libertação, têm um grande e poderoso estímulo na política exterior da União Soviética, política bolchevique de respeito à independência dos povos e à igualdade de direitos das nações. Vós, queridos camaradas bolcheviques, tendo à frente o grande amigo dos povos — Stálin, inspirais a luta contra toda opressão nacional, luta que trava o povo do Brasil contra o imperialismo americano.

A obra imortal do Partido Bolchevique — a construção do socialismo e o avanço para o comunismo na União Soviética — é a maior fonte de inspiração e esperança para milhões de trabalhadores que sofrem ainda a bárbara exploração capitalista. Vós, queridos camaradas bolcheviques, alimentais com o vosso exemplo heróico a luta dos trabalhadores por uma vida melhor, por um futuro feliz, pela democracia e pelo socialismo.

Camaradas! Saudando o Comitê Central do Partido Bolchevique, os comunistas brasileiros orgulham-se em proclamar sua fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário, aos sábios ensinamentos de nosso grande mestre Stálin, cujo pensamento nos guia na luta que travamos pela paz, a libertação nacional e a democracia popular.

O Partido Comunista do Brasil, vanguarda do proletariado brasileiro e expressão dos sentimentos patrióticos da nação, reafirma a solidariedade do povo brasileiro à União Soviética e nossa decisão de lutar contra qualquer tentativa de agressão ao País do Socialismo.

Em nome do proletariado e do povo do Brasil enviamos as saudações mais afetuosas ao grande e querido camarada Stálin, manifestando-lhe nossa ilimitada gratidão e prometendo lutar com vigor ainda maior pela causa da paz, da democracia e do socialismo.

Viva o glorioso Partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S.!

Viva o camarada Stálin, nosso guia e mestre, porta-bandeira da paz!

A reunião do Comité Nacional do Partido Comunista do Brasil

Reuniu-se neste mês de fevereiro o Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil. A realização dêsse Pleno teve um significado político especial. Nêle foram debatidos importantes problemas de nosso povo, destacadamente a luta pela manutenção da paz. As resoluções tomadas são novas e poderosas armas nas mãos dos comunistas, da classe operária, de todo o povo brasileiro. Elas contribuirão para a intensificação das ações patrióticas em defesa da paz, pela libertação nacional, pela democracia popular.

Iniciados os trabalhos, foi lida uma carta do camarada Prestes dirigida aos membros do C. N. Nêsse documento, o secretário geral e chefe de nosso Partido reafirma a sua confiança no Comitê Nacional, "a direção mais provada que já teve o nosso Partido", reafirma sua fé na capacidade do Partido de cumprir seu papel de vanguarda revolucionária de nosso povo, pois "o nosso Partido é hoje mais forte do que nunca".

Depois de eleito o presidium efetivo para dirigir os trabalhos do Pleno, foram escolhidos para o presidium de honra o camarada Stálin e demais membros do Bureau Político do Partido Comunista (b) da U.R.S.S., camaradas Molotov, Malenkov, Béria, Vorochilov, Bulganin, Andreev, Mikoian, Kruchchev, Kaganovitch, Kosiguin e Schvernik.

A ordem do dia aprovada foi a seguinte:

1.º ponto — Informe político da Comissão Executiva, apresentado pelo camarada Prestes.

2.º ponto — Informe da Comissão Executiva sôbre o Reforçamento da Vigilância Revolucionária, apresentado pelo camarada Diógenes Arruda.

Em seguida, um dos componentes do presidium efetivo fêz uma saudação ao camarada Stálin e a todos os membros do Bureau Político do Partido Comunista (b) da U.R.S.S., saudação que foi ovacionada pelo plenário. Em seguida, outro participante da reunião homenageou a memória do camarada Julio Cajazeiras, assassinado em Barra Mansa.

Passou-se, então, à leitura do informe político da Comissão Executiva, apresentado pelo camarada Prestes. Ao atingir o ponto em que são citados os nomes dos heróis e mártires do P. C. B., o plenário pôs-se de pé, numa homenagem especial. Ao terminar a leitura do informe, novamente pôs-se de pé o plenário, aplaudindo vigorosamente o secretário geral do Partido Comunista do Brasil.

Depois da discussão e da intervenção de encerramento do primeiro ponto da ordem do dia, o presidium pôs em aprovação o informe. Exprimindo o seu reconhecimento ao grande chefe e secretário geral do Partido pela ajuda decisiva que seu informe trouxe ao Comitê Nacional, exprimindo o entusiasmo do Pleno por sentir que o camarada Prestes, através do seu informe, estava presente àquela reunião de tamanha importância para o Partido e para as lutas de nosso povo, o informe foi aprovado por aclamação sob vibrantes aplausos.

Passa-se, então, ao segundo ponto da ordem do dia, com a leitura do informe da Comissão Executiva apresentado pelo camarada Diógenes Arruda, "Reforçar a Vigilância Revolucionária, Tarefa Vital do Partido". No final da leitura, o plenário, de pé, aplaudiu o informante.

Terminado o debate e após o encerramento da discussão em tôrno do segundo ponto da ordem do dia, o informe sôbre vigilância foi aprovado com vibrantes aplausos do plenário.

Como uma decorrência dêsse informe foi então apresentada a proposta de expulsão do renegado José Maria Crispim do Comitê Nacional e das fileiras do Partido. Posta em votação, foi aprovada.

Foi ainda aprovada a proposta da resolução sôbre as comemorações do 30.º aniversário do P. C. B., determinando que as mesmas se estendam por três meses, isto é, até 25 de março, levando-se em conta que elas já vêm sendo efetivamente realizadas desde 3 de janeiro.

A SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO

O Pleno foi encerrado com uma sessão solene em que foram aprovadas diversas mensagens e saudações.

Inicialmente, o plenário se manteve um minuto de pé, em silêncio, homenageando assim, mais uma vez, a memória dos heróis e mártires do P.C.B.

O presidente pronunciou então o discurso de abertura da sessão, passando em seguida a ler as mensagens e saudações do Pleno:

— Mensagem ao camarada Stálin e ao C. C. do Partido Bolchevique.

— Mensagem ao camarada Prestes, secretário geral do Partido Comunista do Brasil.

— Saudação ao camarada Alvaro Cunhal, dirigente do Partido Comunista Português.

— Saudação ao camarada Obdúlio Barthe, dirigente do Partido Comunista do Paraguai.

— Saudação ao camarada Agliberto Vieira de Azevedo.

— Saudação ao camarada Antonio Recchia.

— Mensagem à família do camarada Julio Cajazeiras.

— Saudação aos presos políticos.

Falou ainda um dos participantes do Pleno prestando homenagem ao camarada Ortiz, bravo combatente de Porecatu. Finalmente, um dos componentes do presidium efetivo pronunciou o discurso de encerramento, que terminou sob calorosos aplausos.

Antes de encerrar a sessão, o presidente pediu a aprovação do plenário para a proposta feita por um dos camaradas presentes no sentido de que fôsse enviada uma mensagem ao Partido do Trabalho da Coréia, dizendo que o P. C. B. está desenvolvendo seus melhores esforços para impedir que soldados brasileiros vão combater contra o povo da Coréia.

Tôdas estas mensagens e saudações foram aprovadas de pé por todos os participantes do Pleno, com calorosas manifestações de entusiasmo.

Assim, depois de uma discussão aprofundada e fecunda que revelou novas vitórias alcançadas pelo Partido à frente das lutas das massas, bem como no sentido do seu próprio reforçamento orgânico, político e ideológico, encerrou-se o Pleno do Comitê Nacional. O Partido e as massas dispõem agora de novas e mais afiadas armas para a sua luta pela paz, pela libertação nacional e pela democracia popular.

A luta pela paz, nossa tarefa central e decisiva

(Continuação da 1.ª página)

possibilidades existentes no sentido de impedir o desencadeamento de uma nova guerra mundial. Em tôrno da bandeira da paz formam os povos que lutam pela libertação nacional do jugo imperialista, formam os camponeses que se querem livrar da exploração feudal, formam os trabalhadores que lutam contra o capital, formam tôdas as pessoas honestas que não estão dispostas a dar suas vidas e as de seus filhos para que um punhado de incendiários de guerra obtenha lucros fabulosos, arraze países e infelicite a povos inteiros. Se os povos se mantiverem vigilantes, se persistirem na luta em defesa da paz, se souberem cerrar fileiras em tôrno dos povos livres da União Soviética e de seu chefe o grande Stálin — porta-estandarte da paz no mundo inteiro — a paz vencerá a guerra.

II

A medida que se agrava a situação mundial, que aumenta o desespero dos incendiários de guerra norte-americanos, e, portanto, a pressão que exercem sôbre os govêrnos vassalos dos países dominados, mais se acentuam as características fundamentais do govêrno do sr. Vargas, como um govêrno de traição nacional, um govêrno de guerra, de fome e reação policial. Nos últimos meses novos fatos vieram confirmar com vigor crescente, tanto no âmbito da política externa como no da política interna, o caráter de traição nacional do govêrno do sr. Vargas, sua submissão aos interêsses dos monopólios ianques e à política de guerra do Departamento de Estado norte-americano.

Torna-se cada dia mais evidente que o govêrno do sr. Vargas tudo faz para levar à prática as criminosas decisões tomadas na Conferência dos ministros do Exterior dos países do Continente americano realizada em Washington, e que em ligação com as medidas de caráter militar tomadas naquela Conferência de guerra e colonização, sua política se desenvolve fundamentalmente no sentido de acelerar a preparação do país, para a guerra e, muito especialmente, do envio de tropas brasileiras para o estrangeiro, seja para a Coréia ou para qualquer outra parte do mundo, segundo as or[illegible] dos generais ianques. Inter[illegible] a militarização do país e [illegible] govêrno do sr. Vargas toma, dia a dia, novas medidas práticas que lhe permitam atender em "tempo útil", às exigências do Departamento de Estado Americano, que se tornam cada vez mais categóricas e prementes.

E, assim, que em fins de junho, por intermédio do Secretário Geral da ONU, já o imperialismo ianque dirigia-se diretamente ao govêrno brasileiro para solicitar a remessa de um contingente de tropas para que participe na guerra de agressão ao povo coreano, exigência que foi ostensivamente reforçada pelo próprio embaixador ianque no Rio, enquanto o gangster Edward Miller fazia declarações aos jornais, exigindo que "os países da América façam o supremo sacrifício de enviar seus homens para lutar na Coréia".

Em fins de junho, nos Comitês das Fôrças Armadas e das Relações Exteriores do Senado americano, ao mesmo tempo que o general Charles L. Bolte, já designado para comandar o denominado Exército do Continente, advertia que os militaristas ianques "não têm intenção de advogar a entrega de equipamento tal como artilharia antiaérea e canhões a qualquer das nações latino-americanas enquanto não estiverem plenamente satisfeitos de que essas nações podem e querem contribuir na tarefa comum de defesa", o gangster Edward Miller acentuava que entre os objetivos essenciais do Departamento de Estado está o de "manter as fôrças armadas latino-americanas em prontidão". São declarações que se completam e que revelam abertamente o plano dos incendiários de guerra quanto aos países da América Latina, que devem enviar soldados para os teatros de guerra designados por Truman onde então receberão o armamento necessário para a ação. E' a tão humilhante papel que se prestam os Góis Monteiro e Estillac Leal que vendem descaradamente o sangue de nosso povo e se submetem às exigências e às ordens dos generais ianques.

E os jornais norte-americanos, como o "New York Times" e outros, continuam quase que diàriamente a formular apêlos e exigências, mais ou menos veladas, estranhando sempre que os soldados brasileiros ainda não estejam combatendo na Coréia. "A participação do Brasil na campanha da Coréia seria de grande valor tanto para a solidariedade do Hemisfério, como no plano mundial", escreve um jornal norte-americano em fins de novembro.

E como que a revelar o interêsse do Vaticano e da alta hierarquia da Igreja católica romana nas matanças da Coréia, um telegrama da AFP publicado nos jornais brasileiros de 14 de dezembro informa:

> "Recentemente, o padre Joseph Thorning, da Ordem dos Jesuítas, escreveu na revista hebdomadária "The Diplomat", que os círculos diplomáticos bem informados do Rio esperavam que "o dinâmico e clarividente presidente Getúlio Vargas envie, dentro de pouco tempo, um contingente de fôrças brasileiras à Coréia".

Semelhantes declarações, exigências e apêlos denunciam o que efetivamente se passa e permitem que se avalie as proporções já atingidas pela pressão política e econômica exercida pelos incendiários de guerra e seus governantes de Washington sôbre seus agentes e lacaios que exercem postos de responsabilidades no govêrno do sr. Vargas. Outro indício, por demais evidente dessa crescente pressão, está, sem dúvida, no número cada dia maior dos "visitantes" ianques de tôdas as categorias que percorrem o nosso país, tudo investigam e inspecionam, ao mesmo tempo que subornam e corrompem capitalistas e políticos, fazem promessas ou formulam ameaças aos homens de govêrno. São descarados propagandistas de guerra, comerciantes, industriais, espiões, padres e generais e até tinha me mo um cardeal do Papa, como o sr. Spellman.

Nessa emergência e diante de semelhante pressão de seus patrões de Wall Street, qual tem sido na verdade a posição do govêrno do sr. Vargas?

— E' certo que ainda não se sentiu com fôrças para enfrentar a opinião pública e atender, com a presteza que deseja, às exigências de Truman. Até mesmo os marinheiros que enviara aos EE. UU. com a intenção de mandá-los de lá diretamente para o teatro de operações militares na Coréia, tiveram de regressar, em parte ao menos, ao país sob a pressão das exigências populares.

E' evidente, no entanto, que o govêrno do sr. Vargas manobra e que todos os seus esforços se concentram hoje no sentido de encontrar os meios e formas que lhe permitam amortecer a vigilância popular, enganar as massas e surpreendê-las com fatos consumados. Isto o que revela o conteúdo da nota oficial de 30 de junho último, a respeito da solicitação do Secretário Geral da ONU, e que a Comissão Executiva de nosso Partido oportunamente desmascarou ao afirmar:

> "Vargas confessa cinicamente que está disposto a satisfazer "em tempo útil" às exigências dos provocadores de guerra, mesmo à custa do sangue da juventude brasileira".

E é com o objetivo de atender a semelhantes exigências que a política do govêrno do sr. Vargas se orienta fundamentalmente no sentido da preparação do país para a guerra e de sua crescente militarização. Desde sua primeira mensagem ao Congresso Nacional, em março de 1951, foi perfeitamente definida a política guerreira do govêrno que consegue acelerar a votação no Congresso Nacional dos projetos de leis apresentados pelo seu antecessor elevando de 50% os efetivos dos quadros de oficiais do Exército e de mais de 30% os de oficiais da Marinha e insiste na alteração da lei de serviço militar para que qualquer brasileiro entre 16 a 51 anos de idade possa ser convocado, haja feito ou não o serviço militar.

Simultaneamente continuam aumentando as despesas feitas pelo país com o seu aparelhamento militar. No orçamento para o ano de 1952 as verbas *diretamente militares* atingem ao montante de 8.241.469 mil cruzeiros, o que corresponde a 34% do total das despesas previstas. A isto deve agregar-se vultosas verbas, com idênticos fins de guerra, incluídas nos orçamentos de outros Ministérios, como os da Justiça, Viação, etc. Tais números estão longe, porém, de traduzir a realidade, porque a maior parte das despesas feitas com material de guerra é coberta por créditos adicionais, por verbas extra-orçamentárias ou por fundos especiais e secretos que atingem somas cada dia mais altas. Assim, o denominado *Fundo Naval*, obtido por meio da elevação do impôsto de exportação e que deve produzir nunca menos de 700 milhões de cruzeiros por ano, constitui parcela extra-orçamentária inteiramente dedicada à aquisição de material de guerra para a Marinha.

Outras formas, mais ou menos camufladas, são utilizadas pelo govêrno para aumentar as despesas militares sem revelar à nação o vulto cada dia maior de semelhantes gastos, enquanto o povo continua sem casas para morar, sem escolas e sem hospitais e no país inteiro, desde a Capital da República, serviços públicos essenciais, como os de água e esgotos, ou não existem ou são dos mais precários, com consequências fatais para tôda a população, cujos índices de mortalidade continuam sendo dos mais altos do mundo.

E as despesas com a militarização do país tendem a assumir proporções cada dia maiores em consequência da rápida elevação dos preços do armamento em geral. Canhões, navios de guerra e aviões militares tornam-se cada dia mais caros, significando a sua aquisição, mesmo a mais parcimoniosa, onus insuportável para a nação que por êsse caminho vai sendo arrastada a uma catástrofe financeira inevitável que a colocará em dependência ainda maior dos financistas de Wall Street.

Para que se possa ter uma idéia do ônus que significaria para a nação a aparelhagem de uma simples divisão de Infantaria, dos 20.000 brasileiros que Truman quer que sejam imediatamente enviados para a Coréia, basta saber que o custo médio da manutenção de *um soldado* equipado para a guerra moderna já é hoje, nos Estados Unidos, de 17.060 dólares por ano em vez dos 7.531 dólares gastos na última guerra mundial. Isto significa que a simples manutenção em pé de guerra daquele contingente inicial de 20.000 homens representaria para a nação um ônus de 7 bilhões de cruzeiros anuais que, mais cedo ou mais tarde, teriam de sair das costas do povo brasileiro.

Insensível diante das necessidades prementes de nosso povo, o govêrno do sr. Vargas prossegue pelo caminho da militarização e, segundo o plano de convocação assinado pelo sr. Estillac Leal, prevê para o ano de 1952 a incorporação às fileiras do Exército de 100 mil jovens, número que não foi atingido em nossa terra nem mesmo na época da última guerra mundial, quando as fôrças de agressão nazistas ocupavam Dakar e seus submarinos torpedeavam navios mercantes em nossas águas territoriais. Simultâneamente, o chefe do Escalão Territorial da 2.ª Região Militar (São Paulo), nos têrmos do aviso secreto denunciado pela imprensa popular, já toma medidas práticas no sentido da convocação de reservistas para o corrente ano de 1952. A pretexto de manobras militares, visa o govêrno chamar novamente às armas os reservistas recem-licenciados, o que só pode ser feito com fins de guerra e de embarque para o estrangeiro, portanto. Segundo nota oficial, já foram iniciados no Itamaraty novos entendimentos destinados "à conclusão de um acôrdo bilateral de assistência militar" entre os os govêrnos de Vargas e Truman, o que significa mais um sério passo no sentido da entrega das bases militares brasileiras ao govêrno americano, da entrega total das fontes de matérias primas e da preparação do país para a guerra.

Mas dessa política de guerra e de crescente militarização do país, decorrem outras consequências nefastas, entre as quais devemos destacar, em primeiro lugar, a crescente colonização do país pelos banqueiros de Wall Street. Torna-se cada dia mais evidente que o govêrno está efetivamente entregando aos monopólios ianques as principais riquezas do país. Neste sentido, exerce papel de maior significação a denominada Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que em nome da pretensa ajuda americana do Ponto IV, colocou nas mãos dos agentes dos monopólios ianques tôda a economia nacional, que vai sendo orientada ostensivamente no sentido de constituir-se como caudatária da indústria de guerra dos Estados Unidos. Dentro do mesmo plano de colonização crescente do país, está o chamado plano Lafer, já aprovado pela Câmara dos Deputados, mesmo na ignorância das obras projetadas e que só poderão ser realizadas se aprovadas pela mesma comissão do Ponto IV.

Os projetos do sr. Lafer visam a construção com o dinheiro do povo de bases militares para as tropas ianques, de portos e ferrovias que facilitem o transporte de minerais exigidos pela máquina de guerra norte-americana, enquanto a produção necessária à alimentação do povo e ao desenvolvimento da indústria nacional perece no interior do país por falta de transportes. Os grandes banqueiros, como o sr. Lafer e demais agentes do imperialismo, para conseguirem participar das emprêsas mistas imperialistas exigem da nação mais dez bilhões de cruzeiros de impostos e, como os referidos dez bilhões serão acumulados a título de empréstimo, no fim de 5 anos, só com os juros a pagar pelo Estado aos felizes capitalistas e ricaços donos dos títulos, sofrerá o povo uma nova sangria de 500 milhões de cruzeiros por ano, além da necessária amortização.

E' evidente que semelhante política significa crescente ameaça à indústria nacional que já sofre as consequências da falta de energia elétrica, de dificuldades cada vez maiores para aquisição de matérias primas indispensáveis, tudo, aliás, de acôrdo com a orientação traçada pelo sr. Charles Wilson na Conferência de Washington ao declarar que os países da América Latina, na atual emergência deveriam suspender quaisquer iniciativas que se destinassem ao seu desenvolvimento econômico para se dedicarem por completo e ùnicamente à produção daquilo que se torna necessário à máquina de guerra norte-americana.

Nesse sentido, assume importância cada dia maior o petróleo brasileiro que é reclamado com exigência crescente pelos incendiários de guerra e todos os seus agentes e propagandistas em nossa terra. Diante da vigilância popular, que cada dia compreende melhor o que significará para o país a entrega de seus recursos petrolíferos aos trustes americanos, justamente no momento em que na Pérsia o povo obriga o govêrno a confiscar as emprêsas imperialistas do mesmo ramo, trata o govêrno do sr. Vargas de mais uma vez enganar a Nação para servir aos seus patrões de Wall Street. O projeto recentemente enviado ao Congresso sôbre o assunto, assinado sob o fogo de artifício de discursos demagógicos, pseudo-nacionalistas visa pura e simplesmente a entrega do petróleo brasileiro à Standard Oil. O sr. Vargas, através de um projeto capcioso que facilitará de mil maneiras a obra de subôrno e corrupção dos testas de ferro da Standard Oil, tenta realizar o que não conseguiu fazer seu antecessor — entregar definitivamente o petróleo brasileiro aos monopólios ianques. Será êste mais um passo considerável na sua política de guerra que só a fôrça organizada das grandes massas, animadas de ardente patriotismo poderá evitar.

As consequências dessa política de traição nacional, de colonização do país, de guerra e militarização crescente, do govêrno do sr. Vargas, tornam-se cada dia mais sensíveis para as grandes massas trabalhadoras e para toda a população do país. Pode-se dizer que com exceção do grupo cada vez mais diminuto de ricaços e tubarões, grandes proprietários de terras, grandes comerciantes, industriais e banqueiros, estreitamente ligados aos financistas de Wall Street, com exceção dessa minoria, que acumula lucros cada vez maiores, a maioria esmagadora da *Nação* debate-se, com dificuldades crescentes, em consequência dos impostos que aumentam, dos preços dos artigos mais indispensáveis que sobem como nunca, quando não desaparecem por completo do mercado, sem que os salários nem de longe acompanhem a elevação de todos os preços.

O govêrno "trabalhista" do sr. Vargas, tão solícito com os grandes fazendeiros e criadores, diante da dura realidade da situação em que se encontram as grandes massas trabalhadoras e de suas prementes necessidades, procura ganhar tempo, legalizando, sob o nome de salário mínimo, um salário de fome. São os próprios órgãos da imprensa burguesa que, baseados nos dados de organizações estatais, calculam em 1.950 cruzeiros o salário mínimo na Capital da República, salário que o sr. Vargas acaba de fixar em 1.200 cruzeiros, ou 60% daquele número oficial!

Simultâneamente com essa situação de miséria e fome, em que se debatem todos os que vivem de salários, para não falarmos dos desocupados, dos operários que não trabalham porque a Light reduz a corrente elétrica para as fábricas, e das grandes massas que sofrem no Nordeste, sem qualquer socorro sério as terríveis consequências da sêca, simultaneamente os víveres apodrecem no interior do país por falta de transporte e os pequenos produtores agrícolas são obrigados a entregar por preços inferiores ao custo da produção o arroz, o feijão, o milho, etc., tudo açambarcado pelos intermediários e agentes dos grandes comerciantes e banqueiros.

E como, juntamente com os impostos, aumenta a especulação, crescem os lucros e os meios de pagamento, tudo a ritmo cada vez mais acelerado, é evidente que a elevação dos preços prosseguirá quaisquer que sejam as medidas demagógicas empreendidas pelo govêrno do sr. Vargas. Fazendeiros e pecuaristas já reclamam da C. C. P. e exigem pelos jornais do sr. Chateaubriand novos reajustamentos de preços:

> "Estamos chegando ao período crítico. A capacidade de resistência e sofrimento dos agricultores e criadores esgotou-se. Ou há um reajustamento de preços de determinados artigos ou será o colapso da agro-pecuária. Aí já estão para serem ajustados com o parecer de todos os técnicos, os da carne, da manteiga, do açucar e de vários outros gêneros".

A ameaça é evidente e indica desde já claramente a que ficarão reduzidos dentro de breve os pequenos aumentos de salários que vão sendo conseguidos pela classe operária a custa das mais duras lutas contra a exploração patronal, contra o esfôrço divisionista do Ministério do Trabalho e a brutalidade dos agentes policiais.

E' para realizar semelhante política de guerra, de colonização, de miséria e fome para as grandes massas, que o govêrno do sr. Vargas, simultaneamente com a mais cínica demagogia, emprega contra o povo a mesma violência policial de seu antecessor e avança pelo caminho da liquidação total dos ultimos direitos democráticos e de fascistização do país.

Sucedem-se os discursos demagógicos e todos os esforços são feitos para enganar as massas, para adormecê-las com promessas e desviá-las do caminho da luta. Surgem então os chamados "tribunais populares", com que o govêrno procura encaminhar contra os pequenos negociantes o ódio popular aos grandes exploradores do povo; em nome da luta contra a carestia da vida são anunciadas grandes obras de portos e estradas de ferro que visam a produção para a guerra e não o transporte de víveres do interior do país; e, mais recentemente, para enganar o sentimento antiimperialista que cresce, faz o sr. Vargas grande escândalo em tôrno dos lucros do capital estrangeiro no país, sem tomar qualquer medida contra os ladrões que acusa e declarando simultaneamente que não se opõe ao capital imperialista, que não pretende de forma alguma estancar a sangria que sofre a Nação, com a remessa para o estrangeiro de juros de extorsão.

Paralelamente o govêrno do sr. Vargas para impôr sua política de guerra e militarização, continua o caminho de seu antecessor, o mesmo caminho ianque do anticomunismo sistemático — conhecida marca do fascismo no mundo inteiro, — da perseguição aos que lutam em defesa da paz, o caminho do terror armado contra os camponeses que lutam pela terra, das arbitrariedades e violências contra todos os trabalhadores que lutam contra a fome e a exploração crescente dos patrões.

A famigerada Lei de Segurança do Estado Novo getulista continua a ser utilizada com frequência cada vez maior contra todos os patriotas que lutam contra a guerra e que são por isso condenados pela "justiça" dos latifundiários a penas de longos anos de prisão.

Mas os policiais e governantes, justamente como Dutra que tanto reclamou uma nova Lei de Segurança, não se sentem seguros e já ameaçam a Nação com uma nova legislação terrorista e fascista, de acôrdo, aliás, com as decisões sôbre "segurança interna" tomadas na Conferência de Washington e que, como informa o sr. Góis Monteiro, devem constituir o ponto de partida para uma mais rápida e eficiente militar[illegible] o do país. Não foi outro, evidentemente, o motivo central do recente Congresso policial reunido na Capital da República — preparar a nova legislação contra as liberdades públicas e acertar medidas práticas para a coordenação em âmbito nacional da luta contra os partidários da paz e, em nome do anticomunismo, da luta contra os trabalhadores e todos os democratas e patriotas, comunistas ou não.

Pelo número de pessoas que já se encontram presas, pelas condenações a anos e anos de prisão, que se sucedem, de patriotas, de mulheres, de jovens, de operários e camponeses, de jornalistas, porque lutam em defesa da paz e contra a colonização crescente do Brasil pelo imperialismo norte-americano, pelo processo tipicamente ianque instaurado contra os dirigentes de nosso Partido, pelos métodos que vão sendo postos em prática para impedir as greves, para dividir a classe operária, pela recente decisão com que o govêrno procurou pôr fim à greve de aeronautas e aeroviários mobilizando-os militarmente para o serviço, por êstes e outros fatos, torna-se cada vez mais clara a política do sr. Getúlio Vargas, política de violência e de terror contra o povo, de marcha para a completa fascistização do país.

Para tentar justificar essa política de guerra e completa subserviência ao imperialismo norte-americano, os jornalistas da reação e os porta-vozes do govêrno do sr. Vargas utilizam todos os recursos e não poupam esforços para tentar enganar as grandes massas, apelando hipocritamente para o sentimento patriótico do povo, para a honra e dignidade nacionais.

Fala-se cada vez mais em "compromissos" assumidos, aos quais não pode o Brasil faltar e que o obrigam a participar das aventuras guerreiras de Truman. E como a fraseologia em tôrno da celebrada "fraternidade americana" já não é suficiente, como o que os monopólios ianques exigem são soldados para as agressões na Ásia ou na Europa, os novos "compromissos" de honra em que insistem os escribas da reação são para com a ONU, já transformada em instrumento e máscara do imperialismo americano, graças justamente à subserviência dos delegados dos govêrnos dos 20 países latino-americanos que constituem o bando mais obediente às ordens do Departamento de Estado norte-americano naquela organização.

Mas existem, por acaso, semelhantes "compromissos"? Ao assinarem a Carta de S. Francisco e organizarem a ONU, os povos assumiram certamente um compromisso de honra, e compromisso supremo de lutarem por uma paz sólida e durável, de respeitarem a independência de todos os povos e reconhecerem a todos, grandes e pequenos, os mesmos direitos. Além disto, segundo a própria Carta da ONU, a intervenção armada para defender a paz só é admissível e legal quando aprovada pelo Conselho de Segurança e com o voto unânime das cinco grandes potências, entre as quais se destacam a União Soviética e a China Popular, está, hoje, ilegalmente afastada da ONU. E' evidente que em semelhantes condições, pretender ainda falar em "compromissos" que obriguem colocar tropas brasileiras à disposição da ONU constitui desfaçatez sem nome, com o fito de explorar o sentimento de dignidade nacional, enganar as grandes massas e arrastá-las para a guerra.

Em suma, é êsse o caminho que vem sendo trilhado pelo govêrno do sr. Vargas, cada dia mais subserviente aos incendiários de guerra, govêrno que realiza a política dos latifundiários e grandes capitalistas que dominam a Nação e desejam uma nova guerra mundial na esperança de fazer bons negócios e acumular lucros fabulosos com a venda de artigos necessários aos beligerantes na Europa ou na Ásia. Egoístas e vorazes, sem qualquer resto de patriotismo, incapazes de qualquer amor ao povo, com medo crescente das grandes massas que reclamam a libertação nacional do jugo imperialista e a liquidação das bases econômicas da reação — do latifúndio e dos monopólios — êsses senhores, com seus governantes e politiqueiros, generais e jornalistas venais, se voltam cada vez mais para o estrangeiro e, em troca de lucros ou vantagens pessoais, vendem a Nação, traem cinicamente ao povo, e chegam à desfaçatez de vender o sangue e a vida da juventude brasileira.

Mas, como ensina a experiência mundial, a dolorosa experiência de todos os povos colonizados, não será fora do Brasil, na metrópole imperialista, submetendo os interesses nacionais aos dos Estados Unidos, com a venda do país, com a colonização crescente, nem com guerra, militarização, com miséria e fome para o povo, com reação fascista que poderão ser resolvidos os problemas nacionais e minorados sequer os sofrimentos do povo. O caminho da defesa dos interesses nacionais, o caminho reclamado pelo povo, pela maioria esmagadora da Nação, é diametralmente oposto a êsse caminho da traição.

O caminho do povo é o caminho da paz, da independência nacional, das liberdades democráticas, da melhoria das condições de vida das grandes massas, é o caminho do entendimento pacífico com todos os povos, o caminho de uma política para a maioria e não para a minoria, o caminho de um govêrno efetivamente democrático e popular, o caminho do progresso do Brasil e não o da entrega do país aos trustes e monopólios ianques. Foi êste o justo caminho apontado ao povo pelo nosso Partido no Manifesto de Agosto, o caminho da Frente Democrática de Libertação Nacional e do seu programa. E' êste caminho que, sob a direção da classe operária e de sua vanguarda, massas cada dia maiores vêm seguindo, através de lutas memoráveis.

O povo brasileiro luta com vigor crescente contra a política de guerra, de fome e reação policial que o sr. Vargas se esforça por realizar.

Isto significa que um dos traços característicos da situação nacional está justamente no crescimento que se acentua, dia a dia, das fôrças que em nossa terra lutam pela paz, pela libertação nacional, contra a fome e a reação. Quando, há poucos meses atrás, o Secretário Geral da ONU solicitou soldados brasileiros para a matança da Coréia, foi a manifesta oposição do povo que obrigou o govêrno a manobrar, evitando qualquer resposta imediata e clara. Graças à essa mesma fôrça, acabam de chegar ao país em parte ao menos, os marinheiros que o govêrno do sr. Vargas teve a ousadia de pretender enviar aos mares da Ásia para que participassem da agressão ianque ao heróico povo coreano e cujo regresso foi reclamado pelo país inteiro.

Torna-se cada dia mais clara nas grandes massas populares a consciência do perigo que as ameaça. O povo brasileiro quer a paz e não oculta seu descontentamento diante da política de guerra do atual govêrno. Cresce, por isso, a contradição entre as aspirações das grandes massas populares que querem ver o país livre da dominação norte-americana, que lutam por paz, pão e liberdade, e o que lhes pode dar o govêrno do sr. Vargas, cada dia mais submisso aos monopólios ianques e subserviente ao Departamento de Estado, aos incendiários de guerra, e, por isso, obrigado a preparar o país para a guerra, a agravar a situação de miséria das massas trabalhadoras e a avançar pelo caminho da colonização crescente, da reação e do fascismo.

O povo brasileiro resiste aos que querem arrastá-lo à guerra e, através de lutas sucessivas, manifesta sua vontade de paz, organiza suas fôrças para impedir que o país seja arrastado para a guerra, para a catástrofe a que o querem levar o imperialismo ianque e seus lacaios brasileiros.

A luta pela paz ganha o país inteiro, desenvolve-se e amplia-se, alcançando novas camadas sociais que vão sendo despertadas e mobilizadas à medida que se acentuam as nefastas consequências para todo o povo da militarização crescente do país e da política de guerra do govêrno.

Na luta pela paz intervêm ativamente destacadas personalidades sociais, magistrados e sacerdotes de todas as religiões, políticos e parlamentares de prestígio popular, cientistas, escritores e artistas de renome no país inteiro. Simultaneamente, ganha o movimento de partidários da paz as grandes massas trabalhadoras e populares, organiza Comitês de Paz em quase todos os Estados e nos principais municípios, e aumenta o número de Conselhos de Paz nas fábricas, nas escolas, nos mais importantes locais de trabalho e nas grandes concentrações residenciais, bairros, povoados, etc.

Para o desenvolvimento dêsse amplo movimento de massas muito tem contribuido a campanha lançada pelo Conselho Mundial da Paz, por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências. A exemplo da memorável campanha de assinaturas em apoio ao Apêlo de Estocolmo que tanto concorreu para ampliar a luta pela paz em nossa terra, a campanha em que foram angariadas mais de quatro milhões de assinaturas, apesar do terror policial reinante no país, a atual campanha por um Pacto de Paz tem constituido o centro poderoso em tôrno do qual tem sido possível mobilizar novas camadas sociais para a luta em defesa da paz, assim como dar maior consistência orgânica ao Movimento dos Partidários da Paz em todo o país.

A campanha de assinaturas em prol do Pacto de Paz entre as cinco grandes potências desperta o mais vivo interêsse entre as grandes massas populares, que, à medida em que são esclarecidas a respeito de sua significação e importância, não só o assinam sem vacilação, apesar de todas as calúnias e ameaças dos serviçais do imperialismo em nossa terra, como se movimentam para angariar novas assinaturas, ampliando, assim, cada vez mais a extensão da campanha. Daí as numerosas iniciativas que se sucedem, a dedicação e o espírito de sacrifício com que homens e mulheres, jovens e velhos, pessoas de todas as classes sociais entregam-se de coração à tarefa de angariar assinaturas e de esclarecer milhões a respeito do perigo de guerra que a todos ameaça e da necessidade de lutar pela paz.

Cresce de mês em mês o número de assinaturas conseguidas em todo o país. Assina o Apêlo do Conselho Mundial um número crescente de personalidades de destaque; dezenas de Câmaras Municipais, assim como algumas Assembléias Legislativas estaduais já votaram moções de apoio e é cada vez maior o número de organizações que participam da campanha e apoiam o Movimento dos Partidários da Paz.

Mais de 3 milhões de pessoas já subscreveram o Apêlo do Conselho Mundial da Paz e o recente III Congresso do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz constituiu grande êxito, manifestação viva de fôrça e de entusiasmo da imensa vontade de paz de nosso povo, que ganha o país inteiro.

E' cada vez maior o número de pessoas que se dispõem a defender com decisão crescente a vida de seus filhos e a não permitir que o govêrno do sr. Vargas prossiga impunemente pelo caminho que enveredou da militarização crescente do país, de entrega de suas riquezas aos monopólios ianques, de subserviência ao Departamento de Estado americano e de liquidação da soberania nacional.

A luta contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia e pela volta dos marujos que se encontram nos Estados Unidos, permitiu que se mobilizassem grandes massas contra a política de guerra do imperialismo americano e de seus lacaios brasileiros. Foram numerosas em todo o país as manifestações populares contra o envio de tropas para a Coréia, manifestações que assumiram proporções, especialmente entre os jovens, quando em fins de junho foi publicada a solicitação direta do Secretário Geral da ONU ao govêrno do sr. Vargas, exigindo um contingente de tropas brasileiras para ser enviado à Coréia. A campanha pela volta dos marujos alcançou o país inteiro, despertou o interêsse de grandes massas e teve repercussão, especialmente pelo eco determinado no seio das famílias dos marinheiros, obrigando o govêrno, por meio de notas oficiais, repetidas, a negar que pretendesse enviar marinheiros brasileiros para a Coréia, a mobilizar toda a imprensa burguesa e a intensificar a reação policial contra os manifestantes.

Mas, além dessa luta específica pela paz, contra o envio de tropas e contra a militarização do país, o povo também luta concretamente contra os efeitos da política de guerra, ao lutar por aumento de salários, contra a carestia da vida, pelas liberdades democráticas, contra a crescente colonização do país pelo imperialismo americano. A medida que se acentua a política de guerra, que o govêrno intensifica a preparação do país para a guerra, agrava-se a situação das massas, que ao lutarem pelos seus interesses mais imediatos, ao defenderem o pão e a liberdade ou ao manifestarem seu ódio ao imperialismo americano, lutam concretamente contra os efeitos da política de guerra, lutam efetivamente pela paz, se bem que sem compreender ainda, na maioria dos casos, que está naquela política de guerra a causa fundamental dos efeitos contra os quais lutam.

E' o que se passa com as lutas da classe operária. Assiste-se no país inteiro a um novo desenvolvimento das lutas reivindicatórias contra a exploração crescente e por aumento de salários. Depois das primeiras greves surgidas sob o atual govêrno, como a dos trabalhadores da fábrica de papel de Jaboatão, e a do Frigorífico Anglo, em Barretos, desencadeou-se uma série de movimentos grevistas tais como os dos ferroviários e transviários gauchos, dos têxteis, no Estado do Rio, dos têxteis de Belém do Pará, e muitos outros pelo país inteiro. A classe operária recorre cada vez mais à grande arma da greve, procura unir suas fôrças e vencer os esforços divisionistas dos patrões e do govêrno.

Os movimentos grevistas aumentaram rapidamente em número e em importância e revelam pelas novas características que assumem, como se acentua a radicalização da classe operária, como desaparece a confiança nas promessas do govêrno e como se desenvolve o sentimento de solidariedade e da necessidade de unidade de ação. As últimas greves importantes e de maior repercussão, como a dos bancários e, mais recentemente, a de aeronautas e aeroviários, denotam sem dúvida, que um nível mais alto foi atingido pelas lutas da classe operária em nossa terra. E' de se destacar a importância política que durante o seu curso, de mais de 60 dias de duração, tomou a greve dos bancários em São Paulo, com a participação ativa dos grevistas na luta pela paz, com a realização de passeatas com cartazes pedindo a nacionalização dos bancos e, ainda, com a luta vitoriosamente sustentada na Justiça do Trabalho, contra a legalidade do decreto n.º 9.070. A greve nacional dos aeroviários e aeronautas constituiu por sua vez, um magnífico exemplo de unidade e disciplina e teve por isso imensa repercussão no país e no estrangeiro, obrigando o govêrno do sr. Vargas a pôr a nú sua verdadeira cara de governante a serviço dos latifundiários e grandes capitalistas.

Apesar do arbítrio e da violência policial, a classe operária ganha a rua, faz demonstrações e passeatas de grande repercussão, como já o fizeram, após os bancários, os têxteis e os metalúrgicos de São Paulo, que vão à luta e conseguem a abolição da assiduidade de cem por cento.

Devemos ainda assinalar a tendência à unidade de ação que se manifesta através das convenções de sindicatos, movimento iniciado com a greve dos

(Continua na 3.ª página)

A luta pela paz, nossa tarefa central e decisiva

(Continuação da 2.ª página)

bancários, durante a qual chegaram a se reunir em convenção os representantes de 31 sindicatos e que prossegue entre os têxteis e metalúrgicos de São Paulo, entre os metalúrgicos de Minas Gerais, onde se reunem representantes de 19 sindicatos, em Porto Alegre, onde 19 sindicatos e 7 associações profissionais unem-se contra a carestia da vida.

Crescem igualmente, as lutas contra a miséria no campo que chegam a assumir, por vezes, a forma de choques violentos e de luta armada com a polícia e tropas da reação. Foi o que aconteceu, por exemplo, em Porecatú, onde o govêrno do Estado lançou contra os posseantes que defendiam suas terras de armas na mão, tropas armadas de morteiros, metralhadoras e gazes lacrimogêneos, que ocuparam a região onde implantaram o terror e obrigaram os grupos de posseantes a bater, temporariamente, em retirada, para evitar o massacre. O que caracteriza, no entanto, as lutas contra a miséria no interior do país [illegible] número crescente de movimentos camponeses de protesto contra a exploração crescente dos fazendeiros, contra as altas taxas de arrendamento, e de greves de assalariados agrícolas por aumento de salários e pelo pagamento de férias remuneradas, especialmente no interior de São Paulo, no norte do Paraná, no sul da Bahia e no Estado de Goiás.

E' necessário também acentuar a importância das lutas que se travam no Nordeste, na região assolada pela sêca, especialmente no Estado do Ceará e regiões limitrofes dos Estados vizinhos. Completamente abandonados pelos governantes, que mal fazem promessas ou enviam ridículas esmolas, sofrem os habitantes da região os horrores da fome e morrem pelos caminhos ou nas hospedarias do govêrno, verdadeiros campos de concentração. Os retirantes já lutam contra a fome, invadem fazendas e casas comerciais, matam o gado das fazendas, invadem cidades onde exigem das autoridades que lhes forneçam alimentos e dêem trabalho. Os camponeses do Nordeste exigem do govêrno pão e trabalho e mostram que estão dispostos a lutar porque, como dizem êles: "quem tem dor de fome, não pode ter dor de morte".

Crescem, enfim, os protestos contra a carestia da vida, contra a miséria e a fome, movimento que abarca não somente a classe operária, como setores das camadas médias e que se relaciona, direta ou indiretamente, com a luta contra a guerra e a crescente colonização do país pelos monopólios norte-americanos.

Por sua vez, à medida que o govêrno do sr. Vargas, por ordem de seus patrões de Washington e visando levar nosso país à guerra, intensifica a reação policial e dá novos passos no caminho do fascismo, desenvolve-se e ganha impulso a luta popular pelas liberdades democráticas, liberdade de imprensa, de reunião e associação, liberdade sindical e pelo direito de greve. Crescem os protestos populares, pessoas de todas as categorias sociais assinam pedidos de anistia, exigem a liberdade para os presos e perseguidos políticos e que tenham fim os processos judiciários que ameaçam de condenação desde operários grevistas e camponeses que lutam contra a miséria, desde partidários da paz que angariam assinaturas para o Apêlo por um Pacto de Paz ou reclamam a volta dos marinheiros brasileiros, até os dirigentes comunistas ameaçados por um processo de cunho tipicamente fascista. Foi êsse crescente movimento de massas contra a fascistização do país e em defesa da paz que juntamente com a solidariedade internacional, conseguiu arrancar do cárcere a lutadora pela paz Eliza Branco — vitória de grande repercussão no país e no estrangeiro. A luta pelas liberdades se liga, assim, cada vez mais à luta pela paz e pela libertação nacional, à luta contra o govêrno de traição nacional do sr. Vargas.

Outra importante frente de luta pela paz é a que decorre do crescente ódio popular ao imperialismo ianque cuja penetração no país se acentua com a política de guerra do sr. Vargas. E' assim que, enquanto o sr. Vargas manobra e faz esforços para enganar as grandes massas a fim de satisfazer as exigências crescentes da Standard Oil e dos demais monopólios ianques que querem se apoderar do petróleo, dos minerais estratégicos e rádio-ativos, de todas as riquezas naturais enfim de nosso solo, os patriotas se levantam contra semelhante pilhagem, alertam a Nação e conseguem dar um novo impulso à luta em defesa do petróleo e demais riquezas minerais.

Mesmo entre os elementos da burguesia nacional, pequena e média, não ligada ao imperialismo, cresce o descontentamento diante da política de traição do govêrno, política de submissão às imposições dos monopólios ianques que saqueiam as riquezas nacionais e apoderam-se das posições chaves da economia do país.

Tudo isso mostra como cresce no país o descontentamento por um lado, o sentimento de paz e o ódio ao opressor norte-americano. Cresce, igualmente, o desprestígio do govêrno e é essa situação de fato que obriga o govêrno do sr. Vargas a continuar manobrando ante a pressão crescente do govêrno norte-americano que exige tropas brasileiras e reclama uma militarização mais acelerada em nosso país. O govêrno do sr. Vargas, instrumento dos latifundiários e grandes capitalistas, serviçais do imperialismo americano, avança no caminho criminoso da guerra e aproveita todas as oportunidades para dar novos passos para diante, mas o faz com cautelas e utilizando todas as armas da demagogia e do engano, porque sente a fôrça crescente das grandes massas populares que lutam pela paz, pela libertação nacional, contra a fome e a reação.

Essa imensa vontade de paz de nosso povo reflete-se mesmo no seio das fôrças armadas, entre soldados e oficiais, como se verificou através dos acontecimentos do Clube Militar, que alarmaram os agentes do imperialismo e determinaram um desmascaramento mais rápido da política de traição nacional do sr. Vargas e de seus Ministros das pastas militares.

Mas, se o povo brasileiro já luta, como vimos, pela paz, pela libertação nacional, contra a fome e a reação, é igualmente certo, no entanto, que os êxitos alcançados estão longe de corresponder às imensas possibilidades existentes e ainda não estão na altura da gravidade da situação em que nos encontramos. A vontade de paz do povo e o descontentamento generalizado ainda não se cristalizaram em poderosas ações de massas e isto se deve, fundamentalmente, à dispersão ainda existente das fôrças do campo da paz e da democracia, em nosso país, sendo grande a falta que faz uma organização sólida e uma unidade mais ampla e organizada dessas fôrças.

Nestas condições e diante do perigo que ameaça a toda a Nação, torna-se urgente a mais ampla mobilização das fôrças favoráveis à paz e à independência nacional e o emprêgo de todos os esforços para uni-las e organizá-las. Só a ampla unidade de ação das grandes massas populares será capaz de impor sua vontade de paz e de efetivamente quebrar a política de guerra, de colonização, de fome e reação do sr. Vargas. Essa unidade de ação deve e pode ser conseguida em amplos setores sociais, dos que reclamam um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, à unidade de ação dos partidários da paz em tôrno do progresso do Congresso de Varsóvia e das decisões do III Congresso dos Partidários da Paz, à unidade para a luta em tôrno das reivindicações mais sentidas da classe operária, das massas camponesas, à unidade para a defesa das liberdades, para a defesa do petróleo e da soberania nacional, etc., tendo sempre em vista à unidade em tôrno do programa da Frente Democrática de Libertação Nacional.

O povo brasileiro unido e organizado será capaz de impor a sua vontade de paz, de independência nacional e de democracia.

O desenvolvimento da situação comprova, dia a dia, a justeza da apreciação feita pelo nosso Partido desde o Manifesto de Agosto. Se é certo que o govêrno de latifundiários e grandes capitalistas se desmascara cada vez mais como um governo de traição nacional que marcha pelo caminho da preparação de guerra, de outro lado, nosso povo, com a classe operária à frente, também deu grandes passos em sua luta pela paz e a libertação nacional, contra a política do govêrno e em defesa dos seus interesses vitais.

Nosso Partido tem acentuado que o povo não se deixará submeter passivamente e que lutará contra todos os seus exploradores e opressores. Os fatos demonstram que temos razão. Existem, em nosso país, as maiores possibilidades para que a luta pela paz se transforme em gigantesco movimento de massas contra a política de guerra e militarização crescente do país do atual govêrno. Para o povo brasileiro torna-se cada vez mais claro o problema da paz e da guerra — são imensas, portanto, as perspectivas, desde que o povo tenha a sua frente a classe operária dirigida por uma vanguarda consciente e combativa.

Existem todas as possibilidades para o desencadeamento de grandes lutas de poderosos movimentos de massas contra a fome e a reação, contra a crescente militarização do país, em defesa de suas riquezas naturais e da soberania nacional. Mas o vigor dêsse impulso está ligado à compreensão de que a paz é bandeira do povo, já que a guerra é o centro da política do imperialismo e de seus lacaios no país.

O povo brasileiro não se deixará enganar pelas manobras dos incendiários de guerra e de seus lacaios do govêrno Vargas, lutará com vigor crescente pela paz, pela democracia e pela independência da pátria, contra o govêrno de guerra e fome dos latifundiários e grandes capitalistas, por um govêrno efetivamente democrático e popular, por um govêrno de paz e independência nacional.

III

Vejamos agora, companheiros, qual tem sido o papel exercido por nosso Partido, em que medida tem êle contribuído para a ampliação e o desenvolvimento das lutas de nosso povo, em que grau temos efetivamente exercido a nossa missão histórica de vanguarda da classe operária e do povo. Examinemos, portanto, o que tem sido a atuação de nosso Partido, quais os seus êxitos e debilidades, muito especialmente no que tange à luta em defesa da paz que é "a questão decisiva para todos os povos" como já dizíamos nas Resoluções tomadas pelo Comitê Nacional em maio de 1949 e temos constantemente reafirmado, apoiados antes e acima de tudo, nos repetidos e insistentes conselhos do camarada Stálin, nosso mestre e guia, cujas palavras e ensinamentos iluminam o caminho da luta de todos os povos pela paz e o progresso social.

Tem o nosso Partido desempenhado o seu papel de vanguarda? Tem procurado impulsionar o nosso povo para a luta? Temos feito o necessário para esclarecer as grandes massas populares, para desfazer as mentiras com que os provocadores de guerra tentam enganá-las a fim de arrastá-las para a guerra? Tem o nosso Partido mobilizado as massas, despertando-as e procurando colocá-las em movimento? Camaradas!

A semelhantes perguntas nós, comunistas, podemos responder que fazemos esforços para cumprir o nosso dever e que, mau grado as perseguições, estamos à frente de nosso povo. Somos hoje mais poderosos que nunca, e somos nós que empunhamos com firmeza a bandeira da paz, da independência da Pátria e do bem-estar e do progresso para o povo.

Nosso Partido tem sido a fôrça principal na luta de nosso povo contra a guerra, contra a miséria e a fome, contra a reação e a marcha para o fascismo. Por tôda parte onde o povo luta, lá se encontram os comunistas nas primeiras filas, fazendo esforços para cumprir com honra o papel de vanguarda que lhes cabe.

Nas lutas de nosso povo em defesa da paz e na grande campanha de assinaturas por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, a contribuição dos comunistas tem sido decisiva, como destacada tem sido a atuação de nosso Partido na luta contra a remessa de tropas para a Coréia e pela volta à Pátria dos marinheiros brasileiros. A grande difusão que fizemos das históricas declarações do camarada Stálin, de fevereiro de 1951, constitui um dos pontos altos da atuação de nosso Partido no sentido de esclarecer e mobilizar as mais amplas massas de nosso povo para a luta em defesa da paz. Nosso Partido, fiel às suas origens, às gloriosas tradições da Internacional Comunista, é em nossa terra o único partido político que luta contra a guerra, é o Partido da paz para o nosso povo.

Ao mesmo tempo, lutamos junto ao povo, à frente da classe operária e de todos os trabalhadores contra as conseqüências da política de guerra do atual govêrno. Nosso Partido tem lutado contra a carestia, pelos interesses vitais dos trabalhadores, por aumento de salários e contra a feroz exploração a que são submetidos os camponeses. Em todos os movimentos da classe operária por maiores salários e contra a crescente exploração patronal, os comunistas estão sempre ao lado dos grevistas dispostos a todos os sacrifícios. Nas lutas dos trabalhadores do campo nosso Partido é o único Partido que luta efetivamente contra os grandes fazendeiros e que defende os interêsses das mais amplas massas camponesas, é o único que luta pela terra para os camponeses e são os comunistas que ajudam os camponeses quando estes se vêem na contingência de defender suas terras. E ainda são os comunistas que se colocam à frente dos retirantes da sêca no Ceará e os ajudam na luta por pão e trabalho.

Nosso Partido tem sido o defensor mais enérgico e conseqüente das liberdades democráticas, o organizador infatigável da luta contra o fascismo, diante da reação policial crescente, das medidas tomadas desde a ditadura de Dutra e continuadas pelo govêrno do sr. Vargas contra o direito de reunião, contra a liberdade de imprensa, contra a livre associação, contra o direito de greve e a liberdade sindical, etc., nosso Partido tem lutado ao lado de outras fôrças e tem sido o campeão da unidade entre todos os democratas em defesa das liberdades e contra o fascismo.

Sendo o único Partido que luta de fato e intransigentemente pelos direitos democráticos, é igualmente o Partido que se coloca à frente da luta pela libertação de todos os perseguidos, de todos os patriotas e partidários da paz presos processados ou já condenados pela reação.

Nossa imprensa foi igualmente a única que se colocou ao lado dos oficiais democratas do Clube Militar contra a campanha de calúnias com que todos os jornais a serviço do imperialismo e de seus lacaios brasileiros fizeram esforços para silenciar a voz dos oficiais patriotas e democratas, continuadores das melhores tradições de nosso Exército, que lutam pela soberania da pátria, em defesa do petróleo e das riquezas de nosso solo e contra a participação do Brasil em guerras de agressão.

Nosso Partido é ainda o único que luta conseqüentemente contra a dominação americana, contra a crescente colonização do país, em defesa das riquezas nacionais e contra a ocupação de nosso solo pelos generais e tropas norte-americanas. Fiéis às gloriosas tradições de nosso povo, que sempre lutou pela independência da Pátria, continuamos as lutas com que em 1946 conseguimos expulsar de nossas bases militares os soldados do imperialismo ianque e lutamos contra a sua entrega novamente aos incendiários de guerra de Wall Street.

E é justamente por isso que contra o nosso Partido se manifesta o ódio crescente dos imperialistas e de seus agentes. Merecer o ódio dos inimigos do povo, é nossa honra e nosso orgulho. E por tudo aquilo que determina o ódio dos incendiários de guerra contra nós que justamente torna-se cada vez maior a confiança que as grandes massas populares depositam em nosso Partido.

O povo brasileiro que jamais conheceu um regime efetivamente livre e democrático, que não conseguiu se livrar ainda da dominação imperialista e da opressão dos fazendeiros e grandes capitalistas, serviçais do imperialismo ianque, vê cada vez melhor em nosso Partido aquele que levanta bem alto a bandeira da verdadeira democracia, o Partido que luta por um govêrno democrático popular, um govêrno de paz, de independência nacional, de liberdade e progresso.

Eis aí, camaradas, a causa fundamental das perseguições, da violência, do ódio com que os inimigos do povo e seus policiais se atiram contra nosso Partido. Mas, diante da brutalidade crescente dêsses bandidos, nosso Partido, vanguarda do proletariado, unidade de pensamento, de vontade e de ação, retempera-se na luta, liga-se cada vez mais às grandes massas, ganha para suas fileiras os melhores filhos da classe operária e do povo, os homens e mulheres valentes e abnegados que se entregam de coração e sem quaisquer restrições à causa invencível do comunismo.

E permiti-me, camaradas, prestar a homenagem de nosso respeito e admiração, de nossa saudade e gratidão, à memória dos camaradas que nos últimos anos, desde que se intensificou a luta contra o nosso Partido em 1947, tombaram sob os golpes da reação.

Seus nomes anunciam o Brasil livre de amanhã:

William Dias Gomes e José dos Santos, (Lambari) assassinados pela polícia de Milton Campos porque lutavam contra a exploração dos inglêses das minas de Morro Velho; Pedro Godoy, Afonsa Marma e Miguel Rossi, abatidos pelo ódio sanguinário de Ademar de Barros aos camponeses que lutam pela paz e pela terra, contra a brutalidade da exploração nas fazendas de S. Paulo, Cirilo Marques e Serafim Santos, operários agrícolas de Santo Amaro, assassinados pela polícia de Otávio Mangabeira porque lutavam por um pouco mais de pão; Angelina Gonçalves, Euclides Pinto, Honório Couto e Oswaldino Corrêa, bravos lutadores da classe operária do Rio Grande, assassinados pelos policiais de Walter Jobim; Jaime Calado, o jornalista do povo, assassinado pelos integralistas em aliança com a polícia do govêrno udenista do Ceará; Zélia Magalhães, a jovem comunista que tombou sob as balas da polícia de Dutra-Lima Câmara, porque lutava pela paz e a liberdade; Antonio Francisco de Lima, Nelson Rodrigues de Vasconcelos, Anísio Dario, Vicente Malvoni, jovem lutador pela paz, Deoclécio Santana, que lutava em defesa do petróleo, Ortis, o dirigente camponês de Porecatú, José Bahiano, Adolfo Lopes Sanches, Bernardino Alves de Oliveira, Francisco Bernardo, operários e camponeses assassinados todos pelos policiais da reação nos mais diversos pontos do país. E os patriotas Aladin Rosales, Aristides Leite, Ari Kulman e Abdias Rocha, vítimas da monstruosa chacina de Livramento em plena campanha eleitoral e o lutador da classe operária Lafaiete Fonseca, barbaramente trucidado pelos facínoras da polícia carioca.

Estes, os novos mártires e heróis de nosso Partido, continuadores das tradições de luta de nosso povo e cujos nomes inscrevem-se para sempre nas gloriosas bandeiras de nosso Partido, que são as bandeiras da luta pela independência da pátria e pela emancipação da classe operária.

Prossigamos, camaradas, na apreciação que fazíamos da atuação do nosso Partido. Nessa atuação não há apenas lados positivos mas igualmente debilidades que devemos assinalar e cujas causas devemos procurar com empenho para eliminar com rapidez, a fim de que possamos avançar e dirigir com maior sucesso as lutas de nosso povo.

Se bem que na luta pela paz já tenhamos alcançado alguns resultados positivos, ainda não existe em nosso Partido uma compreensão suficientemente clara da importância primordial que hoje tem a luta pela paz, como nossa tarefa central e decisiva, e da amplitude que ela deve e pode alcançar. E' ainda muito generalizada em nossas fileiras a tendência a rebaixar a luta pela paz a uma simples tarefa prática e secundária. Idêntica incompreensão leva a que se encare a luta pela paz como uma tarefa exclusiva dos comunistas ou da classe operária, quando a luta pela paz pode e deve abarcar milhões, pode unir a maioria da nação. São tendências de direita ou de esquerda que mostram que ainda não compreendemos suficientemente que é através da luta pela paz que se fará avançar o movimento de libertação nacional, que é através da luta pela paz que mais rapidamente nos aproximaremos de nossos objetivos fundamentais. E' isto que precisamos melhor compreender.

A luta pela libertação nacional do jugo imperialista é tarefa imediata e decisiva de nosso povo. Não há outra solução para os problemas nacionais e é esta portanto a questão fundamental que se coloca diante da classe operária e de todo o nosso povo. Foi esta a bandeira que levantamos com o Manifesto de Agosto e em tôrno da qual se agrupam massas cada vez maiores, os democratas e patriotas de todas as classes e camadas sociais.

Diante de nosso povo está colocado o problema da libertação nacional do jugo imperialista e o das reformas profundas de estrutura indispensáveis ao progresso do país. A causa da miséria e dos sofrimentos de nosso povo está na dominação imperialista e no latifúndio. Sem afastar êsses obstáculos não pode o povo livrar-se da opressão, da fome, da ignorância, da exploração crescente a que o submetem os monopólios americanos e os grandes proprietários, comerciantes e banqueiros brasileiros ligados ao imperialismo. Mas essa luta pela libertação nacional não vem de hoje. Há longo período o nosso povo luta contra o jugo do opressor estrangeiro e pelo progresso do Brasil.

Com a Grande Revolução Socialista de Outubro novos rumos orientaram as revoluções emancipadoras nos países coloniais e dependentes. A partir de então os imperialistas já não podem oprimir tranquilamente às colônias e os países dependentes. Posteriormente ao desencadear a 2.ª guerra mundial, os imperialistas se propunham, não só estrangular o movimento de libertação nacional nas colônias, como converter em colônias a novos países e prolongar e fortalecer sua dominação. Tais cálculos, porém fracassaram. A derrota do fascismo alemão e do militarismo japonês pelo Exército Soviético, o enfraquecimento — em conseqüência da 2.ª guerra mundial - do campo do imperialismo em seu conjunto e o desenvolvimento e fortalecimento do campo da democracia e do socialismo, dirigido pela União Soviética, deram origem a um novo impulso no movimento de libertação nacional nos países coloniais e dependentes.

Derrotado o nazismo, nosso povo alcançou grandes vitórias e amplos horizontes se abriram para o desenvolvimento de sua luta emancipadora. O povo reconquistou seus direitos democráticos, ganhou as ruas, e nosso Partido conquistava pela primeira vez em sua vida a legalidade, elegia seus representantes ao Congresso Nacional e às assembléias estaduais e municipais e organizava em torno de sua bandeira grandes massas. Essa situação durou poucos meses, porém, porque o imperialismo americano que, como disse o camarada Zhdanov, foi o único que saiu da guerra sem ter sido debilitado, mas consideravelmente reforçado, econômica e militarmente, utilizou as posições ocupadas em nosso país para passar logo à ofensiva, barrar o desenvolvimento das fôrças democráticas e golpear nosso Partido, a fim de impedir o crescimento do movimento de emancipação nacional. Essa ofensiva do imperialismo ianque contra nosso povo teve início abertamente com o golpe de 29 de Outubro de 45 e foi consideravelmente reforçado a partir de 47, quando a política de preparação para a guerra do govêrno dos Estados Unidos ganhou amplitude mundial.

Hoje o imperialismo americano ameaça a todos os povos. Como dizia Zhdanov em 1947:

> "... Os Estados Unidos adotaram um novo caminho, abertamente conquistador e expansionista.
>
> "O objetivo visado pela nova orientação abertamente expansionista dos Estados Unidos é estabelecer o domínio mundial do imperialismo americano".

Os imperialistas americanos pretendem por meio da guerra mudar o curso da história, resolver suas contradições e suas dificuldades internas e externas, consolidar as posições do capital monopolista e conquistar a dominação mundial. Querem a guerra para saquear e escravizar os povos. E' com tais objetivos que o imperialismo americano arma e sustenta a todos os reacionários, põe a economia dos países do mundo capitalista em função da guerra, impõe o fascismo, subjuga governos e explora e oprime os povos em proporções inauditas.

Com essa política expansionista e agressiva do imperialismo ianque, aumenta a colonização de nosso país e assumem proporções ainda maiores os sofrimentos de nosso povo. O imperialismo americano já não se satisfaz com a exploração e a opressão da maioria da nação, exige mais do que as riquezas do país e o suor dos trabalhadores, impõe aos governantes brasileiros a política de preparação para a guerra, impõe reação e fascismo e exige o sangue e a vida de nossa juventude, como carne de canhão para as aventuras guerreiras de Truman no mundo inteiro.

A luta de nosso povo pela libertação nacional do jugo imperialista americano ganha, assim, novas proporções, une-se indissoluvelmente à luta pela paz, contra a política de guerra, de colonização crescente, de miséria e de fascismo dos incendiários de guerra norte-americanos e seus lacaios em nossa terra. O avanço do movimento de libertação nacional está ligado à liquidação dessa política de guerra dos latifundiários e grandes capitalistas serviçais do imperialismo. E' intensificando e ampliando a luta pela paz em nossa terra que mais rapidamente avançaremos no caminho da libertação nacional, que desmacararemos o conteúdo guerreiro, reacionário e colonizador do imperialismo ianque e que conseguiremos isolar seus lacaios mais empedernidos. A luta de nosso povo pela libertação nacional é, assim, nas condições atuais do mundo parte integrante da grande luta mundial dos povos pela paz, contra a política dos incendiários de guerra norte-americanos. A guerra representa ameaça terrível para todos os povos, é a fonte de enormes sofrimentos para as grandes massas populares. A guerra representa a morte para milhões de homens, a destruição de países inteiros e ameaça com a fabricação das armas atômicas, de aniquilamento em massa a civis, velhos, mulheres e crianças, a populações inteiras. A luta pela paz corresponde por isso aos interêsses dos trabalhadores e de todos os povos, constitui portanto a tarefa central de todos os que lutam pelo progresso social e contra a dominação imperialista.

Assim como o nazismo em sua época, foi a mais séria ameaça à independência dos povos e o obstáculo que se erguia no caminho da história, e sua liquidação permitiu um grande avanço nas lutas dos povos e de nosso povo, hoje, a guerra que os imperialistas americanos preparam é a maior ameaça à liberdade e à independência dos povos, o obstáculo que se coloca no caminho da história. Derrotar a política de guerra é derrotar o imperialismo e seus lacaios, é derrotar o fascismo, é pôr abaixo a cortina de ferro americana que separa os povos, é derrotar a economia de guerra, é abrir portanto, um largo caminho para o progresso e a felicidade dos povos, para o avanço de nosso povo em sua luta pela libertação nacional e a conquista da democracia popular.

O movimento de nosso povo pela libertação nacional acha-se assim indissoluvelmente ligado à luta mundial em defesa da paz. A luta pela paz mundial, contra a política de guerra dos imperialistas americanos e seus lacaios, faz avançar a luta de nosso povo pela libertação nacional, como igualmente é intensificando a nossa luta pela paz e a libertação nacional que daremos a maior contribuição à grande causa mundial da paz. Isto significa, portanto, que a luta pela libertação nacional nós a faremos hoje com a bandeira da luta pela paz. Êste o fato novo que se torna necessário compreender com suficiente clareza para que possamos aplicar com maior firmeza a justa linha política de nosso Partido no momento que atravessamos. Lutar por uma paz sólida e duradoura é o nosso objetivo principal e para alcançá-lo devemos a essa tarefa central do momento subordinar tôda a nossa atividade. A luta pela paz é a tarefa central e decisiva, cuja realização garante o êxito de nossos objetivos estratégicos — a libertação nacional e a conquista da democracia popular.

E' isto que precisamos compreender para levar nosso povo a novas posições, para dar o impulso necessário e possível às ações de massas em nosso país. E' por incompreensão da importância da luta pela paz, como nossa tarefa central e decisiva, que tôdas as energias de nosso Partido ainda não foram lançadas com entusiasmo na grande batalha pela paz. Pelo mesmo motivo ainda prosseguimos a passos lentos na luta pela paz que deve ser feita agora com mais energia e não somente mais tarde quando o govêrno de Vargas já tenha passado dos preparativos à participação ativa na guerra da Coréia ou em qualquer parte do mundo. A incompreensão dêsses problemas tem nos impedido de reagir oportunamente diante de cada passo da reação para a frente, de contribuir para o desenvolvimento mais amplo das lutas em nosso país, de dar até agora maior contribuição no sentido de levar nosso povo a posições mais avançadas na luta pela paz e pela libertação nacional. E sem ação de massas não avançaremos, marcaremos passo e acabaremos separados das grandes massas que só através das próprias ações podem adquirir experiência política e elevar assim o nível de sua consciência, passar das lutas pelas reivindicações à luta direta contra as causas da guerra, da miséria e do fascismo, fazer suas as palavras de ordem fundamentais de nosso Partido.

As tendências sectárias que ressaltam na atuação de nosso Partido em tôdas as frentes de luta, e em particular, no Movimento dos Partidários da Paz têm origem igualmente na mesma incompreensão. A luta pela paz interessa a todos, porque é a todos que a guerra ameaça. E insignificante a minoria dos que esperam poder ganhar com a guerra. As novas condições históricas criadas com a derrota do nazismo e com a formação do campo da paz, da democracia e do socialismo, abriram grandes possibilidades para ampliar a frente única pela paz em cada país, assim como a frente única antiimperialista que pode ràpidamente alcançar amplas proporções. Os nossos camaradas de Minas Gerais, por exemplo, que diziam não ser necessário mobilizar nem mesmo a pequeno-burguesia para a luta pela paz, os do Comitê Municipal de São Paulo que diziam não ser possível ajudar a organizar Conselhos de Paz senão onde já existissem células do Partido, denotam não haver ainda compreendido a importância e a amplitude que deve e pode ter a luta pela paz e com aquela posição impedem o desenvolvimento das lutas de massas e o reforçamento da luta pela libertação nacional. Igualmente errônea é a posição daqueles que não sabem nem querem aproveitar o fator nacional e as contradições no campo inimigo, seja interno como externo.

Da falta em nossas fileiras de uma compreensão suficientemente clara da importância da luta pela paz no momento atual decorre que certas tendências fatalistas ainda se verifiquem na atuação de nosso Partido. A muitos militantes falta convicção de que as fôrças da paz podem impor sua vontade aos incendiários de guerra. Muitos camaradas ainda se colocam na posição de quem vê a guerra como inevitável, afirmam que nada se pode fazer, que a guerra vem mesmo, que não se pode impedir que o govêrno Vargas prossiga pelo caminho da militarização do país e que, inclusive, envie tropas para o estrangeiro. Isto significa falta de confiança nas massas, nas fôrças da classe operária e das grandes massas populares que não querem a guerra, falta de confiança nas fôrças imensas do campo da paz, liderado pela União Soviética. Grandes modificações se verificaram na correlação de fôrças mundiais em comparação com 1914 e 1939. Hoje as fôrças da paz organizando-se e agindo no mundo inteiro são bastante poderosas para fazer recuar a guerra. Na medida em que as massas lutam e dão provas de tenacidade e firmeza é possível a derrota dos inimigos do povo. Foi evidentemente a fôrça do campo da paz em nossa terra que conseguiu até agora impedir que governos de traição nacional como os de Dutra e Vargas, enviassem tropas brasileiras para a Coréia, apesar da crescente pressão de Washington e da intensa propaganda feita pela imprensa dos latifundiários e grandes capitalistas partidários da guerra. Aquêles que se colocam em semelhante posição fatalista, que não acreditam que as massas podem impor sua vontade, não podem crer na conquista da paz, na vitória de nosso povo na luta pela libertação nacional e pela democracia popular, o que os leva, no final das contas à teoria da submissão e da escravização eternas ao dominador imperialista.

A superação das tendencias oportunistas e sectárias permitirá dar um grande e novo impulso na luta pela paz, pela independência nacional e por um govêrno democrático popular, novo impulso na justa aplicação da linha política de nosso Partido.

O que dificulta ainda a realização prática dessa política é que nem todos os nossos dirigentes e militantes compreendem que a tática de nosso Partido, no momento atual, pode ser resumida em poucas palavras: contra os imperialistas americanos e seus lacaios e **pela paz**, ligando sempre a luta pela paz à luta pelo pão, pela terra, contra o fascismo, pela libertação nacional pela democracia popular.

Ainda não sabemos ligar convenientemente as lutas pelas reivindicações diárias das massas à luta em defesa da paz. Mesmo quando participamos ativamente das lutas por aumento de salários, contra a carestia da vida, contra a miséria no campo, ou das lutas pelas reivindicações populares mais imediatas, pouco fazemos tudo para elevar essas lutas até a luta pela paz e passar, portanto, da luta contra as conseqüências diretamente à luta contra a política de guerra no país.

Falta também em nossas fileiras o tato e a flexibilidade indispensável para distinguir o nível da luta que pode corresponder a cada organização de massas e que só pode ser avaliado pela medida em que as lutas sirvam efetivamente para reforçar a unidade e ganhar novas fôrças para a organização das grandes massas de nosso povo.

Muitos camaradas, além disso, ainda revelam, na prática, a falsa opinião de que não se pode realizar a unidade de ação para a luta pela paz senão com pessoas e organizações que estejam mais ou menos de acôrdo conosco. Quando falamos, no entanto, de unidade de ação, isto significa que queremos nos entender para uma ação comum — por um pacto de paz contra a remessa de tropas para o estrangeiro, ou pela revogação da Lei de Segurança, etc. — com pessoas, grupos e organizações que não pensem como nós em tudo o mais que esteja fora daquelas reivindicações. Não se trata, portanto, de impor as concepções e os métodos que nos são próprios, na mesma medida em que nós comunistas igualmente não renunciamos às nossas idéias e aos nossos princípios.

A questão está, portanto, em compreender que sôbre um ponto determinado, visando um objetivo preciso, estamos decididos a empreender uma ação comum. E qual é atualmente o objetivo comum de milhões de homens e mulheres, que pode efetivamente uni-los senão a luta pela paz? A luta pela paz pode e deve mobilizar não apenas os democratas, mas mesmo aquêles que em tudo o mais são reacionários. Esta

(Continua na 1.ª página)

A luta pela paz, nossa tarefa central e decisiva

(Continuação da 3.ª página)

amplia a frente de luta contra o imperialismo, isola os incendiários de guerra e seus lacaios e reforça, portanto, a frente democrática de luta pela libertação nacional. Enfim, não pode haver nenhum esfôrço, nenhuma tentativa de entendimento ou negociação com quem quer que seja em que não devamos nos empenhar ativa e decididamente, desde que queiramos contribuir para o reforçamento e ampliação da luta pela paz e pela libertação nacional, por um govêrno democrático-popular.

Camaradas!

A guerra não é fatal. Depende dos povos, depende da classe operária e de todos os partidários da paz, inclusive portanto de nossa atividade também, da participação ativa de nosso povo, que sejam derrotados os planos imperialistas de guerra e de fascismo. E é superando as debilidades e incompreensões ainda existentes na atividade do nosso Partido que avançaremos, que contribuiremos decisivamente para a ampliação e consolidação em nosso país de um gigantesco movimento de paz, em condições de derrotar a política de guerra e militarização dos lacaios brasileiros dos incendiários de guerra americanos, capaz de contribuir eficazmente na luta mundial contra o desencadeamento de nova guerra e para impor a política de colaboração pacífica entre todos os povos, capaz de abrir caminho para mais rápida solução dos problemas fundamentais do nosso povo, assegurar a vitória na luta pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular.

IV

Ganhar a batalha pela paz, derrotar a política de guerra dos latifundiários e grandes capitalistas serviçais do imperialismo, eis o que reclamam os supremos interêsses da nação, o que exige a imensa vontade de paz de nosso povo; eis a reivindicação de todos os brasileiros honestos, continuadores das melhores tradições de nosso povo que sempre lutou pela igualdade dos povos grandes e pequenos, pela independência da pátria e contra tôdas as guerras de agressão e de rapina. A ameaça de guerra torna-se cada vez maior, e é em face do perigo crescente que a ta pela paz assume enorme importância. E problema de vida e de morte para o nosso povo, é a questão decisiva que todos enfrentamos.

Nosso povo quer a paz e não aceita de forma alguma a política criminosa dos atuais governantes e da minoria reacionária que domina a nação e pretende arrastá-las nas aventuras guerreiras do imperialismo norte-americano, sob o falso pretexto de defender a paz pela fôrça.

Nosso povo já começa a compreender até onde o querem levar os vende-pátria, serviciais de Truman e os latifundiários e grandes capitalistas que desejam uma nova guerra mundial na esperança de conseguirem transformar em ouro o sangue de nossa juventude e a dor das mães, das esposas e dos órfãos. Contra semelhante crime levantar-se-á a maioria esmagadora da nação que saberá impor a sua vontade de paz.

E' esta, no momento, a grande tarefa de nosso povo e, consequentemente, é esta a tarefa central e decisiva de nosso Partido. Cabe a nós comunistas, atuar de maneira a esclarecer e mobilizar as grandes massas, a trazer nosso povo para a frente na luta pela paz, a fazer enfim da luta em defesa da paz a fôrça irresistível e invencível da nossa época.

Não basta querer a paz, é indispensável lutar ativamente pela paz, saber pôr em ação tôdas as fôrças e todos os fatores que se opõem à preparação da guerra, à militarização de nosso povo, à entrega de nosso solo aos incendiários da terra e a venda do sangue da nossa juventude aos aventureiros de Wall Street. Cabe ao nosso Partido saber transformar a vontade de paz das massas em ações concretas contra a política de guerra do govêrno do sr. Vargas, atuando em todos os terrenos e em todos os setores sociais, sem esquecer jamais que essas ações se desenvolvem nos mais diversos níveis que vão desde as mais amplas, como a campanha de assinaturas por um Pacto de Paz, até níveis mais elevados, conforme as características das camadas sociais que nelas participem e do nível de consciência e radicalização das mesmas.

Precisamos trabalhar obstinadamente para a consolidação e a ampliação do movimento brasileiro em defesa da paz. Neste sentido é nosso dever assegurar a mais decidida contribuição ao Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e à campanha pela coleta de 5 milhões de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

Graças ao Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, aos seus Congressos e manifestações, progride no país inteiro a união dos partidários da paz, das pessoas de tôdas as classes e camadas sociais, das mais diversas opiniões políticas e tôdas as crenças religiosas. No ativo do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz já consta a grande vitória conseguida com o Apêlo de Estocolmo e, ùltimamente, o êxito que alcançou o seu III Congresso, realizado na base de mais de 3 milhões de assinaturas, já obtidas para o Apêlo do Conselho Mundial da Paz.

Mas para que o movimento nacional dos partidários da paz possa alcançar amplitude ainda maior, para que possa consolidar suas fôrças a fim de realizar com êxito crescente suas tarefas patrióticas e de organização, é indispensável que nosso Partido lhe saiba dar um apoio e uma contribuição ainda mais vigorosa e decidida. Cabe aos comunistas empenhar todas as suas energias com o objetivo de reforçar o Movimento dos Partidários da Paz, de contribuir para trazer para as suas fileiras novas camadas e setores da população. Precisamos para isso ter uma noção clara em nossas fileiras das características fundamentais do Movimento dos Partidários da Paz, como uma organização de massas, sem partido, movimento que é amplo e reune pessoas e organizações das mais diferentes tendências. Nesse amplo movimento cabe aos comunistas ser o traço de união, saber ser o maior fator de coesão.

Isto é tanto mais importante quando sabemos que a maioria de nosso povo, apesar de seu imenso sentimento de paz, e os milhões de partidários da paz que assinaram os Apêlos de Estocolmo e do Pacto de Paz ainda não foram incorporados organizadamente no Movimento dos Partidários da Paz. É preciso que os comunistas tudo façam para que êsse Movimento se transforme num poderoso movimento organizado de todo o povo brasileiro. É dever dos comunistas despender os maiores esforços para que êsse Movimento englobe a todos que, independentemente de suas convicções políticas e crenças religiosas, independentemente das diversidades de classes, queiram defender a paz.

Os comunistas devem ajudar fazer para que o Movimento dos Partidários da Paz tenha o apoio ativo dos sindicatos, das organizações femininas, juvenis, esportivas, etc., assim como dos escritores e jornalistas, dds artistas e intelectuais progressistas, das pessoas de prestígio em todos os setores sociais.

O comunistas deve majudar o Movimento dos Partidários da Paz para unir as mulheres brasileiras, as mães que não querem ver seus filhos morrer na guerra, as esposas, filhas e viuvas que querem defender a vida dos entes queridos ameaçados pela guerra.

Os comunistas devem ajudar buir para que o Movimento dos Partidários da Paz possa unir milhões de jovens brasileiros cada dia mais ameaçados por uma nova carnificina guerreira, e que já sofrem com a exploração crescente e com a miséria trazidas pela política de guerra do govêrno.

Os comunistas tudo devem fazer para que o Movimento dos Partidários da Paz lance raizes no seio da grande massa camponesa, ainda desorganizada, mas que sente o perigo de guerra, que ama a paz e que, através da luta pela paz, pode mais ràpidamente unir e organizar suas fôrças.

Mas para ajudar a desenvolver o Movimento de Partidários da Paz é de importância decisiva que os comunistas dêem o melhor de seus esforços a fim de conseguirem que a classe operária participe ativamente dêsse movimento, que nele constitua uma base unida e organizada.

Para organizar os milhões de partidários da paz é de grande importância que os comunistas e tôdas as organizações do Partido não poupem esforços no sentido de ajudar a organizar milhares e milhares de Conselhos de defesa da Paz em tôda parte, nos locais de trabalho e nas concentrações residenciais, entre operários, camponeses, entre as donas de casa, nos clubes e associações de tôda a espécie.

O Movimento dos Partidários da Paz desenvolve hoje sua atuação lutando pelo programa adotado em Varsóvia e nas reuniões ulteriores do Conselho Mundial de Paz, dentro dos quais foi elaborado pelo recente III Congresso Brasileiro da Paz um conjunto importante de decisões unanimemente aprovadas. Se essa é a base para a unidade de ação e de tôda a atividade do Movimento no sentido da organização, esclarecimento e mobilização das grandes massas populares, é nessa base que devemos nós, comunistas, contribuir para o alargamento das atividades do Movimento dos Partidários da Paz para ganhar as massas para a luta pela realização das decisões tomadas no III Congresso do Movimento Brasileiro de Partidários da Paz, que incluem a luta pela paz na Coréia, contra a corrida armamentista, contra o envio de tropas brasileiras para o estrangeiro, etc.

Mas, se a tarefa essencial dos Partidários da Paz consiste hoje, na campanha de assinaturas para o Apêlo em prol da conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, essa também é nossa tarefa. Esse Apêlo, pelo seu conteúdo e sua formulação representa a reivindicação popular susceptível de obter a mais ampla aprovação e de atrair as massas para a luta em defesa da paz contra a política de guerra e de militarização do atual govêrno. Nessa campanha cabe aos comunistas um papel decisivo e é da atividade de nosso Partido que dependerá fundamentalmente o seu êxito.

Para isto é inispensável, no entanto, que saibamos fazer um amplo trabalho de explicação, não apenas a difusão do Apêlo ou a simples obtenção de assinaturas, mas a explicação cuidadosa dos reais objetivos visados e da imensa significação dessa campanha mundial. um pacto de paz entre as cinco grandes potências significará o estabelecimento de medidas que assegurem as relações pacíficas entre todos os países, será um passo no caminho do desarmamento e medida prática contra a corrida armamentista; um pacto de paz determinará o afastamento do perigo de guerra, e com a redução das despesas de caráter militar, traria como consequência o melhoramento do nível de vida das massas. Um pacto de paz, restabelecendo as relações pacíficas entre todos os povos, abriria novas e imensas possibilidades para o desenvolvimento de nossa economia nacional, para o progresso do país e o melhoramento da situação econômica das grandes massas.

Através de centenas de milhões de assinaturas os povos do mundo inteiro não só manifestam seu desejo de paz como podem impor aos governantes sua imensa vontade de paz, da mesma maneira que conseguiram impedir que as armas atômicas fôssem até agora empregadas contra o povo coreano, através da memorável campanha em apoio do Apêlo de Estocolmo.

Cabe aos comunistas, portanto, mostrar às massas que é perfeitamente possível a coexistência pacífica entre o sistema socialista e o sistema capitalista, que essa coexistência é atualmente necessária aos povos e que uma paz sólida e duradoura pode ser assegurada através de um Pacto de paz entre as cinco grandes potências, aberto à adesão de todos os países do mundo.

Mas, nessa ação a favor de um Pacto de Paz, torna-se igualmente indispensável rebater a propaganda insidiosa e tenaz dos incendiários de guerra e seus agentes em nosso país, assim como esclarecer as incompreensões de pessoas honestas mas mal informadas. Há os que supõem, por exemplo, porque o mundo está dividido em dois campos, e sob a influência da propaganda de guerra, que é inevitável o choque armado entre os Estados Unidos e a União Soviética e que, nestas condições, a nós brasileiros, não resta outra alternativa senão acompanhar os Estados Unidos, participar ativamente dessa guerra imperialista, guerra que só interessa aos monopólios ianques. São, muitas vêzes, pessoas honestas, que acham que o agressor são os Estados Unidos, mas que, apesar disso, marcham conformadas ou de olhos fechados para o abismo. Como despertá-las ou abrir-lhes os olhos?

Antes de tudo é necessário mostrar a que ficará reduzido o Brasil se os incendiários de guerra conseguirem arrastá-lo às suas aventuras guerreiras. A guerra significará a colonização total do país, a subordinação total da economia nacional ao exclusivo interêsse da máquina de guerra norte-americana, à militarização completa de nosso povo para que vá morrer no estrangeiro ou trabalhar sob o chicote dos capatazes norte-americanos na extração de minérios, inclusive nas fábricas de guerra dos Estados Unidos. É irrisório supor que a guerra possa de qualquer forma ser útil aos interêsses da nação. Para não falarmos dos imensos prejuizos causados ao país pela última guerra mundial e que o próprio sr. João Neves reconhece e proclama, basta examinar o que já se passa hoje em tôda a América Latina, onde o imperialismo ianque, a pretexto de unidade para a guerra, limita os preços dos artigos de produção latino-americana ao mesmo tempo que eleva os dos produtos industriais que exporta.

A guerra só poderá, portanto, agravar a terrível situação em que se encontra o nosso povo. De outro lado, a guerra não salvará o capitalismo. Se os imperialistas atacarem a União Soviética serão definitivamente derrotados, como o foram os canibais hitleristas e seus sócios do Eixo. Nestas condições, está justamente na oposição à política de guerra a única saída sensata e patriótica. A preservação da paz leva à derrota dos planos do imperialismo, ao seu enfraquecimento, e abrirá, assim, ao nosso país amplas possibilidades para o seu desenvolvimento e para o melhoramento da situação das grandes massas.

A campanha por um Pacto de Paz é, assim, de um imenso significado. Através dela será possível despertar milhões de brasileiros e mobilizá-los para lutar ativamente pela paz. Ela permitirá, enfim, que o nosso povo, juntamente com os demais povos, se convença de que a guerra pode ser evitada, de que os povos podem impor sua vontade de paz aos incendiários d eguerra, e derrotar todos os seus planos sinistros contra a humanidade.

Através da luta por um Pacto de Paz podem os comunistas entrar em contacto com as mais amplas massas e ampliar, assim ràpidamente o campo de ação de nosso Partido em sua luta pela paz em todos os terrenos. Tudo fazendo para estreitar suas ligações com as massas, nosso Partido tem o dever de lutar contra a política de guerra do atual govêrno, contra a crescente militarização do país. Essa militarização crescente revela, de um lado, o verdadeiro conteúdo da política do sr. Vargas que quer arrastar o país para a guerra, de outro, o grau a que já chegou sua submissão ao govêrno norte-americano, a gravidade dos compromissos já aceitos e, na sua maior parte, desconhecidos da nação. Neste sentido, as conversações que tiveram início nos primeiros dias do corrente ano entre o Itamarati e o embaixador norte-americano, com o objetivo de entendimentos de caráter militar, visam a concessão de bases militares nacionais ao govêrno dos Estados Unidos e a remessa de tropas para o estrangeiro e constituem, portanto, mais um sério passo do govêrno do sr. Vargas no caminho criminoso da guerra a que quer arrastar o país. É dever de nosso Partido desmascarar insistentemente essa política de guerra e despertar a vigilância de todo o povo para o perigo que o ameaça. Para isto, devemos mostrar concretamente às massas quais os efeitos dessa política, como crescem as despesas com a militarização do país, com a construção de arsenais e depósitos de munições, e como essas despesas são pagas pelo povo, com impostos que aumentam, com emissões de papel-moeda que não cessam, com a elevação do custo de vida que é a consequência mais direta dessa política insensata e criminosa.

É indispensável mostrar às massas de maneira concreta o que seria possível fazer em benefício do povo com os milhões gastos na militarização do país, as escolas e hospitais que poderiam ser construidos, estradas melhoradas, as ferramentas que poderiam ser fornecidas aos trabalhadores do campo, o número de crianças que poderiam ser socorridas e salvas da morte, os socorros aos nordestinos vítimas da sêca que poderiam ser menos miseráveis, etc.

Nessa luta contra a militarização do país é dever de nosso Partido alertar a todos os militares brasileiros, oficiais e praças, contra a crescente desnacionalização das fôrças armadas do país que vão, sendo reduzidas a simples destacamentos de mercenários à disposição dos oficiais ianques e que em vez da defesa da pátria, são ostensivamente preparadas para ações no estrangeiro ou serem utilizadas como fôrça de polícia contra o nosso próprio povo. Não devemos, igualmente, nos esquecer que o povo brasileiro ainda não passou, como os outros povos europeus, pela dura experiência da guerra imperialista e que isto exige, portanto, de nosso Partido um maior esfôrço, a utilização de todos os recursos para explicar às massas o que para elas efetivamente significará uma nova guerra mundial.

Neste sentido, a luta contra a remessa de tropas brasileiras para o exterior precisa igualmente ser sustentada com maior vigor. Devemos nos manter vigilantes diante das manobras do govêrno a fim de não permitir que a nação seja surpreendida com fatos consumados. A luta contra a militarização do país, contra a ida de tropas, não pode ser adiada, é atual e urgente, porque só a mobilização das grandes massas poderá impedir que sejam levados adiante os planos sinistros do imperialismo e seus lacaios brasileiros que querem arrastar nosso povo para a guerra.

A política de guerra e de militarização crescente do govêrno do sr. Getúlio Vargas, seu trabalho persistente no sentido de enviar tropas brasileiras para o estrangeiro, especialmente para combater o heróico povo coreano, não tem justificativa de nenhuma espécie. Quando se indaga qual a razão de semelhante política, respondem os porta-vozes do govêrno, que se trata de defesa da nação. Mas de quem nos precisamos defender? Quem nos ameaça? Há, por acaso, alguém que procura ocupar o nosso solo e apoderar-se de nossas riquezas, ou escravizar nosso povo? É certo que a resposta não pode deixar de ser positiva, não por causa da União Soviética, mas porque em nossa terra já se encontram os soldados ianques que ocupam bases militares, em nossa terra são norte-americanos os generais e almirantes que comandam de fato as nossas fôrças armadas, como norte-americanos são os senhores que dizem a última palavra sôbre a política econômica do país, sôbre o comportamento de sua delegação na ONU, e. inclusive, sob a orientação da política interna do govêrno.

Não se trata, portanto, de defesa nacional, mas de fazer uma política de classes, de defender os interêsses da minoria egoista, serviçal do imperialismo norte-americano, que ainda domina a nação.

De quem precisamos nos defender? Trata-se, com semelhante política, da defesa da nação brasileira ou da defesa dos interêsses dos senhores da guerra americanos para que continuem a escravizar os povos e o nosso povo, a conquistar mais colônias, a roubar nossas riquezas, a conquistar mais mercados e maiores lucros? Que temos nós, nação oprimida pelos Estados Unidos, que possa justificar de longe requer semelhante política? Os interêsses de nosso povo estão juntamente do outro lado, do lado dos povos que lutam contra essa odiosa política americana de expansão imperialista, de dominação, de escravização e de guerra. Existem tôdas as condições, portanto, para mobilizar nosso povo contra a política de guerra do sr. Vargas, exigindo a suspensão das atuais conversações militares no Itamarati, a denúncia das criminosas decisões da Conferência de Washington, assim como do Tratado do Rio de Janeiro e da Carta de Bogotá, documentos todos contrários à soberania nacional, documentos de escravização do povo e da venda do país, em que se baseia o sr. Vargas para tentar justificar a sua criminosa política de guerra.

Cabe ainda aos comunistas não poupar esforços a fim de tornar conhecida das grandes massas a política de paz da União Soviética a fim de destruir a ação dos propagandistas de guerra que tudo fazem para convencer as grandes massas populares de que a guerra é inevitável por causa da União Soviética. Para isso é indispensável levar infatigàvelmente ao conhecimento das massas, de maneira concreta e acessível, a tradicional política de paz do govêrno soviético, seus esforços pela coexistência pacífica, suas sucessivas propostas de paz. É indispensável mostrar o contraste entre a política de paz da URSS e a atividade bélica e agressiva do govêrno dos Estados Unidos. A URSS sempre respeitou todos os povos e não se imiscui de forma alguma em assuntos internos de outros países, enquanto o govêrno americano interfere cada vez mais cinicamente nos negócios internos de numerosos países, constroi bases militares no estrangeiro, vota créditos para sustentar espiões e sabotadores no exterior, invade a Coréia e massacra seu povo e sustenta por tôda parte, com dinheiro e armas, as minorias reacionárias e sanguinárias odiadas pelos povos, faz e desfaz governos, como é comum em tôda a América Latina onde nenhum governante toma posse antes de jurar submissão e fidelidade ao Departamento de Estado americano.

Essa luta contra a guerra, em defesa da paz, está intimamente ligada à luta pelo pão e, reciprocamente, à luta pelo pão não pode levar senão a uma ampliação cada vez maior da frente de luta pela paz. Nosso Partido deve desenvolver a mais ampla ação de massas contra a carestia da vida, contra a miséria nocampo e manter-se atento à situação da classe operária, a fim de participar nas primeiras filas da luta por aumento de salários. Cabe portanto, aos comunistas, a grande tarefa de esclarecer as massas, de explicar-lhes pacientemento que está justamente na política de guerra do govêrno a causa fundamental da carestia da vida, dos salários sempre aquem das necessidades mínimas do trabalhador, apesar dos aumentos conquistados em duras lutas, da miséria crescente das grandes massas camponesas.

A miséria das massas é consequência direta da crescente exploração imperialista e do atraso da economia nacional, mas a política de preparação de guerra, ditada ao govêrno de Vargas pelos monopólios ianques agrava ainda mais essa miséria, acelera e torna particularmente doloroso o processo de empobrecimento das grandes massas trabalhadoras. A indústria nacional trabalha cada vez mais para a guerra — o que aumenta os lucros dos grandes capitalistas ligados ao imperialismo e, simultâneamente, os preços de todos os artigos de consumo popular, inclusive os mais indispensáveis à produção agrícola, como ferramentas, os adubos e inseticidas. Em vez de melhorar o transporte da produção necessária à alimentação do povo, o govêrno se preocupa com "grandes planos" que visam exclusivamente o escoamento mais rápido e barato das matérias-primas para a máquina de guerra norte-americana. Tudo isso e mais os aumentos de impostos, das tarifas de serviços públicos, dos preços das matérias-primas importadas, etc., são elementos que concorrem para a crescente pressão inflacionária, para a rápida desvalorização do cruzeiro e consequente carestia da vida a ritmo cada vez mais acelerado.

Na luta contra a carestia da vida devem os comunistas mobilizar as massas populares para que exijam do govêrno medidas eficazes no sentido da fixação de preços e seu contrôle pelas organizações populares, de bairros, de donas de casa, ou pelos sindicatos operários. Cabe aos comunistas tomar a iniciativa para mobilizar as massas em tôrno de programas concretos, de caráter local ou regional, prevendo medidas eficazes que assegurem a solução do problema do abastecimento, que determinem a redução dos impostos indiretos, substituidos pelo impôsto sôbre o capital e sôbre a renda fortemente progressiva, que enfrentem de maneira prática o problema da habitação popular, etc. Na luta contra a miséria no campo, devem os comunistas atuar energicamente no sentido de organizar as grandes massas camponesas na luta pela redução da taxa de arrendamento de terras, pela renovação obrigatória dos contratos de arrendamento, contra a expulsão das terras, por moratória para as dívidas dos camponeses, etc.

A ação dos comunistas junto às massas, contra a carestia da vida, através da utilização sistemática de todas as oportunidades, tanto nas emprêsas, como nos bairros operários, nas feiras e mercados, pode vir a construir poderoso elemento no desencadeamento de lutas contra a política de guerra do govêrno e fator importante para a ampliação e o fortalecimento da luta pela paz, especialmente no seio da classe operária que deve constituir a espinha dorsal do movimento em defesa da paz. Mas nessa luta contra a carestia da vida devemos igualmente dedicar uma particular atenção ao trabalho entre as mulheres que tanto podem ser mobilizadas para a ação contra a guerra partindo da luta em defesa da paz, contra a remessa de tropas, como partindo da luta contra os altos preços dos artigos do consumo popular. São as donas de casa que mais diretamente sofrem a consequência do encarecimento do custo da vida e que podem constituir, se organizadas, poderosa fôrça contra a política de guerra do govêrno.

Para intensificar e ampliar a luta pela paz tem também grande importância a luta contra a reação e fascistização do país. E a preparação acelerada para a guerra que leva o govêrno do sr. Vragas a dar passos cada vez mais sérios pelo caminho do fascismo, da eliminação dos direitos democráticos, da perseguição aos patriotas e democratas partidários da paz, da intensificação do anticomunismo sistemático. Nestas condições é dever dos comunistas e de tôdas as organizações do Partido reunir as mais amplas massas para a luta em defesa das liberdades democráticas e com a fôrça unida do povo desfechar sérios golpes na política de preparação para a guerra do governo do sr. Vargas e isolar a minoria reacionaria, serviçal do imperialismo que ainda domina a nação. Cabe aos comunistas saber convencer as massas, através das ações concretas e da experiência das próprias massas, da intima relação que existe entre a política de guerra do govêrno do sr. Vargas e a crescente reação policial, de maneira que partindo da luta em defesa de seus direitos democráticos passem elas a engrossar o movimento contra a militarização do país, em defesa da paz.

Nesse terreno devemos concentrar nossas fôrças na luta pelo imediato arquivamento do processo contra os dirigentes de nosso partido, processo tipicamente fascista que significa um passo considerável na fascistização do país e na realização prática das decisões de Washington sôbre "segurança interna", que determinam a preparação acelerada para a guerra. E, em ligação com isso, devemos intensificar a luta pela liberdade de todos os presos, processados e condenados políticos e pela revogação da Lei de Segurança do Estado Novo.

Erguendo bem alto a bandeira da paz, mobilizemos e organizemos com o maior vigor os mais amplos setores da população contra a odiosa opressão americana, contra a colonização crescente, contra os atentados à soberania nacional e a política de subserviência ao Departamento de Estado norte-americano do govêrno do sr. Vargas. E' dever de nosso Partido ligar intimamente a luta pela independência nacional à luta pela paz, saber denunciar infatigàvelmente o caráter anti-nacional, o caráter de traição nacional do govêrno do sr. Vargas, govêrno dos latifundiários e grandes capitalistas, serviçais do imperialismo Nesse sentido, devemos agora intensificar a luta em defesa do petróleo, novamente ameaçado pela manobra entreguista do sr. Vargas. O novo projeto deve e pode ser derrotado, como foi derrotado o Estatuto entreguista do sr. Dutra. Com o seu novo projeto, procura o sr. Vargas por meio de uma linguagem tortuosa colocar a exploração do petróleo brasileiro nas mãos de uma emprêsa aparentemente nacional mas na qual os testas de ferro da Standard Oil possam de fato dizer a última palavra. Segundo o referido projeto, todo o acêrvo do Conselho do Petróleo, inclusive as refinarias de Mataripe e Cubatão poderão passar a ser operadas pelas companhias subsidiárias da companhia mista do sr. Vargas, quer dizer, pela própria Standard Oil. Derrotar êsse golpe anti-nacional do atual govêrno é derrotar a sua política de guerra, é infligir novo golpe contra a venda do país aos monopólios norte-americanos. Mas em ligação com essa luta em defesa do petróleo devemos desenvolver a maior atividade junto às massas em defesa dos minérios e contra a sua exportação para a guerra, devemos lutar contra a Missão Knapp, contra os planos entreguistas do chamado Ponto IV de Truman, contra o plano Láfer e simultâneamente, mobilizar as grandes massas populares para que exijam do govêrno a imediata nacionalização da Light. Diante das dificuldades crescentes na balança de pagamentos do país que já limitou a importação até do trigo, devemos chamar as grandes massas para que exijam do sr. Vargas a suspensão total de quaisquer remessas para o exterior a título de juros do capital monopolista invertido no país, e não a mera limitação até 8% com câmbio preferencial. A luta contra o imperialismo serve, assim, de ponto de partida para levar novos setores sociais à participação ativa na luta em defesa da paz.

O sentimento patriótico de nosso povo é uma fôrça imensa que cabe aos comunistas canalizar, unificar e organizar para que com seu poderio concentrado faça em pedaços a traição da minoria que vende as riquezas naturais do país aos monopólios ianques, que submetem nossas fôrças armadas ao comando dos generais ianques, que permite a tropas norte-americanas a ocupação de nossas bases militares, que faz da delegação do Brasil na ONU um realejo manejado pelo Departamento de Estado. Nosso Partido deve empunhar firmemente a bandeira da luta pela independência nacional e apelar com energia e decisão, sem medir sacrifícios, para que em tôrno dela se congreguem todos os patriotas dispostos a lutar contra a política anti-nacional e anti-popular do sr. Vargas e da minoria egoista e traidora em que se apoia.

O reconhecimento da URSS constitui, no momento atual, importante fator na luta do nosso povo pela paz e a independência nacional. A União Soviética é o baluarte da paz no mundo inteiro, suas relações com todos os povos visam ampliar o campo da paz e impedir que possam ter sucesso os manejos dos que desejam levar o mundo a uma terceira guerra mundial. Nestas condições o restabelecimento de relações entre o Brasil e a URSS constituirá um novo passo no sentido de livrar nosso povo das ameaças de guerra, de estreitar suas relações com o grande país contra o qual é dirigida principalmente a política agressiva dos Estados Unidos. As relações com a URSS facilitarão também o desenvolvimento independente da economia brasileira. País do socialismo, onde não existem trustes e monopólios, a União Soviética tem relações com os demais povos em pe de rigorosa reciprocidade, segundo o interêsse mútuo, e visando sempre avançar no caminho do progresso. As relações comerciais com a URSS facilitarão o desenvolvimento da indústria nacional e abrirão um vasto mercado para tôda a produção nacional, cada vez mais ameaçada pela economia de guerra dos Estados Unidos. Constituirá assim para o nosso povo um poderoso esteio para a defesa da independência nacional, enorme contribuição para a luta de nosso povo em defesa da paz, além de concorrer para o fortalecimento do campo da paz e da democracia no mundo inteiro.

Camaradas!

Lutar pela paz é, pois, a nossa tarefa central e decisiva. Mas, lutando pela paz, pelos interêsses vitais e imediatos das massas e contra o imperialismo americano, lutamos, simultâneamente, pela conquista de um govêrno democrático popular, um govêrno do povo, capaz de deslocar o Brasil do campo da guerra para o campo da paz, um govêrno que entregue a terra aos camponeses, um govêrno capaz de realizar as profundas reformas de estrutura indispensáveis ao progresso do país, que permitam a melhoria das condições de vida das grandes massas trabalhadoras, um govêrno que proporcione cultura e instrução para o povo, um govêrno efetivamente democrático, um govêrno enfim de indepen- mocrático popular é objetivo dência nacional. O govêrno de- político essencial de nosso Partido, é palavra de ordem básica que deve estar presente em tôda a nossa atividade. Ao desmascarar a política de traição dos lacaios do imperialismo e ao impulsionar as lutas em todos os terrenos, devemos ajudar as massas a compreenderem a necessidade da conquista de um novo Poder, diferente dêsse que aí está.

Por isso mesmo, tôda a nossa atividade entre as massas se orienta no sentido da unidade. Unidade entre os trabalhadores, entre as mulheres, entre os jovens, etc. Devemos fazer esforços para unificar o movimento sindical, para unir as grandes massas camponesas e estabelecer a mais sólida aliança entre operários e camponeses.

Lutando pela unidade em todos os setores e em tôdas as nossas frentes de trabalho, lutamos ao mesmo tempo para unir as grandes massas trabalhadoras e populares de nossa terra na Frente Democrática de Libertação Nacional, cujo programa corresponde aos interêsses da maioria esmagadora da nação. É através da F.D.L.N. que nosso povo, unido, se libertará da escravidão americana e da política de traição nacional do govêrno dos latifundiários e grandes capitalistas. É através da

(Conclúi na 5ª página)

Reforçar a vigilância revolucionária, tarefa vital do Partido

Informe da C. E. apresentado ao C. N. do P. C. B. pelo Camarada DIÓGENES ARRUDA

Camaradas. Sabeis que cumprimos nossas tarefas como Partido revolucionário do proletariado num ambiente de aguda luta de classes, onde a tendência não é para sua amenização mas para seu acirramento crescente. Marchamos para sérios combates, para lutas duras e difíceis. Isto evidentemente não nos assusta, mas nos obriga a ser cada vez mais vigilantes diante dos reflexos inevitáveis dessas lutas nas fileiras de nosso Partido.

Sim, camaradas, deveis ter bem presente que quanto mais as lutas se desenvolverem e se aprofundarem e quanto mais desesperada fôr a situação de nossos inimigos, tanto maiores serão os perigos de diversão, provocação e conspiração contra o Partido, tanto maiores serão os perigos de conluios de arrivistas, capituladores e divisionistas dentro do Partido.

Mais que nunca, camaradas, devemos tomar firmemente em nossas mãos a tarefa honrosa de reforçar por todos os meios, nas fileiras do Partido, a vigilância revolucionária, de combater sem piedade as manifestações de todo gênero de oportunismo e sectarismo, de denunciar e extirpar os elementos nacionalistas burgueses, nacional-reformistas, capituladores, desagregadores e agentes do imperialismo, quaisquer que sejam as bandeiras sob as quais se ocultem.

Mais que nunca necessitamos estreitar os laços que nos unem dentro do Partido, transformando mais e mais as fileiras do Partido num bloco monolítico em tôrno do Comitê Nacional.

— I —

Camaradas. Dia a dia nosso Partido dá passos mais firmes no sentido de seu fortalecimento orgânico, político e ideológico, no sentido de suas ligações mais estreitas com as grandes massas.

Nosso Partido é o Partido da paz. Comanda nosso povo na defesa ativa da paz; denuncia incansavelmente a alienação da soberania nacional e o caráter guerreiro e de traição do govêrno Vargas, serviçal direto dos imperialistas americanos; não vê sacrifícios ao dar sua contribuição para fazer fracassar os monstruosos planos de agressão ianques contra a União Soviética, contra nosso povo, contra os povos do mundo inteiro.

Nosso Partido é o partido das liberdades democráticas, da luta contra a carestia da vida, pela terra aos camponeses e pelas reivindicações da classe operária e do povo. É, por isso mesmo, o Partido da unidade. Unidade nas emprêsas e nos sindicatos, no campo e nos bairros populares, entre os jovens e as mulheres, ampla unidade de todos os setores patrióticos e dos partidários da paz. E' o partido da Frente Democrática de Libertação Nacional.

Nosso Partido é o partido que luta contra o atual govêrno de guerra, de fome e terror contra o povo, contra a odiosa dominação americana; é o partido que luta por um govêrno democrático popular, um govêrno de paz, de independência nacional e de liberdade para o povo.

Nosso Partido é o partido de Prestes, o grande patriota e internacionalista, inspirador e dirigente de nossas lutas libertadoras. E' o partido de heróis e de mártires como Luiz Bispo e Jofre, Godói e Zélia Magalhães, heróis e mártires de cujo sangue brotarão copiosas colheitas; é o partido das esperanças de nosso povo que não quer a guerra, a matança de homens, a dor das mães, das espôsas, das irmãs, das crianças.

Justamente por isto nosso Partido é tão odiado pelos atuais governantes brasileiros e pelos imperialistas americanos; justamente por isto os provocadores de guerra lançam-se com tanta fúria contra os comunistas. Quanto mais acesa é a luta, tanto mais inescrupulosos são os métodos da reação imperialista contra nosso Partido, desde os métodos de terror fascista até os métodos mais sutis e camuflados de infiltração e conquista de elementos em nossas fileiras. De um lado a reação desenvolve uma intensa luta aberta, através de campanhas de imprensa, por meio de mentiras, repressão, prisões, assassinatos, procurando criar um ambiente de terror e de pânico; de outro lado a reação intensifica, por todos os meios, seus métodos quinta-colunistas contra o Partido, suas táticas diversionistas e desagregadoras, seu trabalho de provocação e espionagem, procurando infiltrar-se ou ganhar adeptos em nossas fileiras, agir diretamente ou influenciar tais ou quais elementos, explorar cada fraqueza ideológica, política ou orgânica existente para desacreditar os organismos e os dirigentes, para deter ou diminuir nossa combatividade e o ritmo de nosso trabalho político e de massa, para isolar o Partido das massas, para enfraquecer e desagregar o Partido.

Nenhuma espécie de luta da reação imperialista, entretanto, jamais conseguiu deter a vontade de luta e a combatividade militante de nosso Partido no cumprimento de sua missão histórica. Êle se retempera e avança, a despeito de tudo, à frente das lutas de massas, aumentando sua influência e sua autoridade. A classe operária, o povo brasileiro, todos os explorados e oprimidos vêem cada vez mais no Partido Comunista seu único defensor, vêem nos comunistas os combatentes intrépidos que se colocam, em tôdas as circunstâncias, à frente de seus interesses, vêem em Prestes seu líder querido, sua grande esperança.

Enquanto isso, vem o Brasil sendo submetido à mais odiosa colonização e servidão americana, as classes dominantes seguem uma política de guerra, de militarização crescente, de entrega das riquezas nacionais aos imperialistas ianques, de miséria e terror contra as massas trabalhadoras e populares. Diante do nosso povo se colocam imperiosamente problemas fundamentais — contribuir para a manutenção da paz, conseguir a libertação nacional do jugo imperialista, a liquidação do latifúndio, a abolição do sistema semi-feudal e semi-colonial de nossa economia. São êstes problemas que foram enfrentados pelo nosso Partido, de maneira justa e vigorosa, no Manifesto de Agosto de 1950. Afirmamos então ser perfeitamente realizável a tarefa de lutar contra a guerra e pela paz até o fim, contra a odiosa opressão americana, por um govêrno democrático popular. Nestas circunstâncias, quando o Partido tem uma justa linha política e exige de seus membros esforços cada dia maiores, quando as lutas se tornam mais duras e o Partido abre fogo contra o oportunismo, é inevitável que os elementos instáveis, ainda existentes em nossas fileiras, sintam o terreno faltar-lhe sob os pés. Isto acontece particularmente com uma parte dos elementos que chegam ao Partido vindo dos meios pequeno-burgueses, com aqueles elementos pequeno-burgueses que são portadores de modos de vida e de hábitos inteiramente estranhos ao proletariado revolucionário.

Sem dúvida alguma, como mostra nossa própria experiência, muitos dos elementos de origem pequeno-burguesa que, por seu espírito combativo e suas inclinações revolucionárias, vêm ao Partido, superam seu individualismo, suas incompreensões e oscilações, subordinam, voluntária e conscientemente, toda sua vida, seus desejos e interesses à vida, aos desejos e interesses do Partido revolucionário do proletariado. Reeducam-se, fazem esforços sinceros para elevar-se à compreensão dos pontos de vista proletários de classe, procuram assimilar e aplicar corretamente a doutrina marxista-leninista-stalinista. Podem tornar-se por isso bons militantes e dirigentes do Partido, lutadores proletários abnegados e consequentes, consagrados de corpo e alma à causa do Partido, da classe operária e do povo.

Há, entretanto, outra parte de elementos pequeno-burgueses, membros do Partido, que não procura assimilar sincera e corretamente o marxismo-leninismo-stalinismo, não faz esforços para se elevar aos pontos de vista e aos métodos de trabalho proletários, resiste, de uma ou de outra maneira, em libertar-se de suas origens e concepções sociais, continua aferrada obstinadamente à ideologia da camada social a que pertence e conserva suas ligações de classe estranhas ao proletariado. Nessas condições, tais elementos não poderão jamais chegar a ser lutadores proletários, a compreender o papel e a importância do Partido. São êsses, em geral, os portadores, dentro do Partido, do espírito de vacilação e oportunismo, do espírito de desmoralização e incerteza; são êsses os elementos que oscilam permanentemente entre a exaltação e o abatimento. Êste estado de espírito tem sua expressão concreta nas crescentes ilusões de classe diante das manobras demagógicas dos atuais governantes que, a serviço dos imperialistas americanos, fazem esforços desesperados para enganar e conservar sob sua influência as grandes massas trabalhadoras; êste estado de espírito se revela claramente nas hesitações e recuos diante das campanhas de intimidação da reação imperialista, na tremenda vulnerabilidade às concepções alheias aos interesses do proletariado, no derrotismo diante das dificuldades, nas dúvidas permanentes diante da menor núvem que vêem surgir no horizonte, nos desvios da linha política e dos princípios do Partido.

Nas condições atuais do mundo, dividido em dois campos, e quando a revolução democrático-popular no Brasil, de cunho agrário e anti-imperialista, só pode ser dirigida pelo proletariado, é geralmente entre êsses elementos de origem pequeno-burguesa, que não foram ganhos para a ideologia do proletariado, onde se manifestam as tendências mais nocivas ao movimento revolucionário. Muitos passam ao nacional-reformismo, transformam-se em porta-vozes das mais variadas concepções e tendências anti-partidárias, provocam disputas dentro do Partido, lutam contra os interesses de classe do proletariado, caem abertamente no capitulacionismo. Resvalando para essas posições, baqueiam diante da luta revolucionária e da pressão do inimigo de classe, degeneram inteiramente, transformam-se em instrumentos dóceis nas mãos da reação e do imperialismo. Quando desmascarados, inicialmente protestam e gritam, reclamam que se pretende liquidá-los como "revolucionários", mas logo passam ao ataque contra o Partido. São êsses elementos que constituem fundamentalmente a fonte do fracionismo e da desagregação, a fonte dos conluios contra o Partido e do trabalho de sapa realizado pelo inimigo de classe nas fileiras do Partido.

Este é justamente o caso do renegado José Maria Crispim. Iniciadas sob a máscara de divergências políticas suas atividades contra-revolucionárias logo evoluiram para o embuste e a calúnia contra o Partido e sua direção nacional, descambando, por fim, para a deserção, o fracionismo e a traição.

— II —

Camaradas. A atuação de José Maria Crispim no Partido caracterizou-se sempre por concepções e atitudes pequeno-burguesas, reveladas em sucessivas manifestações oportunistas, ora de direita e ora de esquerda, como em profundas incompreensões sôbre o caráter e o papel do Partido. Atuando em 1937, em São Paulo, deixou-se envolver, temporàriamente, por elementos fracionistas que tentaram desagregar o Partido. São conhecidas suas posições liquidacionistas de 1942 a 1945. Ao sair da prisão, em abril de 1945, declarando reconhecer seus erros liquidacionistas, foi enviado para trabalhar na Capital de São Paulo; mas já em 1946 era seriamente criticado por seus falsos métodos de direção partidária, reconhecendo, então, que se apoiava em métodos individuais, centralizava tudo em suas mãos e tendia à criação de um séquito próprio no trabalho. Com a reviravolta da orientação política do Partido, em janeiro de 1948, Crispim adotou posições golpistas e aventureiras no Rio Grande do Sul, onde se encontrava à frente do Partido, substituindo a política comunista de massas pela ação isolada e sectária de pequenos grupos. Criticado pela direção nacional, reconheceu em palavras seus erros. Declarando-se de acôrdo com o Manifesto de Agosto, foi enviado para Pernambuco, mas aí não confirmou suas palavras com atos concretos, isto é, com a efetiva e justa aplicação da linha do Partido. Pelo contrário, Crispim incorreu novamente em desvios esquerdistas, passando mais tarde para posições caracteristicamente de direita.

As tendências direitistas e sectárias de Crispim, que são as duas faces da mesma moeda do oportunismo, suas conhecidas incompreensões pequeno-burguesas sôbre o papel e os princípios do Partido, muitas vezes criticadas mas nunca superadas, não poderiam senão agravar-se diante do crescente acirramento da luta de classes, quando mais acesos e ásperos se tornam os combates e maiores são as dificuldades no trabalho. Assim é que, no Pleno do Comitê Nacional de fevereiro de 1951, Crispim, dizendo concordar com a linha política do Partido, defendeu posições tipicamente oportunistas, contrárias à essa mesma linha, achando que as atividades do Partido deviam reduzir-se exclusivamente à luta pelas reivindicações mais imediatas e dentro do atual quadro dominante em nossa pátria. Foi então criticado por suas falsas posições políticas, sendo o informe da Comissão Executiva e as resoluções da reunião aprovados por unanimidade, com o voto favorável, portanto, do próprio Crispim. Mas, preocupado com isto, o Secretariado Nacional, logo após o Pleno de Fevereiro, voltou a discutir fraternalmente com Crispim, tratando de mostrar-lhe, mais detalhadamente, o caráter dos erros que êle vinha cometendo em suas atividades como dirigente. Procurando defender suas posições políticas oportunistas e novamente criticado, Crispim começou então a apresentar sua verdadeira fisionomia, disposto a tudo fazer no sentido de arrastar o Partido para o pântano da capitulação.

Com efeito, tentando apresentar-se sob u'a máscara política e ideológica, Crispim surgiu com longo documento propondo sinuosamente a revisão da linha do Partido, sugerindo tortuosamente que não levantemos a bandeira da independência nacional e da democracia popular. Ora camuflando-se, ora caindo em evasivas, Crispim se desorienta com seu jôgo duplo e grita em desespêro contra a linha política do Partido: "Por onde nos conduzirá uma perspectiva revolucionária de programa e de organização?"

Vejamos a situação em que nos encontramos. E' um fato indiscutível que estamos diante de um govêrno de traição nacional, de latifundiários e grandes capitalistas, de carestia e de terror contra a classe operária e o povo; é um fato que os atuais governantes preparam aceleradamente o país para a guerra e realizam uma política de militarização total de nossa pátria; é um fato que a política exterior do govêrno não é uma política de paz e independente, mas uma política de guerra e de completa submissão aos imperialistas belicistas norte-americanos, tendo transformado o Brasil numa peça do bloco agressivo da ONU; é um fato que os imperialistas ianques dominam nosso país, roubam nossas riquezas, pisoteiam nossa soberania, procuram ocupar totalmente nossas bases com seus destacamentos militares. Que fazer diante disto? Crispim toma posição contra as palavras de ordem fundamentais de nosso Partido, pretextando que não há condições para o Partido ter um programa nacional-libertador e lutar pela paz, pela independência nacional, por terra aos camponeses e por um novo poder, um poder democrático popular. Segundo êle, na atual situação não há condições para se formular semelhante programa e para se lutar por essas tarefas políticas. Eis, camaradas, uma posição oportunista e de capitulação aos atuais governantes brasileiros e à odiosa servidão americana.

O que Crispim propugna limitaria o Partido a fazer pequenas manobras, a lutar por pequenas melhorias e reformas que não exigem nem de longe a eliminação da odiosa opressão americana nem a luta contra o govêrno de guerra, terror e fome que infelicita nosso povo, melhorias e reformas, portanto, inteiramente compatíveis com os marcos do atual regime semi-colonial e semi-feudal. Os objetivos de Crispim, sem dúvida alguma, coincidem perfeitamente com os métodos demagógicos do govêrno de Vargas, serviçal dos imperialistas americanos, que procura fazer concessões insignificantes às massas e lançar mão de todos os ardis possíveis em seus esforços desesperados para desviar as massas da luta ativa e consequente pela paz, por pão, terra e liberdade, pela independência nacional e por um govêrno democrático-popular.

A posição política do nosso Partido, como partido revolucionário do proletariado, é outra bem diversa: é a posição de luta intransigente pelos interesses supremos do proletariado e do povo. Isto significa que nosso Partido, no atual momento histórico, luta pela paz e pela libertação nacional do jugo imperialista, pela liquidação das sobrevivências semi-feudais e pela entrega gratuita da terra aos camponeses, pela confiscação dos capitais americanos e por uma posição independente do Brasil na ONU, pela imediata melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras e pelo desenvolvimento independente da economia nacional, pelas liberdades democráticas para o povo e pela instrução e cultura para as massas, contra o atual govêrno de lacaios dos provocadores de guerra americanos e por um govêrno democrático-popular. Destas tarefas políticas, destaca-se a luta pela paz como nossa tarefa central. Quer dizer, nosso Partido liga intimamente a luta pela independência nacional à luta pela paz, arregimentando as massas para as campanhas patrióticas, por um Pacto de Paz e contra o envio de tropas brasileiras para participarem dos atos agressivos de Truman, denunciando incansàvelmente o caráter de traição nacional dos atuais governantes brasileiros, concitando todas as fôrças patrióticas e democráticas a lutarem pela libertação da odiosa opressão americana. Quer dizer ainda, nosso Partido considera que a luta pela paz está indissoluvelmente ligada, como diz o camarada Suslov, "à defesa dos interesses vitais da classe operária e de todos os trabalhadores, que a luta pela paz é, ao mesmo tempo, a luta contra a miséria, a fome e o fascismo". Assim, a luta ativa pela paz e

(Continua na 6.ª pág.)

CARTA DO CAMARADA PRESTES
Aos membros do Comité Nacional

Ao Comitê Nacional
Camaradas!

Nêste momento em que, apesar de tôdas as perseguições, conseguimos realizar essa reunião do órgão dirigente de nosso Partido, a que comparecem todos os seus membros efetivos e suplentes, é com a maior alegria que aproveito o ensejo para vos enviar minha saudação fraternal e amiga.

Como sabeis, agrava-se de dia a dia a situação no mundo inteiro e, em nosso país, o momento é igualmente de evidente acirramento da luta de classes. Tudo indica que marchamos para sérios combates. Isto — é claro — não nos assusta, mas nos obriga a refletir sôbre nossas responsabilidades de dirigentes do único Partido que pode e deve levar a classe operária e nosso povo a vitória sôbre os incendiários de guerra do imperialismo ianque e seus lacaios brasileiros.

Como tive ocasião de escrever no Informe da Comissão Executiva, estou convencido de que o nosso Partido é hoje mais forte do que nunca. Somos os primeiros a reconhecer nossas próprias debilidades e bem sabemos o muito que ainda nos falta caminhar para nos colocarmos na altura dos acontecimentos. Quer dizer — estamos livres de tôlas vaidades, mas não podemos também admitir o exagêro pequeno-burguês de uma falsa modéstia. E, se o nosso Partido é cada dia mais forte, isso se deve, antes de tudo à combatividade e à abnegação comprovadas da grande maioria de seus militantes, mas também ao fato de possuir à sua frente uma direção que não tem poupado esforços para cumprir o seu dever e corresponder à confiança que nela depositam o Partido, a classe operária e boa parte do nosso povo. O Comitê Nacional e sua Comissão Executiva constituem, sem dúvida, a direção mais provada que já teve o nosso Partido, uma direção fiel ao internacionalismo proletário, como mostrou em 1946, que jamais vacilou na defêsa sem reservas da União Soviética, uma direção que foi capaz de reconhecer diante da classe operária e do povo seus erros e que demonstrou ser capaz de corrigi-los na prática.

Nas condições atuais, camaradas, diante da situação que se agrava, aumentam porém nossas responsabilidades e mais do que nunca precisamos estreitar os laços que nos unem e fazer de nosso Partido um bloco monolítico em tôrno do Comitê Nacional e de sua Comissão Executiva.

E' inevitável que certas pessoas, ainda não ganhas para a ideologia do proletariado, se assustem com o acirramento da luta de classes, procurem puxar o Partido para traz e cheguem mesmo a lutar contra sua linha política, contra a tática revolucionária e até contra a disciplina partidária e, mais particularmente contra os órgãos dirigentes do Partido. E' isso uma lei geral da crise revolucionária, como nos ensina o camarada Stálin. Nosso Partido, no entanto, que é o destacamento dirigente da classe operária, seu Estado Maior de combate, não pode admitir em suas fileiras a pusilânimes, oportunistas, capituladores e traidores. E' uma lição que nos dão o grande Partido Bolchevique e seus dirigentes: "O Partido se fortalece ao depurar-se dos elementos oportunistas".

O Partido, acima de tudo — êste o nosso primeiro dever de revolucionários e patriotas. Todo aquêle que se volta contra a unidade do Partido apunhala a classe operária e luta contra a independência nacional, passa ao campo da traição, ao campo dos inimigos da Revolução e do socialismo. Porisso, a unidade do Partido, que consiste em defender a unidade da organização partidária, a unidade ideológica e política, a unidade na aplicação da linha política junto às massas, é a causa sagrada de todos os comunistas.

Defendamos, camaradas, a unidade do Partido como a menina de nossos olhos, cerrando fileiras em tôrno do Comitê Nacional e de sua Comissão Executiva, sendo cada vez mais intransigentes na defesa da linha política e tática de nosso Partido, da linha do Manifesto de Agosto, fazendo os maiores esforços para que êle seja efetivamente aplicado por todo o Partido com mais firmeza e audácia.

Camaradas! Conheceis bem de perto o que são os sofrimentos de nosso povo, sabeis a que grão inaudito já chegou a exploração dos trabalhadores em nossa terra, não podeis esquecer-vos das dezenas de companheiros que nêstes últimos anos já deram a vida para que nosso povo se liberte do jugo imperialista, daqueles que morreram para que a nossa juventude não seja sacrificada numa guerra imperialista — depende fundamentalmente de nós, camaradas, de nosso Partido e de sua direção, que aquêle sangue não tenha sido derramado em vão, depende também de nós não serem desfeitas as esperanças de nosso povo que se volta sempre e cada vez mais para o nosso Partido.

Nossas responsabilidades aumentam, tornam-se cada vez maiores — eis o que precisamos bem compreender. Só poderemos realizar com êxito nossas tarefas à frente do povo, da classe operária e de nosso Partido, se soubermos unir-nos firmemente, se soubermos fazer de nosso Comitê Nacional uma só vontade, um único pensamento, uma ação convergente em tôrno dos companheiros mais responsáveis e experimentados que constituem a Comissão Executiva do C. Nacional.

Vivemos numa época em que o Partido exige mais e cada vez mais de seus militantes e particularmente de seus dirigentes — saibamos cada um de nós colocar-nos na altura dessas exigências.

Camaradas! Cônscio das minhas responsabilidades e cada vez mais orgulhoso de nosso Partido e de sua direção, estou convencido de que marchamos para grandes combates e grandes vitórias.

Com os meus melhores votos pelo completo êxito dessa reunião, abraça-os a todos, desejando-lhes um Novo Ano de lutas e de vitórias, o camarada e amigo tirar o ponto.

LUIZ CARLOS PRESTES

A LUTA PELA PAZ, NOSSA TAREFA CENTRAL E DECISIVA

(CONCLUSÃO DA 4.ª PAG.)

Frente Democrática de Libertação Nacional que o povo brasileiro conquistará um govêrno democrático-popular.

Lutando pela paz, nosso Partido levanta bem alto a bandeira sagrada da independência nacional e da democracia popular.

Camaradas!

Assim é que ganharemos a batalha da paz e da independência nacional. Precisamos agora fazer novos e maiores esforços no sentido da efetiva aplicação da justa linha política do Partido. Mas, para tanto, é indispensável que simultâneamente saibamos avançar na realização prática das Resoluções que tomamos em fevereiro de 1951 a respeito do reforçamento orgânico, político e ideológico de nosso Partido. Trata-se de colocar o Partido na altura de sua linha política.

Já tomamos, sem dúvida, algumas medidas para enfrentar os problemas do fortalecimento do Partido, tanto no terreno de sua consolidação orgânica, como no da elevação do nível político e ideológico de seus quadros. É verdade que ainda estamos nos primeiros passos, mas os resultados práticos já alcançados em todos os terrenos confirmam cada vez mais a justeza da orientação adotada. Cabe-nos, portanto, insistir e na base da crítica e da autocrítica aprofundada de tôda nossa atividade, intensificar nossos esforços para colocarmos o Partido na altura de suas tarefas.

É preciso redobrarmos de esforços no sentido de criar e consolidar bases do Partido nas grandes emprêsas e nas grandes concentrações de assalariados agrícolas e de camponeses. E' através da criação de novas células nas grandes emprêsas e por meio do recrutamento planificado, especialmente entre os setores decisivos da classe operária, que mais ràpidamente melhoraremos a composição social do Partido e que aumentaremos nossa influência sôbre as parcelas mais consequentes do proletariado. Precisamos continuar a fazer esforços no sentido de intensificar a vida política de tôdas as organizações do Partido, estimulando a iniciativa, desenvolvendo a democracia interna e reforçando a disciplina, com o objetivo permanente de aumentar a coesão nas fileiras do Partido. Devemos ainda intensificar nossos esforços no terreno da elevação do nível teórico dos quadros e do nível ideológico de todos os nossos militantes, aumentando o número de cursos e círculos de estudo, criando novos cursos de maior duração e de nível mais alto e estimulando de tôdas as formas o estudo individual.

Sublinhamos a necessidade de reforçar cada vez mais em nossas fileiras a vigilância revolucionária. O inimigo não nos ataca apenas do lado de fora, com as fôrças brutas da reação. Êle não poupa esforços para infiltrar-se em nosso meio, para atacar-nos por dentro, e utiliza para tanto todos os nossos pontos fracos. Só uma vigilância revolucionária permanente será capaz de desmascarar os traidores, de impedir que camaradas ideològicamente ainda fracos sejam arrastados em atividades anti-partidárias, de afastar mais ràpidamente os inimigos que tentem se infiltrar no Partido. Não nos esqueçamos, porém, de que a vigilância revolucionária só é possível na base da democracia interna e da prática permanente da crítica e da autocrítica em todos os escalões do Partido.

No momento histórico que atravessamos, quando crescem e se aprofundam ràpidamente as contradições entre o campo imperialista e o campo anti-imperialista, quando a luta pela paz até o fim significa fazer esforços para deslocar nossa pátria do campo da guerra para o campo da paz, fator importante para o êxito de tôda nossa atividade revolucionária está no reforçamento da educação internacionalista do Partido. A fidelidade ao internacionalismo proletário é qualidade básica dos militantes de um Partido, como o nosso, que luta pela paz, pela independência e soberania da pátria, pela democracia e o socialismo. Devemos, portanto, não poupar esforços no sentido de intensificar essa educação internacionalista em nossas fileiras, educação que deve consistir fundamentalmente em estimular o amor e a dedicação sem reservas à União Soviética e ao grande Stálin.

"Internacionalista — disse o camarada Stálin em 1927 — é aquêle que está disposto a defender a URSS sem reservas, sem hesitações, sem condições porque a URSS é a base do movimento revolucionário mundial e não é possível defender impulsionar para diante êste movimento revolucionário sem defender a URSS. E aquêle que pensa defender o movimento revolucionário mundial à margem da URSS, coloca-se contra a revolução, passa obrigatoriamente para o campo dos inimigos da revolução."

CAMARADAS!

Nosso Partido se desenvolve e se reforça na medida em que sabe trabalhar pelos interesses da classe operária e de todo o povo.

Hoje, o que o Brasil necessita, em primeiro lugar e essencialmente, é de paz, independência e democracia, é livrar-se da política de guerra do imperialismo americano e de seus lacaios brasileiros. E é à frente dessa luta que estamos nós, comunistas, dispostos a tudo fazer para salvar a paz do povo, para libertar nossa pátria do jugo imperialista e conquistar a democracia popular.

Aproximam-se grandes lutas, combates de nova envergadura. Nossa tarefa é imensa e pesada nossa responsabilidade. Mais do que nunca, precisamos desenvolver o espírito de disciplina, o espírito de Partido, o espírito de dedicação sem limites ao Partido, à classe operária e ao nosso povo. O Partido, a classe operária e o nosso povo exigem, de cada um de nós, firmeza e iniciativa.

Marchemos serenos e confiantes para o combate e para a vitória!

A luta é áspera e difícil, mas podemos olhar com confiança para o futuro. Temos à nossa frente o maior sábio de nossa época, o educador do proletariado do mundo inteiro, aquele que ao lado de Lénin realizou a grande Revolução Socialista de Outubro e construiu o primeiro Estado Socialista, o grande comandante que salvou a humanidade da escravidão fascista e que hoje conduz, com a mesma segurança, a luta pela paz, pela liberdade, pela independência nacional dos povos, pelo socialismo e por um futuro feliz e radioso para toda a humanidade — o grande camarada Stalin!

Ao trabalho, portanto, confiantes e decididos, para desenvolver e ganhar a batalha pela paz, pela independência nacional e por um govêrno democrático-popular.

Estudar, Debater e Divulgar o Informe do Camarada Prestes

RESOLUÇÃO DO C. N. SÔBRE O 1.º PONTO DA ORDEM DO DIA

O Comitê Nacional do P.C.B. aprova unanimemente o Informe político apresentado em nome da Comissão Executiva pelo camarada Prestes, secretário geral do Partido.

O Comitê Nacional do P.C.B., dada a importância dêsse Informe, resolve determinar que seu estudo e discussão seja realizado, como tarefa obrigatória, em todos os escalões do Partido; que em todo o Partido seja imediatamente organizada a aplicação das tarefas nele indicadas; e que os comunistas e todas as organizações do Partido realizem um sério esfôrço no sentido de tornar êsse documento conhecido da classe operária e das mais amplas massas populares.

O Comitê Nacional dirige-se a todos os militantes do Partido e a todos apela para que empenhem seus melhores esforços no sentido de unir e organizar a classe operária e as grandes massas populares na luta pela paz e a independência nacional, a fim de quebrar os planos reacionários dos incendiários de guerra em nosso país, de melhor contribuirmos para a salvaguarda da paz no mundo inteiro, e de avançarmos no caminho da organização da Frente Democrática de Libertação Nacional

Rio, fevereiro de 1952.

O Comitê Nacional do P.C.B.

Reforçar a vigilância revolucionária, tareta vital do Partido

(Continuação da 5.ª pág.)

contra os provocadores de guerra possibilita o despertar mais rápido das massas, permite mobilizá-las e organizá-las, facilita o desmascaramento dos atuais governantes e dos imperialistas americanos, aproxima nossas tarefas das tarefas de todas as fôrças que lutam pela vitória total do campo da paz e da democracia, liderado pela União Soviética e por Stálin.

O Partido considera que o único caminho para alcançar tais objetivos é o caminho da mais ampla unidade de todas as fôrças patrióticas e democráticas, sobretudo da classe operária e dos camponeses. Por isso, nosso Partido luta pelo fortalecimento de todas as organizações sindicais e de massas; por isso, nosso Partido presta todo o apoio e participa abnegadamente no Movimento dos Partidários da Paz; por isso, nosso Partido conclama todos os democratas e patriotas, acima de quaisquer diferenças de crenças religiosas, de pontos de vista políticos e filosóficos, para se unirem numa ampla Frente Democrática de Libertação Nacional para ação e para a luta.

Estas as justas posições políticas de nosso Partido. Diante delas, fica perfeitamente claro que os "objetivos políticos" de Crispim, suas apregoadas "teses políticas" não passam de armadilhas nacional-reformistas, que servem aos planos criminosos dos provocadores de guerra americanos e brasileiros e visam desviar nosso Partido, a classe operária e o povo, das lutas de massas e dos verdadeiros objetivos das lutas nacional-libertadoras.

Camaradas. Com o intuito de defender seus pontos de vista, Crispim volta ao passado, procura fazer uma interpretação a seu modo da história de nosso Partido, falsifica a história do Partido para tentar encobrir suas posições políticas de 1942 a 1945 e a verdadeira atuação dos liquidacionistas.

Como é sabido, naquele período, quando a existência do Partido se impunha mais do que nunca, numerosos elementos combatiam a existência do Partido e lutavam abertamente contra o Partido e sua direção. Em nome da união nacional os liquidacionistas defendiam e exigiam a dissolução, a anulação e a supressão das organizações partidárias, abjurando dessa forma a existência ilegal do Partido. "O liquidacionismo — diz Lênin — é um oportunismo de tal natureza que chega até a renegar o Partido". Daí Crispim e aqueles liquidacionistas mais empedernidos, entre os quais formava o camarada Fernando Lacerda, terem lançado a mais terrível campanha de calúnias que se possa imaginar contra todos os que se batiam pela existência do Partido e lutavam pràticamente pelo crescimento e fortalecimento do Partido.

Queremos, aqui, recordar que José Maria Crispim fez, por várias vezes, em 1945, 1946 e 1947, autocrítica de suas posições liquidacionistas. Assim, por exemplo, em abril de 1946, ele dizia que o liquidacionismo havia sido "um processo de degeneração política" que "condenava o Partido", e que reconhecia então a "extensão e gravidade do êrro e da falsa posição" a que fôra levado por "falta de compreensão do que é disciplina consciente do Partido, do que é o centralismo e a democracia interna, por falta de compreensão do que é o Partido, de seu papel dirigente, e falta de confiança na classe operária". Se ele agora passa a defender novamente suas antigas posições liquidacionistas, isto demonstra sòmente que eram hipócritas suas autocríticas, que concordou com as críticas do Partido unicamente para permanecer em nossas fileiras.

As tentativas de justificar e defender suas posições liquidacionistas conduziram Crispim aos mais infames ataques ao Partido. E do ataque ao Partido, Crispim descamba para as mais torpes calúnias contra a direção nacional.

Como vêdes, camaradas, a Comissão Executiva viu-se diante de atitudes sumamente graves da parte de José Maria Crispim. Apesar de tudo não tínhamos, até então, nenhuma prova concreta de que Crispim estava com o propósito deliberado de aferrar-se em seus erros e insultos, não aceitar as deliberações da direção nacional, afastar-se de seus deveres partidários e transformar suas falsas posições e suas calúnias em plataforma fracionista e em luta aberta contra o Partido. Partindo dessa apreciação, a Comissão Executiva decidiu, logo após o Pleno do Comitê Nacional de junho, do qual Crispim participou sem manifestar quaisquer divergências sôbre o informe e as resoluções em debate, exigir dele a comprovação das graves acusações contra o Partido e sua direção e uma autocrítica de suas atitudes capitulacionistas e anti-partidárias. Isto para podermos submeter todo o caso ao debate e resolução do Comitê Nacional.

Procurando justificar-se, Crispim concordou, embora defendendo seus pontos de vista políticos, em cumprir as deliberações tomadas a seu respeito pela Comissão Executiva. Para trabalhar na elaboração dos documentos exigidos ficou à disposição da Comissão Executiva, livre de quaisquer outras tarefas partidárias.

Mas, em meiados de agosto o Secretariado Nacional tomou conhecimento de que Crispim, iludindo a boa fé da direção e violando a disciplina do Partido, estava distribuindo subrepticiamente sua plataforma política, radicalmente contrária à linha do Partido, como também procurando contacto com elementos do Partido, no Rio e em São Paulo, a fim de estabelecer com eles relações anti-partidárias. Diante disto, o Secretariado Nacional dirigiu-se a Crispim marcando prazo para que cumprisse a resolução da Comissão Executiva, tendo ele então respondido com evasivas. Tornava-se evidente que Crispim não tinha nenhum desejo de cumprir a deliberação da Comissão Executiva nem de discutir francamente suas questões no único órgão partidário em que ele poderia discutir, isto é, no Comitê Nacional, mas que estava tão somente procurando ganhar tempo e enganar a direção superior do Partido.

Com efeito, tendo o Secretariado Nacional insistido sôbre o cumprimento da resolução, Crispim dirigiu uma carta à Comissão Executiva, em princípios de outubro, onde dizia claramente que não se sentia obrigado a cumprir a resolução da Comissão Executiva, e que havia tomado a deliberação de trabalhar sob sua responsabilidade pessoal para abrir uma frente de massas de luta pela paz. Cortou todas as ligações com a direção nacional e desapareceu.

Infringia, assim, Crispim os mais elementares princípios partidários; abandonava, assim, Crispim suas responsabilidades de membro efetivo do Comitê Nacional e desertava das fileiras do Partido Comunista.

Insubordinando-se contra uma resolução da Comissão Executiva, Crispim violou grosseiramente a disciplina partidária. As resoluções da direção nacional, de acôrdo com os princípios que regem o Partido Comunista, são leis invioláveis, não só para os órgãos partidários como para todos e cada um dos seus membros. Subordinação incondicional do militante à organização partidária, obediência absoluta à maioria e aos órgãos superiores do Partido são os alicerces da disciplina do Partido. A disciplina, obrigatória e igual para todos, é a base da própria existência do Partido como organização única e coesa, que visa um objetivo único. Sem disciplina não se pode ter assegurada a ordem e a unidade nas fileiras do Partido; sem disciplina o Partido não pode agir como um só homem, como um todo único; sem disciplina nada se pode fazer de útil, nenhuma vitória pode ser conquistada; sem disciplina o Partido seria um joguete oscilando de acôrdo com as vontades individuais as mais diversas, seria reduzido a um agrupamento inconsistente e incoerente, incapaz de dirigir a menor luta da classe operária, quanto mais sua libertação total. Por isso o Partido exige de cada comunista, sem qualquer exceção, a observância da mais rigorosa disciplina partidária. Sob nenhum pretexto e em nenhuma circunstância o Partido pode permitir que se viole a sua disciplina. Tal ato é incompatível com a condição de comunista. "O que debilita, por pouco que seja a disciplina férrea do Partido do proletariado — diz Lenin — ajuda de fato a burguesia contra o proletariado". Se assim é, quem viola como Crispim a disciplina do Partido, serve realmente aos inimigos do proletariado e de nosso povo.

Ao desertar, Crispim perdeu todos os direitos partidários. Não há comunista fora do Partido; não há comunista sem pertencer a uma organização do Partido e nela trabalhar; não há comunista sem se subordinar incondicionalmente aos princípios do Partido. O camarada Stálin nos ensina que só pode ser considerado membro do Partido aquele que "considera seu dever fundir seus desejos com os desejos do Partido e atuar em conjunto com o Partido". Separando seus interesses dos interesses do Partido, deixando de atuar no conjunto harmônico do Partido, fugindo de suas responsabilidades perante o Partido, Crispim rompe todos seus laços com o Partido, deixa portanto de ser membro do Partido Comunista.

Assim, violando os princípios pelos quais se rege o Partido, desertando do Partido, Crispim fugiu à discussão na Comissão Executiva e no Comitê Nacional das questões que levantou, fugiu à responsabilidade por suas calúnias e por suas grosseiras falsificações da história do Partido, fugiu à responsabilidade de seus êrros diante do Partido, fugiu à comprovação de seus infames ataques ao Partido e aos órgãos superiores do Partido. Isto por si só já seria bastante para desmascarar os embustes e as calúnias de Crispim, pondo a nú seu farisaísmo para com o Partido, sua traição ao Partido.

Mas desde que desertou do Partido, Crispim meteu-se no manto de um novo Messias e tudo faz para formar seu rebanho de ovelhas negras. São evidentes suas atividades fracionistas contra o Partido. Procura contactos individuais com elementos do Partido, difunde infâmias e calúnias a torto e a direito, explora descontentamentos e vaidades, utiliza-se de carreiristas e aventureiros, apoia-se em elementos afastados e expulsos do Partido, tenta semear a confusão política e ideológica no seio de algumas organizações do Partido, realiza todos os esforços para criar entre militantes de base do Partido um clima de desconfiança na direção nacional do Partido e de indisciplina no Partido. Seu trabalho, portanto, tem um objetivo claro: empregar todas as armas para ver se cria condições para formar um centro dirigente paralelo e diversionista, a fim de tentar abalar a combatividade e a fôrça unida do Partido. A existência do Partido é incompatível com a existência de grupos ou frações. Expressando os interesses homogêneos da classe operária e baseado nos princípios harmônicos do marxismo-leninismo-stalinismo, o Partido não pode ser um ajuntamento casual e amorfo de diferentes grupos, frações, etc., mas uma organização de combate unida, ligada pela disciplina consciente, igualmente obrigatória para todos os seus membros, uma organização única e coesa, que atua segundo um plano único e uma direção única. Jamais podem existir duas correntes, duas linhas políticas e dois centros dirigentes no Partido revolucionário do proletariado. Seria o mesmo que admitir como justa a rutura da unidade de pensamento e de ação no Partido; seria o mesmo que permitir a desagregação e decomposição do Partido. E' justamente por isso que qualquer tentativa para minar a disciplina e a unidade do Partido, qualquer intento fracionista favorece aos inimigos do Partido e da classe operária. O grande Lênin dizia: "E' necessário que todo operário consciente compreenda claramente o caráter pernicioso e inadmissível de todo fracionismo, o qual... conduz inevitavelmente, na prática, ao rompimento do trabalho harmônico e aos intentos acentuados e repetidos dos inimigos, que se infiltram nas fileiras do Partido, com o objetivo de estimular dissenções dentro dêste e servir-se delas para os fins da contra-revolução". O dever primordial de todos os membros e organismos do Partido é, portanto, manter acima de tudo a unidade do Partido, lutando implacavelmente contra qualquer ação hipócrita e fracionista, como a que atualmente realiza o desertor José Maria Crispim; o dever primordial de todos os membros e organismos do Partido é cumprir rigorosamente a disciplina partidária, execrando pùblicamente todo fracionista e traidor do Partido.

Camaradas. O fato de Crispim, ao desertar do Partido, ter-se ligado a Frederico Bonimani, elemento que, segundo declarações do próprio Crispim numa biografia em abril de 1946, capitulou diante da polícia de São Paulo em 1941 e delatou vários elementos de base e dirigentes; o fato de Crispim ter ainda se ligado a Leonardo Roitman e outros tipos semelhantes, expulsos do Partido como indignos de pertencerem às fileiras do movimento revolucionário do proletariado, para com eles organizar um grupo fracionista contra o Partido, tudo isso mostra claramente que Crispim enveredou conscientemente pelo pântano da traição aos interesses do Partido Comunista, do proletariado e do povo brasileiro.

Em suas atividades fracionistas, Crispim vem procurando influenciar membros do Partido, tentando convencê-los da necessidade de uma discussão ampla da linha do Partido e da realização de um Congresso do Partido. O que êle pretende é a revisão de nossa justa linha política e que todo o Partido, de cima a baixo, se envolva no debate de suas pretensas "teses políticas", ou melhor, de "sua" plataforma fracionista. Este é um velho método utilizado por todo fracionista para tentar decompor o Partido por dentro. Se nosso dever é considerar como indispensável a livre discussão de todas as questões dentro do Partido e assegurar a todos os seus membros o direito de livre crítica, nosso dever também é não permitir jamais que desertores e fracionistas venham ao Partido para difamar e denegrir militantes e dirigentes, para minar a unidade e a disciplina de nossas fileiras. O que as discussões no Partido visam, por princípio, é despertar ao máximo a iniciativa a atividade dos membros do Partido, é elevar seu senso de responsabilidade em relação à causa do Partido, é fazer com que as massas do Partido se sintam donas do Partido. Discussão livre, discussão que seja benéfica à causa do Partido, sim, mas nunca a liberdade para que meia duzia de capituladores realizem uma tagarelice sem fim, ou que sirva de veículo para que divisionistas e aventureiros tentem enfraquecer a vontade de luta ou minar a unidade do Partido, nem para dar tribuna de onde um tipo qualquer possa deblaterar contra o Partido em proveito de suas ambições pessoais ou de interesses escusos que representa. Se nenhum militante ou dirigente do Partido, individualmente, tem o direito de exigir que se abra uma ampla discussão no Partido por qualquer motivo ou questão, se uma discussão ampla em todo o Partido não pode ser realizada a qualquer momento nem de qualquer maneira, seria o maior dos absurdos, camaradas, se chegássemos a permitir que agentes do inimigo ou quem pensa como o inimigo tivessem, por um instante sequer, liberdade para destilar no seio do Partido o veneno do nacional-reformismo e de concepções anti-proletárias. Em nosso Partido não há esse tipo de liberdade, liberdade para desertores e fracionistas, como Crispim, agirem à sua vontade, discutirem o que bem entenderem, formarem grupos fracionistas para quebrar a unidade do Partido e tentarem provocar cisões que possam minar a fôrça do Partido, seu prestígio e autoridade entre as massas. Certa vez, combatendo aqueles que desejavam esse tipo de liberdade no Partido, o camarada Stálin exclamou: "Deus nos livre de tal democracia! Não necessitamos de uma espécie qualquer de discussão e de uma espécie qualquer de democracia, mas de discussão e de democracia que ofereçam proveito ao movimento comunista". Admitir, portanto, como justa a discussão, dentro do Partido, de uma plataforma fracionista, a discussão, dentro do Partido, com deaceitar e dar direitos às frações sertores e traidores, seria colocar comunistas e divisionistas no mesmo pé de igualdade, seria e aos grupos nas fileiras do Partido, seria colocar no mesmo nível o anti-Partido e o Partido. Diante de fracionistas e traidores, a única posição justa é combatê-los e esmagá-los em toda linha.

Ao mesmo tempo, camaradas, podemos afirmar: o Partido fará seu Congresso quando julgar conveniente, mas sem fracionistas como Crispim. Os congressos do Partido são congressos de militantes honrados e fiéis ao Partido e não de desertores e traidores do Partido. Um Congresso do Partido é realizado sempre sob uma direção adequada e quando o momento o permita. Em outras palavras: não deve haver uma situação de emergencia no país e o Congresso só pode ser convocado pelo Comitê Nacional ou por solicitação de dois terços de seus membros. O debate preparatório do Congresso é sempre promovido em todos os organismos do Partido pelos respectivos órgãos dirigentes, processando-se à base de teses e normas elaboradas pelo Comitê Nacional. No Congresso debatem-se os informes prestados pelo Comitê Nacional, emergindo daí a linha política e as tarefas do Partido como fruto da vontade da maioria, da unidade de pensamento e de ação dos comunistas.

Se quizermos conhecer mais profundamente os princípios que devem exigir e dirigir uma ampla discussão no Partido, basta tão somente citarmos o que é estabelecido pelo glorioso Partido de Stálin: "A discussão ampla, sobretudo a discussão geral em tôda URSS de questões de política do Partido, deverá ser organizada de tal modo que não possa conduzir a que uma minoria insignificante tente impôr sua vontade à imensa maioria do Partido ou a que se tente formar agrupações fracionistas que quebrem a unidade do Partido ou produzir cisões que possam minar o poderio e a firmeza da ditadura da classe operária. Uma ampla discussão em toda a U.R.S.S. portanto, só poderá ser considerada indispensável no caso de que: a) sua necessidade seja reconhecida ao menos por várias organizações locais do Partido de caráter regional ou republicano; b) se dentro do Comitê Central do Partido não houver maioria suficientemente firme sôbre os problemas mais importantes da política do Partido; c) se, mesmo existindo uma maioria firme no C.C. que defenda um ponto de vista determinado, o C.C. considere necessário, entretanto, comprovar a justeza de sua política por meio de uma discussão no Partido. Somente cumprindo estas condições se poderá garantir o Partido contra os abusos na aplicação da democracia interna do Partido por parte dos elementos contrários a ele; unicamente nestas condições se poderá esperar que a democracia interna no Partido redunde em benefício da causa e não seja aproveitada para causar danos ao Partido e à classe operária". Por certo, sem a menor sombra de dúvida, nosso Partido, do primeiro ao último militante, está de acôrdo com estes princípios stalinistas e não com os embustes do desertor e fracionista José Maria Crispim.

Camaradas. Tendo enveredado abertamente pelo caminho da traição, Crispim chegou aos limites extremos da mentira e da duplicidade e lança agora nova série de calúnias contra o Partido e sua direção nacional. Urde as piores infâmias com o objetivo de ver se consegue desacreditar a direção superior do Partido, particularmente o núcleo dirigente do Partido. Não é por acaso que elementos como Crispim empregam a mesma tática dos mais furiosos liquidacionistas e dos golpistas de 1945 que tiveram a veleidade de tentar separar Prestes do Partido. Não é por acaso que os métodos de Crispim assemelham-se como duas gotas dágua aos métodos da reação, que em 1946 tudo fez para explorar as declarações de Prestes sôbre a guerra imperialista e sôbre a amizade para com a União Soviética; tentava assim a reação abrir brechas no Partido, procurando jogar elementos do Partido contra Prestes. Não é por acaso, também, que esses ataques e calúnias coincidem com os ataques e calúnias que enchem diariamente as colunas da imprensa vendida ao imperialismo.

Sim, camaradas, nada disto é por acaso! E' a luta dos que querem dividir o Partido, minar a unidade de suas fileiras, enfraquecer sua ação política. E' a luta dos inimigos do proletariado contra a fortaleza do proletariado. Caluniando o Partido e defendendo uma plataforma contra-revolucionária, dirigindo um grupo fracionista contra o Partido, Crispim se coloca na posição de um agente do imperialismo americano, perfila-se entre os traidores da classe operária, passa para o campo da reação, do imperialismo e da guerra. E' como renegado e traidor, que deve ser estigmatizado impiedosamente por todo o nosso Partido.

Camaradas. O caso de Crispim não é o primeiro que surge na história de nosso Partido. O Partido é um organismo vivo e não está nas nuvens; ele existe e luta no seio da própria vida social, cercado de classes e camadas sociais não-proletárias. O Partido está, portanto, sempre sujeito à penetração, em suas fileiras, de uma ou de outra maneira, de elementos estranhos e mesmo hostis à causa da classe operária.

Devemos estar lembrados do que aconteceu em 1937, em São Paulo. Ali os agentes do inimigo conseguiram penetrar no Partido, mascararam-se habilmente, trabalharam anos seguidos, ganharam adeptos, corromperam, cercaram-se de amigos pessoais, através de um trabalho persistente e aproveitando as dificuldades por que passava o Partido chegaram a dominar postos-chaves da direção estadual e mesmo algumas posições na direção nacional. As vésperas do golpe para-fascista de Vargas de 10 de Novembro, passaram então ao ataque contra o Partido, não ainda abertamente, mas apresentando uma plataforma política exigindo a mudança da linha do Partido, a substituição da direção nacional e a realização imediata de uma Conferência Nacional do Partido. Combatidos e desmascarados, surgiram com sua verdadeira face: agentes trotzquistas a serviço da camarilha de Vargas e do imperialismo.

Devemos estar lembrados que, sob a pressão do inimigo de classe, elementos como Silo Meireles e Osvaldo Costa ou como Caetano Machado, desertaram do Partido e traíram a causa do proletariado, passando-se abertamente para o lado da reação e do imperialismo.

Ainda recentemente, com a volta à ilegalidade, tivemos o caso de Milton Caires de Brito, ex-membro da Comissão Executiva. Diante das perseguições da reação contra os comunistas, esse elemento revelou-se pusilânime, caiu em pânico, desertando acovardado das fileiras do Partido.

Todos esses elementos foram oportunamente desmascarados, afastados e expulsos do Partido e com isso o Partido se fortaleceu e se prestigiou. Não há dúvida, camaradas, a conspiração do renegado e traidor José Maria Crispim contra o Partido será também totalmente esmagada. A montanha não se abala com o silvar da serpente. Fiel aos ensinamentos do marxismo - leninismo - stalinismo, nosso Partido saberá cerrar mais ainda suas fileiras e travar a luta impiedosa, sem quartel, contra todos os inimigos do proletariado, quaisquer que sejam as bandeiras e camuflagens com que se apresentem. E o Partido sairá sempre triunfante.

III

Camaradas. Ser vigilantes mais que nunca, ser vigilantes contra o trabalho do inimigo de classe — eis a tarefa que o Partido exige de todos seus militantes na presente situação.

Precisamos reconhecer francamente que reina ainda muito pouca vigilância revolucionária no seio do Partido. Embora a Comissão Executiva tenha compreendido, desde o Pleno do Comitê Nacional de fevereiro de 1951, que se encontrava diante de um capitulador e defendido com firmeza os interêsses do Partido, a verdade é que Crispim, pelos sucessivos erros cometidos, devia ter sido, há muito, pelo menos afastado dos postos importantes que ocupara. Se examinássemos os quadros mais pelo que fazem do que pelo que dizem, mais pelos resultados reais de seu trabalho do que pela simples confiança pessoal, por certo descobriríamos mais fàcilmente os impostores e adventícios, capituladores e divisionistas, que, como Crispim, possam ainda existir infiltrados em nossas fileiras. Se levássemos mais em conta o passado dos elementos, teríamos há mais tempo verificado que Frederico Bonimani, hoje principal acólito de Crispim, havia traído o Partido desde 1941, capitulando diante da polícia, delatando quem conhecia como comunista em São Paulo. Se controlássemos não só a vida partidária como a vida particular dos quadros, há muito tínhamos apurado que Celso Cabral, hoje desmascarado como delator e traidor do Partido, desde 1947 vinha frequentando bordéis, atitude incompatível com a condição de comunista, com a agravante de viver na ilegalidde e ocupar postos de direção. Ainda hoje muitos camaradas são afastados de tarefas importantes onde fracassarem sem que exijamos um exame autocrítico aprofundado ou sem que examinemos atentamente as causas de suas reincidências nos mesmos êrros. O espírito de displicência em relação à repetição de desvios e falhas já várias vêzes criticados, a resignação perante os defeitos e os fracassos sucessivos no trabalho, a benevolência para com os delatores e traidores, as desculpas para prisões aparentemente justificáveis, as atitudes descuidadas e levianas no trabalho conspirativo e diante dos segredos partidários, a cegueira política diante de certas ocorrências estranhas, tôdas essas manifestações se podem infelizmente observar ainda em muitos camaradas do Partido, mesmo em quadros dirigentes. Muitos camaradas não se apercebem da atuação daninha de capitulacionistas e desagregadores, nem mesmo do trabalho do inimigo. Tudo isto expressa uma séria e perigosa negligência política e ideológica, falta de vigilância revolucionária que pouco melhorou mesmo depois do desmascaramento da camarilha de provocadores e espiões titistas na Iugoslávia e da revelação das diversas conspirações dentro dos Partidos Comunistas irmãos das democracias poulares. Estas conspirações, no entanto, não foram conluios fortuitos — fazem parte de uma conspiração internacional adredemente preparada pelo imperialismo americano contra os Partidos Comunistas de todos os países e a luta geral pela Paz.

Como vêdes, camaradas, presentemente entre nós a vigilância é ainda subestimada. E é de vigilância constante que necessitamos em nossas fileiras. Suponhamos mesmo que os capituladores e fracionistas sejam poucos, como de fato são, que haja poucos provocadores e espiões mobilizados atualmente contra nosso Partido, — isto significaria na verdade que a vigilância pudesse ser subestimada? Stalin deu resposta a essa pergunta há 14 anos: "Para fazer mal e para causar prejuízos, não é necessário um grande número de indivíduos". Reflitamos sôbre nossa experiência e vejamos os sérios danos que causou ao Partido um só elemento como Miranda, em 1935, com seu aventureirismo e sua posterior capitulação e traição. Ou como Honorio de Freitas Guimarães, em 1940, tipo aventureiro e estranho ao proletariado. Dois ou tres provocadores hàbilmente infiltrados nas oficinas de nossos órgaos centrais, nos causaram não poucos prejuizos em 1950. Para construir uma célula, por exemplo, dispendemos muito esfôrço e tempo; para desorganizar seu trabalho ou levar todos seus membros à prisão não é necessário mais que um provocador. Não devemos, portanto, nos consolar com a idéia de que somos muitos, enquanto são poucos os possíveis provocadores infiltrados em nossas fileiras ou os aventureiros e divisionistas. O que é preciso agora é dar provas da mais elevada perspicácia política e de uma firme e permanente vigilância revolucionária para não permitirmos a menor violação dos princípios partidários e para pôr em guarda os militantes do Partido contra o trabalho dos capituladores e fracionistas, provocadores e espiões. Precisamente porque somos um Partido revolucionário, cuja missão histórica é conduzir a classe operária e o povo brasileiro à libertação total, é que necessitamos livrar as fileiras do Partido de todo elemento estranho à ideologia do proletariado. Desmascarar e extirpar do Partido os fracionistas e espiões, os agentes do imperialismo — eis uma tarefa urgente e fundamental.

Nenhuma razão, camaradas, temos para pensar que sòmente com a aspereza da luta e as dificuldades no trabalho, as escórias são eliminadas do Partido antes que nós as eliminemos. Ao contrário, elas se grudam como sanguessugas no organismo do Partido. Se é verdade que a luta clandestina enrijece os quadros e eleva os revolucionários mais abnegados e audazes, não é menos verdade que nela o inimigo duplica seus esforços, utiliza todos os recursos e artimanhas, põe a seu serviço pessoas que tiveram atitudes pusilânimes na prisão, delatores e traidores, aproveita-se de capitulacionistas e desagregadores, movimentando todos como marionetes para o trabalho de sapa no interior do Partido, para os conluios fracionistas contra o Partido, para tentar golpes na cabeça e no coração do Partido.

Concretamente, é preciso acabarmos com o sentimentalismo pequeno-burgues, imperdoável de certos camaradas que sempre têm uma palavra de desculpa e indulgência para com os delatores que causaram danos ao Partido, entregando endereços, casas e camaradas à polícia. Não, não se pode perdoar aos pusilânimes e covardes que, na polícia traíram o Partido, revelaram ao inimigo as questões privativas do Partido. Informar ao inimigo de classe, é descer, quaisquer que sejam as circunstâncias ou pretextos que possam ser apresentados, à categoria do auxiliar da polícia, de renegado, de vil traidor do Partido e da classe operária. Os organismos do Partido devem, sem perda de tempo, examinar criteriosamente tais casos e expurgar sem piedade o que lhe é estranho e indesejável.

Sem dúvida, devemos saber distinguir sempre um amigo de um inimigo. Sob nenhum pretexto podemos permitir que se confundam alhos com bugalhos. Há uma diferença como do dia para a noite entre camaradas fiéis que têm opiniões equivocadas ou que cometem leviandades e êrros por inexperiência ou falta de capacitação, e fracionistas ou provocadores que cozinham a confusão ideológica, desvirtuam a linha política, sabotam sua aplicação, semeiam boatos e intrigas, levantam discórdias e lutas sem princípios e minam a solidariedade entre os membros do Partido e a unidade de nossas fileiras. Aos camaradas que cometem falhas e erros no trabalho, devemos corrigi-los e educá-los através da crítica e da autocrítica franca e leal; mas contra os fracionistas incorrigíveis e provocadores comprovados, o que nos cabe fazer é desmascará-los publicamente e expulsá-los do Partido.

Em nenhum momento, camaradas, devemos acusar um elemento de capitulador e fracionista, provocador e espião, senão à base de fatos indiscutíveis e de provas concretas. Não olvidemos que o inimigo, para se mascarar no seio do Partido, pode especular até mesmo com a vigilância, urdindo infâmias contra comunistas honrados e fiéis, para semear a desconfiança mútua e a desorganização em nossas fileiras. Não permitamos que se crie em nenhuma organização do Partido a atmosfera malsã da desconfiança e da suspeita. Estejamos prevenidos contra a leviandade e a falta de escrúpulos, contra qualquer tentativa de vingança pessoal, contra todo intento arrivista de aplicar medidas disciplinares à base de falsas acusações ou de simples calúnias. "A calúnia contra militantes honrados, encoberta sob a bandeira da "vigilância" — diz o camarada [illegible] — é na atualidade o procedimento mais difundido para encobrir, para dissimular uma atividade inimiga. Entre os caluniadores é onde devemos ir buscar, antes de tudo, os vespeiros dos inimigos ainda não desmascarados". Uma vez, entretanto, de posse de dados já examinados com o máximo de cuidado e seriedade, o que cabe fazer é colocar abertamente a questão no organismo respectivo, desmascarar impiedosamente o capitulacionista ou provocador, fracionista ou espião descoberto, extirpando todas as concepções e tendências que êle possa ter deixado no seio de uma ou outra organização do Partido, pondo ainda todos os membros e dirigentes do Partido diante de suas responsabilidades partidárias, em lugar de restringir o caso a simples medidas disciplinares. Para reduzir a pó o caso de Crispim, por exemplo, é preciso não somente expulsá-lo das fileiras do Partido, mas analisar seu caso perante todo o Partido, desmascarar sua plataforma política e seu trabalho fracionista, empreendendo ainda uma intensa campanha de esclarecimento dos princípios partidários e da linha política, prevenindo também o Partido sôbre as várias formas de trabalho dos capitulacionistas e fracionistas, provocadores e espiões nas fileiras do Partido. Isto é imprescindível. E' a única maneira de arrancarmos o mal pela raiz, educarmos os membros e dirigentes do Partido no espírito da intransigência proletária e na defesa dos princípios que regem nosso Partido, fortalecermos ainda mais a unidade e a disciplina em nossas fileiras. E' na luta que o Partido se desenvolve, é depurando-se que o Partido se fortalece e se tempera. A árvore se torna mais forte e dá melhores frutos quando dela se eliminam as parasitas e quando se cortam os galhos que apodreceram.

Limpando nossas fileiras dos capitulacionistas e traidores, partimos da consideração que não podemos suportar, no seio do Partido, tais elementos, assim como não se pode suportar uma úlcera num organismo são. Travar uma luta implacável contra a reação e contra o imperialismo americano, tendo dentro do Estado-Maior da classe operária, dentro de sua fortaleza de vanguarda, capitulacionistas e traidores, "é cair — diz o grande Stálin — na situação de quem se vê entre dois fogos, atacado, ao mesmo tempo, pela frente e pela retaguarda. E' fácil compreender — diz ainda Stálin — que a luta, nessas circunstâncias, só pode levar à derrota. O modo mais fácil de tomar uma fortaleza é atacá-la de dentro. Para alcançar a vitória, é preciso, em primeiro lugar, limpar o Partido da classe operária, seu Estado-Maior dirigente, seu posto avançado, dos capitulacionistas, desertores, renegados e traidores".

Cultivemos, pois, o ódio proletário de classe contra os que desertam e traem o Partido, convencidos de que todos êles são inimigos da causa da classe operária e do povo, inimigos da paz, da independência nacional, da democracia popular e do socialismo.

Camaradas. A luta pelo reforçamento da vigilância revolucionária exige, igualmente, que elevemos a um ponto mais alto a luta pelo desenvolvimento e fortalecimento político, ideológico e orgânico do Partido.

Quanto mais elevado fôr o nível político dos militantes e dirigentes do Partido, tanto menores serão as possibilidades de ação dos capituladores e fracionistas, dos agentes do imperialismo, em nossas fileiras, tanto maiores serão nossas possibilidades para desmascará-los e expurgá-los, por mais bem camuflados que se encontrem. Elevar nosso nível político significa desenvolvermos uma luta sistemática pela assimilação e aplicação da justa linha política do Partido. Neste sentido, são poucas ainda as direções e organizações do Partido que têm uma vida política intensa e ligada à realidade viva do meio onde atuam. Os documentos do Partido são estudados de maneira insuficiente, quase sempre discute-se a linha política à base de generalidades e não para se tomar medidas

(Conclui na 7ª página)

Reforçar a vigilância revolucionária, tarefa vital do Partido

(Conclusão da 6.ª pág.)

concretas para sua efetiva aplicação. A ajuda política aos organismos e militantes, apesar de vir melhorando sensivelmente nestes últimos tempos, é pequena ainda, já que poucos são os conselhos necessários e oportunos que se transmitem para tal ou qual problema decisivo num momento dado. Sendo assim, como nossos militantes poderão se familiarizar com os elementos essenciais da linha do Partido e se tornar capazes de perceber o trabalho daqueles que desvirtuam nossa política e sabotam conscientemente sua aplicação junto às massas? Apesar da situação de ilegalidade em que nos encontramos, necessitamos, por cima de tudo, assegurar uma vida política intensa às direções e aos organismos do Partido, assegurar a discussão e o estudo dos materiais e da imprensa do Partido. Diante de cada situação ou questão surgida, é preciso abrir, sem protelações e sem esperar as ordens vindas de cima, uma perspectiva política clara para os militantes, fornecendo-lhes tarefas concretas, dando enfim indicações e argumentos políticos a cada um dos camaradas cuja compreensão política e experiência revolucionária não estejam ainda à altura de sua abnegação e seu espírito de sacrifício. Ali onde o nível político se eleva, camaradas, ali onde se defende firmemente a linha, ali onde se aplica corretamente a linha, também ali o inimigo tem dificuldades de meter o focinho, também ali não há clima para proliferarem os capitulacionistas e fracionistas.

Tenhamos sempre em conta, camaradas, que os inimigos nunca se apresentam inicialmente tais quais são, com seu programa, com suas concepções, organizando a luta aberta contra o Partido. O inimigo deixaria de ser perigoso se aparecesse abertamente como tal, desde o primeiro momento, uma vez que isto significaria seu rápido desmascaramento. O inimigo mascara-se habilmente, trabalha com sutileza, semeia com uma mão e colhe com a outra, usa duplicidade, disfarça sua ação com juramentos e declarações altissonantes de fidelidade ao Partido. E' sabido que, diante do espírito revolucionário do proletariado da União Soviética, os capitulacionistas e fracionistas, em diferentes épocas, procuraram dissimular sua ação criminosa com uma fraseologia pretensamente revolucionária. Inimigos como Browder e Tito realizaram seu trabalho de provocação e de traição, sob a bandeira de supostos "novos caminhos" para o socialismo, sem necessidade de fortes Partidos marxistas-leninistas nem de ditadura do proletariado. Em nome de um pretenso "marxismo criador" e sob o pretexto de servir à unidade nacional para a guerra contra o Eixo nazi-fascista, foi que se espraiou sutilmente o veneno do liquidacionismo em 1942 no Brasil. E' sob a bandeira de pseudo "luta ideológica" que o traidor José Maria Crispim vem realizando seu trabalho fracionista contra o Partido. Como descobrir êsses lobos sempre vestidos em peles de cordeiro? A rica e sábia experiência do Partido Bolchevique nos ensina que sòmente elevando constante e sistemàticamente nosso nível ideológico, é que podemos nos proteger da miopia política, da incapacidade em perceber as manobras nocivas e as artimanhas sutis do inimigo. A elevação do nível ideológico é o melhor antídoto contra qualquer tipo de veneno destilado subrepticiamente pelo inimigo em nossas fileiras. E' o antídoto para a luta contra as tendências que possam se manifestar no seio do Partido do nacional-reformismo ou do cosmopolitismo, ambas grandemente nocivas, porque desarmam ideològica e pollticamente o Partido para a luta consequente pela paz, a independência nacional e a democracia popular. Daí decorre a necessidade urgente de ampliarmos mais e mais o trabalho de formação ideológica de nossos quadros: abrir novas escolas, criar novos cursos, organizar círculos de leitura, iniciar um amplo trabalho de propaganda, realizar conferências educativas, formar professôres qualificados, planificar novas edições de livros e folhetos de divulgação marxista, estimular o estudo individual, que é o método essencial e provado de assimilação da teoria do proletariado. Nosso trabalho ideológico deve servir fundamentalmente para que os quadros do Partido possam orientar-se em qualquer situação, compreender para onde e como se desenvolvem os acontecimentos, compreender os fenômenos inerentes à luta de classes, compreender as tarefas políticas do Partido e aplicá-las com justeza. Através da luta pela assimilação do marxismo-leninismo-stalinismo é que nosso Partido vai adquirir mais amplas perspectivas revolucionárias, vai conseguir maiores êxitos na solução dos problemas políticos, vai armar-se melhor para o combate aos capitulacionistas e divisionistas e levantar com mais decisão a bandeira da vigilância revolucionária, vai inculcar nos militantes mais confiança e certeza na vitória de nossa sublime causa. Como vedes, camaradas, trata-se de uma questão sumamente importante.

Falamos, camaradas, de nossas tarefas no terreno político e ideológico para desenvolver a vigilância revolucionária nas fileiras do Partido. Mas para assegurar seu êxito são necessários alguns requisitos orgânicos: é preciso, entre outros, saber selecionar quadros abnegados e capazes para aplicarem efetivamente as resoluções do Partido e controlar sistemàticamente a marcha do cumprimento das resoluções até o fim.

Um bom contrôle tem importância fundamental na luta pelo reforçamento da vigilância revolucionária e pelo desmascaramento dos capitulacionistas e fracionistas, dos provocadores e espiões. Ele permite verificar como se aplica e se defende a linha e quais os resultados reais do trabalho. Muitas vêzes vemos camaradas que se preocupam pouco com o andamento do trabalho, que não vão até o fundo das questões, não tomam muito a peito as dificuldades com que tropeçam; outras vêzes vemos paralizações no trabalho do Partido num momento em que maiores eram as necessidades de sua intensificação. Em tais casos, isto é, quando surgem fracassos sucessivos na aplicação das tarefas ou repetições de atitudes desleixadas no trabalho, a verificação criteriosa dessas questões pode esclarecer-nos se se trata de um camarada irresponsável, que devemos criticar ou substituir, se se trata da mão do inimigo semeando a má semente na organização partidária. Controlar quer dizer examinar a atividade dos quadros e dos organismos do Partido. Ali onde há uma justa e sistemática verificação do cumprimento das tarefas, ali temos em nossas mãos um poderoso refletor que ilumina todo o campo das atividades partidárias, revelando as falhas e as atitudes negligentes no trabalho, revelando quem é honrado e quem não presta, revelando quem se deve promover e estimular e quem se deve pôr de lado ou expurgar.

Por outro lado, se há setor onde a vigilância revolucionária deve exercer-se em tôda sua plenitude é justamente na seleção dos quadros. Mas, precisamente neste particular, procedemos ainda com muita displicência. Selecionamos os quadros muitas vêzes por suas intervenções ou declarações solenes e não pelo exame e contrôle de seus atos e realizações concretas. Outras vêzes a escolha se processa à base do simples conhecimento pessoal. Tudo isto devemos evitar. Qualquer falha na seleção dos quadros pode ser uma janela aberta que pode ser galgada por um arrivista ou filisteu, fracionista ou provocador. Devemos conhecer profundamente nossos quadros e selecioná-los com rigoroso critério. E tanto mais rigoroso quanto mais alta fôr sua responsabilidade. O critério mais provado, para termos uma visão completa e fazermos um julgamento correto sôbre os quadros, é verificá-los e selecioná-los tendo em conta seu presente e seu passado, sua vida partidária e sua vida particular, sua fisionomia política e suas aptidões práticas. Ou em outras palavras: devemos escolher quadros que sejam honrados e fiéis ao Partido, dedicados ao povo, firmes na defesa da linha e na superação das dificuldades, eficientes no trabalho, exigentes para consigo e para com os outros, capazes de trabalhar abnegadamente em qualquer tarefa que lhe seja designada e de organizar o trabalho de todos para a execução das diretrizes do Partido. Seguindo êsse justo critério, insistimos mais e mais na promoção audaciosa dos quadros proletários, mesmo que êles não se saiam airosamente de suas primeiras tarefas, mesmo que não tenham ainda os necessários conhecimentos teóricos nem suficiente experiência do trabalho de direção. Refutando as restrições na promoção dos quadros proletários, disse o camarada Stalin: ... "Na vida do Partido Comunista (bolchevique) da URSS houve casos em que à frente de grandiss mas organizações provinciais do Partido se encontravam operários com insuficiente preparação teórica e política. Entretanto, êstes operários mostraram-se melhores líderes que muitos intelectuais, privados do necessário instinto revolucionário. E' bem possível que a princípio as coisas não marchem de todo bem com os novos líderes, mas isto não é nada fatal, quando derem um ou dois tropeções, êles se emendarão e aprenderão a dirigir o movimento revolucionário. Os líderes não caem nunca do céu já feitos. Forjam-se no processo da luta". Desde que selecionemos os quadros guiando-nos por êsses critérios, iremos descobrir quadros que nunca enxergamos antes, como iremos depurando o Partido dos elementos que lhe são estranhos ou dos que se deixaram inocular pelo veneno do inimigo de classe.

Camaradas. As responsabilidades de nosso Partido, as tarefas para o reforçamento da vigilância revolucionária, põem numa altura nova, extraordinária, a questão do papel e da importância do Partido. O Partido é o fator decisivo; sem o Partido tudo seria quimérico. Os sucessos de nossa causa dependem, antes e acima de tudo do desenvolvimento e do reforçamento cada vez maior do Partido. Mas nosso Partido é forte, antes e acima de tudo, pela unidade de vontade e de ação, é forte pela atividade e o devotamento de todos seus membros em conjunto e de cada um de seus militantes em particular.

Vêde bem, camaradas: Dia a dia é preciso mais e mais devotamento ao Partido. Não é por acaso que os inimigos do Partido tentam desesperadamente dirigir seus golpes especialmente contra a unidade do Partido, êles sabem que o rompimento da unidade do Partido mesmo por um fio, pode possibilitar derrotas no trabalho do Partido e nas lutas do proletariado e do povo. A luta pela unidade do Partido deve, portanto, ocupar o centro de nossas preocupações. Cada dia precisamos lutar com energias redobradas e de modo mais intransigente pelo reforçamento da unidade em nossas fileiras. Em nosso Partido não há nem pode haver lugar para desagregadores nem para a menor tentativa divisionista. Não podemos permitir que se mine a vontade unitária de luta do Partido, nem que se debilite por um instante sequer sua coesão interna. O sentido do trabalho de nosso Partido não é um sentido qualquer, é o sentido da luta pela paz, a libertação nacional, a democracia popular e o socialismo. Nenhum sucesso pode ser conseguido, nesta luta encarniçada, sem a mais elevada unidade de vontade e de ação, sem que o Partido atue unissono, como um só homem, onde a menor dissonância seja pressentida, combatida e eliminada. A unidade no Partido, portanto, não consiste em pronunciar-se simplesmente a favor da unidade, ou fazerem-se declarações solenes sobre a unidade. O princípio da unidade no Partido é um princípio concreto e que consiste em defender a unidade da organização partidária, a unidade ideológica e política, a unidade na aplicação prática da linha política junto às massas. Eis porque dizemos: nenhuma guarida em nossas fileiras aos violadores da unidade, a unidade do Partido acima de tudo! "Nunca, nem por um minuto — diz Stalin — os bolcheviques consideraram o Partido de outra forma a não ser como uma organização talhada de um só tronco e que possui uma única vontade!" Sabemos, camaradas, que todos e cada um dos membros do Partido repelirão impiedosamente qualquer intento de fracionismo, zelarão carinhosamente pela unidade do Partido como o que há de mais sagrado na sua vida de militante comunista.

A unidade partidária que defendemos intransigentemente não deve significar, sob nenhum pretexto, qualquer cerceamento da livre discussão e do debate dentro do Partido. E' preciso estimular entre todos os membros do Partido, da direção à base, a coragem política e a ânsia de saber encorajar todos a que manifestem abertamente seus pontos de vista, tão imensamente úteis à luta de opiniões e à crítica no Partido. Mas tudo isto, camaradas, dentro do Partido e não fora do Partido, sempre por caminhos que sejam benéficos ao partido. Observando os princípios estatutários, cada camarada deve expressar francamente com tôda liberdade, seu pensamento. E o dever de cada um de nós é escutar paciente e atentamente tôdas as críticas e todos os pontos de vista, sejam os mais discordantes. Separando o joio do trigo, aceitemos as opiniões que são justas e procuremos persuadir com argumentos convincentes aos elementos honrados e fiéis que se equivocam. Sem chocá-los, sem feri-los, devemos tudo fazer para esclarecê-los, mas falando-lhes com tôda franqueza. Sim, porque nosso dever primeiro, como comunistas, é batermo-nos, sem vacilações nem meios termos, pela linha do Partido, batermo-nos contra toda resistência à linha e à sua fiel aplicação, contra todo desvio oportunista e sectário. Se as divergências surgidas forem em tôrno de questões práticas, ou se ajustam fàcilmente ou se pode chegar a um entendimento comum. Se forem divergências políticas, é preciso não evitar o debate, discutir até que as divergências sejam vencidas e que tenha triunfado a linha do Partido, sem nos esquecermos, porém, que o Partido não é um clube de discussões intermináveis, mas uma organização de combate. No Partido não pode haver duas linhas nem linha intermediária de conciliação; no Partido só há uma linha que é a linha da maioria. E, entre nós, não manda Cosme nem Damião, esta ou aquela vontade individual; quem manda é sempre a maioria, porque é a expressão da vontade do Partido.

A persistência de um camarada em seus pontos de vista, não pode, portanto, por um só instante, ser separada da obediência incondicional que deve ao seu organismo partidário, à maioria e aos órgãos superiores do Partido. Mesmo admitindo que a maioria esteja equivocada e que suas opiniões são as mais corretas, o dever de todo membro do Partido é colocar a unidade do Partido acima de tudo, submetendo-se às decisões da maioria e aplicando honrada e fielmente essas decisões, continuando, ao mesmo tempo, a lutar disciplinada e firmemente para que sejam corrigidos os equívocos. Em nosso Partido não há o direito de, quem quer que seja, desobedecer à vontade da maioria e aos órgãos superiores do Partido e agir de maneira individual e independente dos princípios estatutários. Nenhum membro ou dirigente do Partido pode transformar-se em juiz de si mesmo; nosso único e supremo juiz é o Partido. A ordem no Partido não se constrói na base de vontade de indivíduos, mas na base do princípio de subordinação do militante à organização, da minoria à maioria, das organizações inferiores às organizações superiores e de todos os militantes e organismos ao Comitê Nacional. Qualquer ação, portanto, que possa minar a disciplina e atingir, por mais leve que seja, a unidade do Partido, é uma ação ilícita, constitui uma violação grosseira dos princípios do Partido. Eis por que todo militante honrado e fiel deve evitar, em qualquer circunstâncias, atingir a disciplina partidária. Nossa regra de conduta deve ser uma só: submissão absoluta ao princípio supremo da unidade e da disciplina do Partido.

Se tirarmos, camaradas, mais atentamente as lições de nossas experiências, como dos Partidos Comunistas irmãos, veremos, sem dificuldades, que os capitulacionistas, fracionistas, provocadores e espiões não podem manter-se no Partido senão por uma aplicação insuficiente das normas do centralismo democrático nas diversas instâncias do Partido. Se bem que, sob o atual regime de terror e perseguições, nosso Partido se veja obrigado a guardar um caráter estritamente conspirativo, o que o priva temporariamente de estruturar-se totalmente à base do princípio da eleição a partir de baixo, devemos, no entanto, encontrar formas e métodos que nos permitam aplicar melhor os princípios do centralismo democrático em nossas fileiras. Ninguém em sã consciência pode deixar de reconhecer que a realização de amplas reuniões do Partido esbarra em sérios obstáculos, na situação política em que vivemos de ditadura a serviço dos provocadores de guerra americanos. Tendo o máximo de cuidados para não expôr demasiado e levianamente as direções e organismos do Partido aos golpes da reação, devemos, entretanto, realizar mais normalmente, plenos, ativos, assembléias de células, etc., para que se possa examinar, com mais frequência e de maneira mais coletiva, o trabalho das organizações partidárias na aplicação das tarefas do Partido. Desta forma criaremos maiores garantias para pôr a descoberto os defeitos e entraves no trabalho, para se fazer um melhor exame crítico e autocrítico das questões, para desmascarar e expulsar os que conseguiram introduzir-se no Partido para envenená-lo. Uma coisa é 3 ou 4 camaradas dirigentes observarem e controlarem os defeitos e as falhas no trabalho, outra coisa bem diversa é quando, além dêsses 3 ou 4 dirigentes, 10, 20 ou 30 outros comunistas observam e controlam os defeitos e as falhas no trabalho, criticando-os e corrigindo-os, tudo em função do fortalecimento do Partido. Neste caso, é maior a garantia de que sejam cometidos menos equívocos e êrros, de que sejam evitadas as surpresas, de que os fenômenos negativos e estranhos ao Partido sejam apontados a tempo e a tempo tomadas as medidas adequadas para sua eliminação.

As direções devem, assim, como método normal de trabalho, interessar vivamente os membros do Partido no exame das atividades de seus respectivos organismos, despertando maior vigilância e espírito de responsabilidade no trabalho, estimulando mais e mais a crítica e autocrítica.

O desenvolvimento da crítica e autocrítica se reveste de uma necessidade imperiosa. A crítica e autocrítica são uma arma revolucionária, um método provado, que nos possibilita tanto estimular e desenvolver as qualidades revolucionárias dos militantes e dirigentes honrados e fiéis, como expelir implacavelmente do Partido tudo que lhe seja estranho e que ainda persista em suas fileiras. Cada comunista deve utilizar mais e mais a crítica e autocrítica para a melhoria constante e crescente das atividades partidárias. A amizade pessoal entre camaradas ou as relações de família não podem ser de modo algum motivo para esconder as falhas no trabalho ou encobrir os defeitos mútuos. O fato de uma pessoa pertencer ao círculo de nossa amizade familiar não a isenta de cometer falhas ou mesmo sérios erros. Nesse caso, a amizade não pode prevalecer, já que o Partido, para um comunista, está acima de tudo. Um comunista não pode ser como Jano, o deus da mitologia grega, isto é, ter duas caras: uma para o Partido e outra para o amigo. Isto seria a liquidação do militante, porque o levaria a não ser sincero para consigo mesmo, uma vez que é capaz de esconder as falhas de seu amigo em prejuízo da própria causa que abraçou e a que jurou fidelidade. A duplicidade não é ornamento, mas degradação. O Partido exige de cada um de nós, antes e acima de tudo, sinceridade, sentido de honra revolucionária, não encobrir defeito dos outros em prejuízo do Partido, mas revelá-los e criticá-los abertamente perante o próprio Partido. Se a crítica e autocrítica são para purificar o Partido, para superar os êrros e as debilidades, se são para expurgar o que lhe é estranho e o que apodreceu, devemos tomá-las sempre com o máximo de seriedade, como a fôrça motriz do desenvolvimento do Partido. Neste terreno existem duas atitudes perigosas a que devemos atualmente prestar atenção e combater: tomar a autocrítica como um religioso toma a confissão ou tomar a crítica como um método de "meter-o-pau". Tanto uma coisa como a outra são estranhas à verdadeira crítica e autocrítica comunista. A primeira atitude é perigosa porque toma a autocrítica como uma absolvição periódica e barata dos pecados, com direito portanto de a pessoa continuar tendo a mesma conduta errônea; a segunda atitude é também perigosa porque transforma a crítica num jôgo de desferir golpes a torto e a direito em camaradas que cometem faltas, amedrontando os quadros, quebrando sua personalidade. As críticas em nosso Partido são leais, apropriadas e bem orientadas. As críticas não são para debilitar o trabalho, nem denegrir camaradas, nem tãopouco para criar ambiente de intrigas, desconfianças e minar a unidade no Partido; as críticas são para fortalecer a organização do Partido, aumentar a solidariedade entre os militantes e desenvolver o trabalho. Nunca se deve exagerar e avultar os defeitos, mas, criticando, buscar sempre o que há de valioso na pessoa, suas qualidades positivas, procurando fazer o militante ir para diante, transformando seus hábitos e sua consciência. Devemos ajudar solìcitamente os camaradas honrados e fiéis que cometeram êrros e foram criticados, fazendo tudo para esses camaradas não perderem a iniciativa e a combatividade. Quem já lutou sem cometer êrros? E' preciso, portanto, facilitar todos os meios para os camaradas criticados fazerem sua autocrítica na realização prática das tarefas. Em nosso Partido não se acusa nem se pune aos que não insistem nos erros ou aos que se equivocaram; em nosso Partido esses elementos são criticados, exige-se que se corrijam e nada mais. O Partido não tem contemplação e só pune aos que se aferram obstinadamente em seus êrros, insistem neles, não aceitam as deliberações da maioria e se afastam da linha e dos princípios partidários ou transformam seus êrros em plataformas fracionistas e em luta contra o Partido. Eis porque ali onde há crítica e autocrítica, a vigilância revolucionária se aguça, os quadros se retemperam e os inimigos não encontram guarida.

Mas o desenvolvimento da crítica e da autocrítica depende da boa organização do trabalho no interior do Partido, depende da atenção que se dedica aos membros do Partido, depende, em última análise, da atenção que se dê ao trabalho celular do Partido. O fortalecimento das atuais células e a rápida organização de novas células, especialmente nos núcleos proletários e nas concentrações camponesas, revestem-se de uma importância cada dia maior. E' inútil pensar que se pode reforçar o Partido sem reforçar as células, sem criar novas células. Certos camaradas têm ainda hoje uma posição displicente em relação a êste problema fundamental. Mas como, a não ser por meio das células, poder-se-á assegurar melhor e mais eficiente vigilância revolucionária no vasto campo das atividades partidárias? Nada melhor do que as células para controlar a atuação de cada membro do Partido; nada melhor do que as células para conhecer tão a fundo a vida de cada elemento do Partido. Nenhum membro do Partido, portanto, fora de sua célula; nenhum membro do Partido sem uma tarefa para executar e de cuja realização deve estar obrigado a prestar contas em sua célula. A primeira obrigação estatutária de um comunista é trabalhar abnegadamente numa célula e cumprir fielmente as tarefas estabelecidas pelo Partido. Se as células são o ponto de apoio principal para o trabalho do Partido, a tarefa central das direções consiste em dar indicações precisas para se recrutarem bons elementos e para se aumentar o número de ativistas em cada organismo, consiste em saber fazer crescer o número de células e fortalecer as células já existentes. O papel das direções é fundamentalmente saber ensinar as células a coordenar organizadamente a atuação de seus membros para que êles tenham todas as possibilidades de atuar junto às massas, organizando-as e levando-as à luta. Quanto mais fortes forem nossas células e quanto mais elevada for a atividade militante de cada membro do Partido, tanto menores serão as possibilidades do inimigo se entocar em nossas fileiras, tanto maiores serão os êxitos do Partido em todos os setores de suas atividades revolucionárias.

Acrescentemos a tudo isto: os comunistas não concebem a luta pela elevação da vigilância revolucionária e pelo reforçamento contínuo do Partido, reduzindo-se, estreitando-se, encerrando-se entre si mesmos como num claustro. Ao contrário, a fôrça que nos torna invencíveis é a ligação estreita e ampla com as massas, tendo com as massas mil contatos e desempenhando junto a elas nossa missão de vanguarda. Se as massas amam o Partido, se gozamos de crédito moral e político entre as massas, se as massas nos reconhecem como seus guias, elas não só seguirão as indicações do Partido, mas também ajudarão o Partido a desvencilhar-se e a desmascarar as ovelhas negras.

Camaradas. Tais são as tarefas essenciais para redobrarmos a vigilância revolucionária. Elas ajudarão, sem dúvida, a temperar e educar os membros do Partido, já que a grande escola é a própria luta, é a luta pela aplicação de nossos princípios e de nossa linha política, é a luta contra as dificuldades, é a luta contra as menores manifestações de oportunismo, é a luta contra todos os que negam as questões essenciais da política do Partido, contra os que utilizam o exame destas questões para fazer um trabalho de sapa contra esta mesma política, contra a direção do Partido e para tentar abalar suas fileiras de aço. A experiência demonstra que a luta para descobrir, isolar e alijar do Partido os capitulacionistas e divisionistas, provocadores e espiões, solda ainda mais nossas fileiras, transformando-as num só bloco monolítico. O mais profundo amor e devotamento ao Partido e ao povo; uma só vida dedicada ao Partido e ao povo; repúdio e combate às lutas sem princípios, aos mexericos, às intrigas, às calúnias, aos que falam contra o Partido e sôbre os segredos do Partido; atitude inflexível em defesa da unidade do Partido e rigorosa observância da disciplina partidária; honradez e fidelidade provadas nas lutas, nas prisões e na execução das tarefas — eis o que devemos exigir no Partido, eis o que significa espírito de Partido!

Camaradas. Examinamos aqui os problemas da vigilância revolucionária em nossas fileiras. Indicamos as medidas que precisam ser postas em prática para defender o Partido do trabalho insidioso dos inimigos de classe. Estamos certos de que o debate das experiências analisadas, muito poderá contribuir para tornar ainda mais forte e combativo nosso glorioso Partido.

"A vigilância revolucionária - diz o órgão do Bureau de Informação — é uma necessidade vital para um Partido marxista-leninista; sem ela o Partido da classe operária não pode desenvolver-se normalmente". Ela nos é tão necessária quanto o ar que respiramos. Ela torna inexpugnável ao inimigo a fortaleza do proletariado que orienta e dirige em nosso país as lutas libertadoras da classe operária e do povo.

O capitalismo moribundo se debate em atroz agonia. A fase de seu sangrento domínio chegou ao fim, ante a marcha inexorável da história. Mas êle resiste e luta desesperadamente como tudo que está condenado ao desaparecimento. E nessa luta emprega todos os recursos, os mais vis, os mais monstruosos, contra as fôrças novas que se levantam para destruí-lo e construir uma sociedade verdadeiramente bela e feliz. O alvo principal de seu ódio são a classe operária e seu Partido de vanguarda.

Nosso Partido, camaradas, jamais temeu a luta. Cerra suas fileiras e vai ao combate. E no combate afasta e expulsa os que nêle não se mostrarem dignos. O Partido é a auréola do militante. Fora do Partido, os que eram grandes se tornam pequenos, os gigantes se transformam em anões.

Aumentam, camaradas, nossas responsabilidades como dirigentes do Partido. O Partido exige de cada membro do Comitê Nacional firmeza e clarividência política, intransigência em face dos inimigos de classe e ante todo e qualquer desvio da linha e dos princípios partidários, devotamento ilimitado ao marxismo-leninismo-stalinismo e aos interesses da classe operária e do povo, amor e fidelidade à União Soviética e ao grande Stálin, ódio ardente aos incendiários de guerra americanos e seus agentes brasileiros. Como dirigente supremo, entre um Congresso e outro, o Comitê Nacional deve ser os olhos de lince do Partido.

Levantemos bem alto a bandeira da vigilância revolucionária, cujo símbolo é a unidade. Unidade de cima a baixo no Partido. Unidade em tôrno do Comitê Nacional e do camarada Prestes, nosso grande e heróico dirigente. Unidade para a vitória. O Partido Comunista do Brasil é indestrutível e invencível!

SAUDAÇÃO A OBDULIO BARTHE

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil dirige calorosa saudação ao camarada Obdúlio Barthe, querido dirigente do proletariado do povo do Paraguai.

Camarada Barthe: A consciência democrática de nosso povo vibra de indignação ante às violências e torturas com que os algozes do povo paraguaio ameaçam tua vida de bravo lutador pela paz e a independência nacional.

Interpretando os sentimentos de milhões de brasileiros, os comunistas do Brasil solidarizam-se com o povo irmão e seu heróico Partido Comunista na luta que trava pela paz, contra o inimigo odiado de nossas Pátrias — o imperialismo americano.

Enviando-te esta saudação fraternal, o Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil promete mobilizar a solidariedade do povo brasileiro em defesa da vida e da liberdade do querido camarada.

O COMITÊ NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Saudação ao Camarada Agliberto

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil dirige calorosa e fraternal saudação ao camarada Agliberto, bravo combatente pela causa da paz e da independência nacional.

Nosso Partido acompanha com orgulho tua atuação serena e enérgica, corajosa e exemplar, diante dos lacaios do govêrno de traição nacional a serviço do imperialismo americano. Mais uma vez tua firmeza de dirigente comunista se impôs às violências da reação fascista.

Expressando-te a mais carinhosa solidariedade, o Comitê Nacional do P. C. B. reafirma sua determinação de tudo fazer para mobilizar as massas em defesa de tua vida e de tua liberdade. Tudo faremos, camarada Agliberto, para trazer-te novamente à participação ativa na luta de nosso povo, sob a bandeira de Prestes, pela paz, a libertação nacional e a democracia popular.

O COMITÊ NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

MENSAGEM À FAMÍLIA DE JULIO CAJAZEIRAS

O pleno do Comitê Nacional do PCB, prestou comovida homenagem à memória do camarada Júlio Cajazeiras, mártir da classe operária brasileira, brutalmente assassinado por bandidos a serviço da reação do imperialismo americano.

O operário Júlio Cajazeiras, modêlo do militante comunista, era um combatente infatigável da causa sagrada da paz, um patriota, um democrata por inteiro dedicado às lutas que o nosso povo sustenta, com o Partido Comunista e Luiz Carlos Prestes à frente, pela independência nacional, por um govêrno democrático popular.

Júlio Cajazeiras caiu no seu pôsto de honra, sem transigir nem vacilar diante do inimigo, e seu nome se inscreve, por isso mesmo, entre os heróis e mártires do povo brasileiro.

O C. N. do P. C. B. manifesta à família do camarada Júlio Cajazeiras a expressão de sua melhor simpatia e solidariedade, certo de que a sua coragem e abnegação constituem um incentivo ao aparecimento de novos e novos combatentes, que hão de honrar o seu nome e continuar com redobrado ardor o seu exemplo.

CALENDÁRIO

MARÇO

INTERNACIONAL

8 — —— — DIA INTERNACIONAL DA MULHER

18 — 1871 — PROCLAMAÇAO DA COMUNA DE PARIS

BRASIL

25 — 1922 — FUNDAÇAO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. (Reune-se o Congresso de fundação do PCB nos dias 25, 26 e 27 no Rio e Niterói).

EXPULSÃO DE UM TRAIDOR

O Comitê de Londrina do Partido Comunista do Brasil, examinando a conduta de CELSO CABRAL na prisão, resolveu expulsá-lo das fileiras do Partido como vil delator dos seus companheiros de luta.

Celso Cabral, ex-marinheiro, trabalhou durante vários meses neste Comitê, sendo responsável pela tarefa de ajuda aos camponeses de Porecatú, que lutavam em defesa de suas terras e contra o banditismo dos latifundiários e do govêrno. Prêso por facilidades cometidas no trabalho, não soube se mostrar digno do Partido da classe operária e delatou à polícia todos os elementos dêle conhecidos. Assinou, ainda, documentos na polícia em que renegava sua condição de comunista e nos quais se dizia plenamente de acôrdo com as medidas policiais empregadas contra os resistentes de Porecatú.

Em nossas fileiras não há lugar para pusilânimes e delatores. Expulsando, por isso, Celso Cabral do seu seio, o Partido Comunista livra-se de um traidor infame e torna-se ainda mais forte.

O COMITÊ DE LONDRINA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Resolução do C.N. do P.C.B. sôbre as comemorações do 30.º Aniversário do Partido

1. O Comitê Nacional, considerando que a 25 de março dêste ano, transcorre o 30.º aniversário da fundação do P. C. B e reconhecendo que êste acontecimento tem a mais alta significação para a classe operária e todo o povo brasileiro, resolve chamar todo o Partido a comemorá-lo com entusiasmo, audácia e combatividade, empenhando para isso todos os recursos ao seu alcance.

2. Salientando que ao completar ... anos de duras e gloriosas lutas pela emancipação nacional e social do povo brasileiro, o nosso Partido vê cada vez mais aumentar seu prestígio e influência no seio do povo, o Comitê Nacional determina a todo o Partido que para as comemorações do 30.º aniversário do P. C. B. faça uma ampla mobilização de massas, através de festas, atos públicos, demonstrações, comícios, palestras, conferências e outras iniciativas, para o que é necessário desde já planificar a atividade em todos os escalões do Partido.

3. O Comitê Nacional resolve igualmente, que as comemorações do 30.º aniversário do nosso Partido tenham como objetivo principal mostrar à classe operária e ao povo que o P. C. B. é o PARTIDO DA PAZ E DA LIBERTAÇÃO NACIONAL, o único que efetivamente defende os interesses dos trabalhadores e de toda a Nação.

O C. N. considera indispensável, tambem, no curso dessas comemorações desenvolver a mais ampla propaganda do Partido, destacar sua importância e a necessidade histórica de sua existência, reverenciar a memoria e exaltar o exemplo de amor ao Partido, dedicação e sacrifício dos nossos mártires e heróis. Do mesmo modo o Partido deverá empregar o máximo de esforços no sentido de recrutar por todos os meios e através de amplas lutas de massas milhares e milhares de novos militantes para as nossas fileiras, principalmente nas grandes concentrações operárias e camponesas, onde devem ser reforçadas e estreitadas nossas ligações com as amplas massas.

Cumpre ainda a todo o Partido fazer das comemorações do 30.º aniversário do P. C. B. um importante fato de reforçamento e elevação do nível político e ideológico de todos os militantes, intensificando o estudo sistemático dos clássicos do marxismo e da História do Partido Bolchevique, aprofundando o conhecimento da história de nosso Partido, simultaneamente com a aplicação de nossa justa linha política.

4. Visando a rápida e imediata aplicação destas Resoluções, o Comitê Nacional incumbe a Comissão Executiva da execução e controle do plano aprovado na reunião plenária do Comitê Nacional sôbre as comemorações do 30.º aniversário do P. C. B., reafirmando a necessidade de elevar cada vez mais alto a bandeira do nosso heróico Partido, na luta pela paz, a libertação nacional, a democracia popular, o socialismo.

O C. N. do P. C. B.

SAUDAÇÃO DO COMITE' NACIONAL AO CAMARADA PRESTES

Querido camarada Prestes

O Comitê Nacional, reunido para discutir e traçar nossas tarefas atuais na luta pela paz e a libertação nacional, resolve unanimemente enviar-te esta calorosa saudação, reflexo do carinho, do respeito e sincera admiração que todo o nosso Partido e o nosso povo te dedicam.

Ao te saudarmos, nosso entusiasmo, alegria e confiança no futuro não têm limites, sobretudo quando vemos passar o teu 54º aniversário num momento em que as fôrças da paz, sob a liderança da gloriosa União Soviética, são cada vez mais poderosas e crescem impetuosamente.

Não é menor a nossa satisfação, ao nos prepararmos para as grandes comemorações do 30º aniversário do nosso invencivel Partido — o Partido da Paz e da Libertação Nacional —, a cuja frente se encontra um chefe da tua envergadura, — o mais fiel e o mais próximo discípulo entre nós do grande Stálin.

Ao debater os mais importantes problemas da vida de nosso povo, cada vez mais ameaçado de ser arrastado a uma nova guerra pelos imperialistas americanos e seus lacaios nacionais, sentimos quanto é importante a tua ajuda à direção do nosso Partido.

Teu nome é inseparável do nome do glorioso P. C. B., e não é por outro motivo que a reação se desespera e se lança aos mais raivosos ataques e calúnias, à mais feroz perseguição contra a tua pessoa.

O processo fascista contra ti instaurado é bem um testemunho do odio que os inimigos do povo te devotam, mas a repulsa unânime que êle desperta entre as massas serve igualmente para mostrar como és querido no seio do nosso povo e como em teu favor se mobiliza a solidariedade internacional dos povos amantes da paz.

Possuimos o orgulho revolucionário de trabalhar sob a tua direção e sabemos o quanto há de precioso para o nosso Partido como para o nosso povo em sermos educados por ti nos princípios do internacionalismo proletario.

Aprendemos contigo o devotamento, a fidelidade, o sincero amor, a solidariedade à gloriosa União Soviética e a seu grande chefe, campeão mundial da paz, o estremecido camarada Stálin.

Saudando em ti o chefe da luta libertadora de nosso povo, o chefe do nosso invicto Partido, tudo faremos para seguir teu exemplo, assimilar o marxismo-leninismo-stalinismo, prosseguir na luta sem desfalecimentos pela construção orgânica, política, ideológica do nosso Partido.

Sob a bandeira que empunhas, a bandeira da paz, aquela sob a qual conduzimos a luta pela libertação nacional, hão de abrigar-se todos os que desejam um futuro melhor para os nossos filhos.

Tu és para o nosso povo o Cavaleiro da Esperança, estás no coração do nosso povo e daí não poderão arrancar-te os nossos inimigos, por maiores que sejam os seus esforços.

Tu és o forjador da unidade do nosso Partido. Graças a ti aprendemos a reforçar a luta pela unidade ideológica, pela unidade política na defesa intransigente da linha revolucionaria do Manifesto de Agosto, a zelar pela unidade do nosso Partido como a menina dos nossos olhos.

Em torno de ti, querido camarada Prestes, em torno do Comitê Nacional, a cuja frente te encontras, cerra fileiras compactamente todo o nosso Partido.

Abraçando-te com afeto, o Comitê Nacional deseja que vivas longos e longos anos à frente de nosso povo e do glorioso P. C. B., na luta em defesa da paz, pelo pão, a terra, a liberdade, pela Frente Democrática de Libertação Nacional, para a conquista de um govêrno democrático popular, para o triunfo do socialismo.

O Comitê Nacional do P. C. B.

O C. N. expulsa das fileiras do PCB o renegado José Maria Crispim

Resolução sôbre o segundo ponto da Ordem do Dia

O Pleno do C. N. do P. C. B., após debater o informe da Comissão Executiva apresentado pelo camarada Diógenes Arruda, sôbre vigilância revolucionária e sôbre a conduta e atividade anti-partidária de José Maria Crispim, resolve, por unanimidade, expulsar esse elemento das fileiras do Partido como desertor e fracionista, como inimigo da classe operária. Ao mesmo tempo, o Pleno do C. N. resolve, ante o aprofundamento da luta entre as fôrças do campo da paz e do campo guerreiro e os choques de classe que caracterizam a situação atual, chamar a atenção de todo o Partido para o reforçamento da vigilância revolucionária e para a defesa intransigente da unidade do Partido.

José Maria Crispim ingressou no Partido em 1935. Era, há vários anos, sargento do Exército e cursava nessa época a Faculdade Livre de Direito, não tendo participado do movimento armado de 27 de novembro. Preso e expulso do Exército foi mais tarde residir em São Paulo, ligando-se ao trabalho do Partido. Exerceu pouco atividade como militante de base. Com os golpes da reação, que atingiram em 1939 a direção regional do Partido em São Paulo, foi cooptado para êsse organismo. Em 1940 foi preso e condenado, sendo posto em liberdade com os demais presos políticos, em 1945.

Sua atuação partidária caracterizou-se sempre por manifestações oportunistas, ora de direita, ora de esquerda, e por sérias incompreensões sôbre o caráter e o papel do Partido. Em 1937 deixou-se envolver, temporariamente, por elementos fracionistas que tentavam desagregar o Partido. Na prisão, no período entre 1942 a 1945 tomou posição aberta contra a existência do Partido, formando ao lado dos elementos que caluniavam a direção nacional do Partido e que se opunham ao esfôrço organizado do proletáriado pela derrota do Eixo nazi-fascista.

Ao sair da prisão declarou por escrito reconhecer seus erros liquidacionistas, afirmando que a eles fôra levado por "falta de compreensão do que é a disciplina consciente do Partido, do que é o centralismo e a democracia interna, por falta de compreensão do que é o Partido", acrescentando que tudo era devido às influências pequeno-burguesas em sua formação e das quais não conseguira ainda libertar-se. Por indicação do organismo superior foi secretário político do Comitê Municipal de São Paulo e, na III Conferência do Partido, realizada em julho de 1946, eleito para o Comitê Nacional. Nessa ocasião foi criticado e reconheceu que seu trabalho de direção em São Paulo apoiava-se em métodos individuais e tendia à criação de um séquito próprio. Com a viragem da orientação política do Partido, em janeiro de 1948, Crispim adotou posições golpistas e aventureiras no lugar onde se encontrava, à frente do Partido, abandonando a política comunista de massas e substituindo-a pela ação isolada e sectária de pequenos grupos. Severamente criticado pela Comissão Executiva, reconheceu mais uma vez seus erros e a origem dos mesmos — as influências pequeno-burguesas. Após o lançamento do Manifesto de Agosto, que dava ao Partido uma linha efetivamente revolucionária, Crispim incorreu novamente em desvios esquerdistas, passando mais tarde para posições de direita.

Tal, em breve, o roteiro da atuação partidária de José Maria Crispim.

Estas vacilações e as incompreensões sôbre o papel do Partido, umas e outras de fundo pequeno-burguês, não poderiam senão agravar-se ante o desenvolvimento da luta de classes em nosso país e no mundo e da intensificação das dificuldades surgidas dessa própria luta.

Assim, em fevereiro de 1951, no pleno do C. N., Crispim defendeu uma posição tipicamente oportunista em contradição com a linha do Partido. Queria reduzir a atividade do Partido unicamente à luta pelas reivindicações mais imediatas. Votou, todavia, a favor do informe do C. N. Em abril enviou à Comissão Executiva extenso documento no qual fundamentava toda uma plataforma oportunista que, segundo ele, devia substituir a atual linha do Partido traçada no Manifesto de Agosto. Nesse documento, a pretexto de criticar a erros cometidos, levanta calúnias à direção nacional, e procurando justificar as teses liquidacionistas que defendeu em 1942-45, chega a afirmar que o Partido naquela época "se transformou praticamente num instrumento da ditadura de Getulio, dos interesses da grande burguesia e dos trustes norte-americanos".

Simultâneamente, chegaram ao conhecimento da Comissão Executiva informações desabonadoras do comportamento moral de Crispim. Diversas de suas aventuras amorosas foram devidamente comprovadas e constituem faltas graves, inadmissíveis nas fileiras do Partido e particularmente entre seus dirigentes.

Em consequência — e tendo em vista levar os fatos ao conhecimento do órgão superior do Partido — decidiu a Comissão Executiva, após a realização do pleno de Junho do C. N., do qual participou Crispim sem manifestar quaisquer divergências sôbre os informes em debate, exigir dele a comprovação das graves acusações contra o Partido e sua direção e uma autocrítica de suas atitudes capitulacionistas e anti-partidárias.

Procurando justificar-se, Crispim concordou, embora defendendo seus pontos de vista, em cumprir as deliberações tomadas a seu respeito pela Comissão Executiva. Para trabalhar na elaboração dos documentos solicitados, foi posto à disposição da Comissão Executiva, livre de quaisquer outras tarefas.

Em meiados de agosto o secretariado do C. N. tomou conhecimento de que Crispim, violando a disciplina do Partido e apesar da clandestinidade em que vivia, utilizou pessoas da casa em que residia para procurar em S. Paulo alguns elementos do Partido a fim de, com êles, estabelecer relações pessoais e anti-partidárias. O secretariado dirigiu-se a Crispim, marcando prazo para que cumprisse as resoluções tomadas a seu respeito, tendo o mesmo respondido com evasivas. Tornava-se evidente que Crispim não tinha nenhum desejo de cumprir as deliberações da Comissão Executiva e que se as aceitara em palavras, o fizera tão somente para ganhar tempo e enganar o Partido. Ante a insistência pelo cumprimento da resolução, Crispim, em princípios de outubro, dirigiu à Comissão Executiva uma carta em que declarava considerar "arbitrárias e anti-partidárias as Resoluções da Comissão Executiva tomadas a seu respeito" e não se sentir obrigado a cumpri-las, e que resolvera tomar "a iniciativa de trabalhar com responsabilidade pessoal para abrir uma frente de massas de luta pela paz". Com essa carta enviou à direção nacional as chaves da casa onde estava residindo e desapareceu.

Deserta, assim, José Maria Crispim das fileiras do Partido Comunista, insubordinando-se contra os princípios elementares e fundamentais que regem a vida do nosso Partido. Dêste modo fugiu à discussão na Comissão Executiva e no Comitê Nacional das questões que apresentou, fugiu da responsabilidade diante do Partido pelas calúnias levantadas e pelos erros cometidos, fugiu à comprovação dos ataques que fez ao Partido e à sua direção. Não há comunista fora do Partido, não há comunista sem pertencer e trabalhar numa das organizações do Partido. Só é membro do Partido aquele que "considera seu dever fundir seus desejos com os desejos do Partido e atuar em conjunto com o Partido" (Stálin). Separando seus interesses dos interesses do Partido, deixando de atuar no conjunto harmônico do Partido, fugindo de suas responsabilidades perante o Partido, Crispim rompe com todos os laços que o prendiam ao Partido, coloca-se à margem dos direitos e deveres partidários.

Desde que desertou do Partido, Crispim passou a exercer abertamente atividades fracionistas, procurando minar a organização do Partido, particularmente em São Paulo e no Distrito Federal e esforçando-se por criar entre os militantes de base do Partido um clima de desconfiança na direção e de indisciplina no Partido. Ao lado dessa atividade realiza uma campanha dissimulada de descrédito do Partido e de grosseiras calúnias contra os seus dirigentes mais responsáveis.

O Partido Comunista é incompatível com a existência de grupos ou de frações. Expressando os intereses de classe do proletariado e baseado nos princípios do marxismo-leninismo, o Partido é uma soma e um sistema único de organizações, dirigido por um centro único. Não podem existir duas linhas políticas nem dois centros dirigentes paralelos no partido do proletariado. Todos os problemas são oportuna e livremente debatidos, mas, cessada a discussão e a resolução tomada pela maioria é obrigatória para todos, sem exceção: a minoria se submete à maioria, as organizações inferiores se submetem às organizações superiores. Os erros no Partido são superados pelo uso permanente da crítica e da autocrítica.

E' a disciplina um principio básico de organização do Partido. Essa disciplina decorre da própria natureza de classe do Partido e do caráter da luta em que se empenha. Sem disciplina o Partido se veria reduzido a um agrupamento inconsistente, incapaz de dirigir a classe operária e a Revolução. Sem disciplina em suas fileiras o Partido estaria à mercê do trabalho insidioso do inimigo de classe. Disciplina consciente, disciplina igual para todos e livremente aceita pelos que ingressam no Partido e se submetem aos seus Estatutos. Quem viola a disciplina do Partido serve aos inimigos do proletariado.

"O que debilita, por pouco que seja — diz Lênin — a disciplina férrea dentro do Partido do proletariado, ajuda de fato a burguesia contra o proletariado".

Rompendo com os princípios e com a disciplina férrea do Partido, Crispim serve de fato aos inimigos do proletariado e do nosso povo. Coloca-se nas fileiras de todos os que hoje atacam a classe operária e o seu Partido, portanto, na posição de um agente do imperialismo americano. O Partido Comunista é a única fôrça no país que luta consequentemente contra o imperialismo ianque e o govêrno de traição nacional de Vargas, o único que se esforça por congregar o povo em ampla frente pela paz, a libertação nacional e a democracia popular. Os que atacam o Partido e caluniam seus dirigentes estão no mesmo campo da reação, da colonização do país e da guerra.

O fato de Crispim, ao abandonar o Partido, ter-se ligado a Frederico Bonimani, elemento que, segundo o próprio Crispim, em 1941 "capitulou e me indicou à polícia como elemento ligado à Sorocabana", o fato de ter-se ligado igualmente a Leonardo Roitman e a outros tipos semelhantes, expulsos do Partido por indignos de pertencerem às fileiras da classe operária, para com eles organizar um trabalho de grupo contra o Partido, mostra que Crispim enveredou pelo pântano da traição ao proletariado. Daí as infâmias e calúnias, as mentiras mais cínicas que utiliza para desacreditar os elementos mais responsáveis do Partido, tudo visando enfraquecer a vanguarda do proletariado, no momento em que mais dura se torna a luta. Assim como no período de 1942-45, quando o nazismo constituia uma real e grave ameaça aos povos e ao nosso povo, Crispim levantou-se para lutar contra o Partido e sua direção, hoje, quando os imperialistas americanos preparam a guerra e constituem séria ameaça aos povos e ao nosso povo, Crispim levanta-se novamente para lutar contra o Partido e sua direção, ao lado, portanto, dos que têm interesse no enfraquecimento ou desagregação da frente de luta contra o imperialismo e pela paz, que o Partido dirige. E' assim um traidor da causa do proletariado e do nosso povo.

O C. N. do P. C. B., ante tais fatos, resolve expulsar do Partido esse traidor, elemento que se mostrou indigno de pertencer às fileiras do proletariado. Expulsando José Maria Crispim o Partido Comunista cumpre seu dever ante a classe operária e as massas populares que confiam no Partido e dele esperam uma firme direção e orientação segura para suas lutas em defesa da paz, pelo pão, a terra, a liberdade, pela independência nacional e a conquista de um govêrno democrático popular. O Pleno do C. N. está certo de que o Partido assim procedendo só pode ganhar a confiança e o respeito dos trabalhadores que, nesse ato, vêem a seriedade do seu Partido, onde só há lugar para os filhos fiéis e honrados da classe operária e do povo.

O C. N. do P. C. B. chama a atenção de todos os militantes do Partido para a atividade fracionista de Crispim, desenvolvida à base de uma plataforma contra-revolucionária, e os convoca para reforçar por todos os meios a unidade de nossas fileiras em tôrno do Comitê Nacional e do camarada Prestes. E' preciso mais do que nunca ser vigilante e intransigente na defesa da unidade e da disciplina férrea do Partido, na aplicação de sua linha política.

O C. N do P. C. B. chama ainda a todos os militantes para reforçarem a vigilância revolucionária no Partido, localizar e denunciar quaisquer atividades do inimigo de classe em nossas fileiras. Nas condições atuais o imperialismo americano não poupa esforços nem dinheiro para introduzir no Partido do proletariado espiões e provocadores, visando enfraquecer sua ação junto às massas, desviá-lo da justa aplicação da sua linha política e impedir que desempenhe seu papel de vanguarda. Identificar tais elementos e expulsá-los do Partido é tarefa de todos os nossos militantes.

Ao mesmo tempo o C. N. chama a atenção de todos os militantes para a prática da democracia interna, que deve ser estimulada, e para o uso sistemático da crítica e da autocrítica no trabalho, que são as armas do fortalecimento, da coesão e do desenvolvimento do Partido. O membro do Partido desenvolve-se, educa-se e forja-se na democracia interna do Partido, no exame livre e prático de todas as questões da política do Partido e na compreensão e respeito aos princípios partidários.

O pleno do C. N. do P. C. B. determina a todos os organismos e militantes do Partido a leitura e o estudo do informe da Comissão Executiva apresentado pelo camarada Diógenes Arruda — "Reforçar a Vigilância Revolucionária, Tarefa Vital do Partido" — assim como a aplicação das indicações contidas no mesmo.

O Partido Comunista se reforça ao denunciar-se dos fracionistas e capituladores, dos inimigos camuflados em suas fileiras.

Rio, fevereiro de 1952.

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil.

EXPEDIENTE

A CLASSE OPERARIA

Diretor Responsável: MAURICIO GRABOIS

Redação e administração: — Rua Teófilo Otoni, 15, sala 807 — 8º andar — Rio de Janeiro.

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO XXVI — Rio de Janeiro, 1.º de Março de 1952 — N.º 410

SAUDAÇÃO AO CAMARADA ALVARO CUNHAL

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil envia fraternal e afetuosa saudação ao querido camarada Alvaro Cunhal, dirigente querido do combativo Partido Comunista Português e do povo lusitano.

Tua atitude corajosa ante os tribunais fascistas é exemplo e estimulo para o povo português, que luta com bravura contra a ditadura clerical-fascista de Salazar.

O Comitê Nacional do P. C. B. está certo de que a heróica luta da classe operária e do povo português, juntamente com a solidariedade internacional de todos os que amam a paz e a democracia, hão de arrancar-te dos cárceres salazaristas.

Comprometemo-nos a tudo fazer para mobilizar o povo brasileiro em defesa da vida e da liberdade do querido camarada. Nossos dois povos, ligados por históricos laços de fraternidade, reforçam sua amizade tradicional através de nossos Partidos Comunistas na luta comum em defesa da paz e contra o imperialismo americano.

O COMITÊ NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

SAUDAÇÃO AO CAMARADA ANTONIO RECCHIA

Camarada Recchia:

Ao encerrar vitoriosamente seu Pleno com o qual reforçou mais do que nunca a unidade de suas fileiras em tôrno do camarada Prestes, o Comitê Nacional do P. C. B. envia-te uma calorosa e fraternal saudação revolucionária.

E' pela combatividade e heroismo de camaradas como tu, que o nosso Partido demonstra ser o único defensor e guia das grandes massas oprimidas de nosso povo, na luta pela paz, pelo pão, pela terra, pela liberdade e a democracia popular.

Aqueles que conheceram e conhecem tua bravura e tua fidelidade à causa da classe operária e do socialismo se convencem, como os portuários gaúchos, da razão de o P. C. B. ter se transformado na esperança de todos os que em nossa Pátria querem livrar-se da guerra, da exploração e da violência dos imperialistas norte-americanos e dos seus lacaios brasileiros, os latifundiários e grandes capitalistas.

Hoje, quando suportas com valentia as feridas do vil atentado do govêrno de Jobim, realizado com a cumplicidade de Vargas, o Comitê Nacional quer expressar-te, em nome de nosso Partido, a sua homenagem carinhosa e os seus votos de pronto restabelecimento.

Saudação aos prêsos políticos do Brasil

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil dirige afetuosa saudação a todos os presos políticos — homens, mulheres e jovens, patriotas, democratas e partidários da paz.

Ao lado dos que tombaram empunhando a gloriosa bandeira da luta pela paz, sois os dignos continuadores das melhores tradições patrióticas de nosso povo. Enfrentando a brutal opressão do govêrno de traição nacional, não vos abandona a certeza inabalável de que as fôrças da paz deterão o braço sangrento dos provocadores de guerra e de que nosso povo sacudirá o jugo do imperialismo americano.

Manifestando-vos fraternal solidariedade, o Comitê Nacional do P. C. B. reafirma sua decisão de mobilizar o povo brasileiro — tradicionalmente partidário da anistia e da paz — para arrancar-vos dos cárceres e restituir-vos às fileiras dos combatentes ativos pela paz e a independência de nossa Pátria.

O COMITÊ NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.

Mensagem ao Comité Central do Partido do Trabalho da Coréia

Queridos Camaradas:

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil saúda fraternalmente o glorioso Partido do Trabalho da Coréia, dirigente da luta heroica do povo coreano em defesa de sua pátria.

Nosso povo acompanha com a mais ardente admiração e entusiasmo a luta dos valorosos patriotas coreanos e dos bravos voluntários chineses contra os agressores americanos e seus lacaios.

Vossa luta é a nossa luta. Lutais em defesa da paz e da independência nacional contra o inimigo comum de toda a humanidade, inimigo também do povo brasileiro: o imperialismo americano.

Expressando ao povo coreano a afetuosa solidariedade do povo brasileiro, os comunistas do Brasil comprometem-se a intensificar a luta que realizam para impedir que soldados brasileiros participem da agressão ao povo da Coréia.

Viva o heróico povo coreano — defensor da paz e da independência dos povos!

O COMITÊ NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.